UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGED
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

ELISANGELA LIMA MASCARENHAS

A DIMENSÃO DO SAGRADO E OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO NO ESPAÇO ESCOLAR

Vitória da Conquista/Bahia
2023

ELISANGELA LIMA MASCARENHAS

A DIMENSÃO DO SAGRADO E OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO NO ESPAÇO ESCOLAR

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação *Strictu Sensu* em Educação, nível de Mestrado Acadêmico, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, como requisito obrigatório para obtenção do título de mestre em Educação.

Área de Concentração: Formação, Linguagem, Memória e Processos de Subjetivação.

Orientador(a): Prof. Drª Daniele Farias Freire Raic

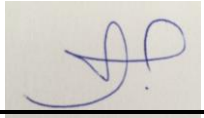
Vitória da Conquista/Bahia
2023

ELISANGELA LIMA MASCARENHAS

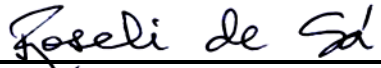
A DIMENSÃO DO SAGRADO E OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO NO ESPAÇO ESCOLAR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Educação, nível de Mestrado Acadêmico, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, como requisito obrigatório para obtenção do título de mestre em Educação.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Drª Daniele Farias Freire Raic
(Orientadora)
Instituição: UESB
(Orientadora)



Prof. Drª. Maria Roseli Gomes Brito de Sá
(Membro externo)
Instituição: UFBA

Prof. Drª Marilete Calegari Cardoso
(Membro interno)
Instituição: UESB

M361d

Mascarenhas, Elisangela Lima.

A dimensão do sagrado e os processos de subjetivação no espaço escolar. / Elisangela Lima Mascarenhas, 2023.
113f.
Orientador (a): Drª. Daniele Farias Freire Raic.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED, Vitória da Conquista, 2023.
Inclui referências. 109 – ?.
1.Educação. 2.Religiosidade. 3. Cartografia. 4. Subjetivação. I. Raic, Daniele Farias Freire. II. Programa Pós- Graduação em Educação – PPGED. I. T.

CDD 370

Catalogação na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890
UESB – Campus Vitória da Conquista - BA

Escrever é lutar, resistir;
escrever é vir-a-ser;
escrever é cartografar,
"eu sou um cartografo..."

Gilles Deleuze

Ao meu infinito amor, painho, ***Sarbélio Dantas Mascarenhas (Abel)****. De todo os meus encontros e conexões, a potência mais linda para meus (a)fazeres e conquistas, a poética intensa dos dias meus. Me deste as Letras e "todo sentimento do mundo", seguirás sendo o autor-ator-protagonista do (meu)universo cartográfico, vida! Porque, a partir do meu sagrado, estás, apenas, um pouco mais além, donde meus olhos não podem ver.*

Prece

Senhor, que és o céu e a terra, que és a vida e a morte! O sol és tu e a lua és tu e o vento és tu! Tu és os nossos corpos e as nossas almas e o nosso amor és tu também. Onde nada está tu habitas e onde tudo está - (o teu templo) - eis o teu corpo.

Dá-me alma para te servir e alma para te amar. Dá-me vista para te ver sempre no céu e na terra, ouvidos para te ouvir no vento e no mar, e mãos para trabalhar em teu nome.

Torna-me puro como a água e alto como o céu. Que não haja lama nas estradas dos meus pensamentos nem folhas mortas nas lagoas dos meus propósitos. Faze com que eu saiba amar os outros como irmãos e servir-te como a um pai.

[...]

Minha vida seja digna da tua presença. Meu corpo seja digno da terra, tua cama. Minha alma possa aparecer diante de ti como um filho que volta ao lar.

Torna-me grande como o Sol, para que eu te possa adorar em mim; e torna-me puro como a lua, para que eu te possa rezar em mim; e torna-me claro como o dia para que eu te possa ver sempre em mim [...].

Senhor, protege-me e ampara-me. Dá-me que eu me sinta teu. Senhor, livra-me de mim.

Fernando Pessoa[1]

[1] Fernando Pessoa. Páginas íntimas e de auto-interpretação. Lisboa: Ática, 1966, p. 61.

AGRADECIMENTOS

“E aprendi que se depende sempre de tanta, muita, diferente gente. Toda pessoa sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas, e é tão bonito quando a gente entende que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá, é tão bonito quando a gente sente, que nunca está sozinho por mais que pense estar”. Busco nos versos da canção de Gonzaguinha as palavras para tentar traduzir como foi, e com quem estive para chegar até aqui.

Foram tantos os auxílios. Pessoas que de longe ou de perto potencializaram-me! Só assim, consegui realizar essa travessia do Mestrado, momento que marca e demarca um ciclo importante da minha vida. Pessoas a quem meu coração transborda em gratidão, amor, respeito tão profundo que nenhuma palavra será capaz de traduzir.

Agradeço a Deus, “Força Suprema” que me acompanhou dias, noites e madrugadas, nos momentos alegres e tristes, ofertando-me a força necessária para a superação dos desafios que se apresentaram no caminho.

Aos meus avós, Eurides Tófalo da Silva Mascarenhas, que do céu protagonizou comigo grafos importantes nessa escrita. Sarbélio Dantas Mascarenhas, com ele comecei esse mestrado, e por ele concluo. Amores da minha vida, base fundamental para os meus voos.

À família, daqui ou de mais além, cada um a sua maneira vibrou por essa conquista.

Aos meus tios, Valdonir Mascarenhas, Conceição Mascarenhas e Maria das Graças Mascarenhas, em quantos silêncios precisaram estar para que eu e a escrita pudessem fluir.

A minha irmã de alma, Mônica Almeida. Sou muito mais porque você existe em minha vida. Quantas jornadas já atravessamos juntas!

As minhas irmãs e irmão do coração, presentes de Deus, Juciara Permínio de Queiroz Souza, Thaislane Silva dos Santos Carvalho, Dalila Fonseca Pontes, Josemary da Guarda de Souza, Simone Silva Santos, Indira Carvalho, Ricardo Ferreira, vocês foram o fôlego quando me faltara o ar, acreditem!

Aos amigos e amigas do CEAK (Centro Espírita Allan Kardec), irmãos e irmãs da *minhasegundacasafamília.*

Aos colegas do CEPMLL, espaço que me acolheu de maneira singular, obrigada pela confiança!

Aos colegas do Colégio Matisse, aqui destaco Lucas Bulhões Nogueira e Silvana Maia, obrigada por tudo que fizeram para que essa conquista se tornasse possível.

A minha orientadora, professora Dra. Daniele Farias Freire Raic, a quem costumo chamar carinhosamente de Dani. Quanta potência, inteligência, criatividade, conhecimento, ética e luz emana dessa pessoa!

À Professora Dra. Maria Roseli Gomes Brito de Sá, à professora Dra. Marilete Calegari Cardoso pela generosidade em lerem esses grafos e as valorosas contribuições na qualificação, em grupos de estudos e aulas.

Aos sabores, queridos estudantes: *Jenipapo, Açúcar Purgado, Mel de Engenho, Amburana, Rapadura, Mel de cacau, Sal, Castanha de Caju, Fubá, Garapa, Juá*, pelas aprendizagens que tivemos e pela disponibilidade na tessitura desse trabalho.

A todos que *entre* as linhas que tecem a vida e o viver *entre*laçam meu caminho.

RESUMO

Este trabalho objetiva cartografar as implicações do sectarismo religioso nos processos de subjetivação de jovens bem como as suas ressonâncias nas práticas curriculares no cotidiano escolar. A religiosidade é entendida como um complexo discursivo, na maioria das vezes produzido institucionalmente, capaz de subjetivar as pessoas em seus modos de *pensar-agir*. No curso deste estudo são propostos como objetivos específicos: 1) identificar as expressões religiosas e suas práticas sectárias nos processos de subjetivação dos jovens; 2) identificar as ressonâncias do sectarismo religioso nas práticas curriculares; 3) discutir os agenciamentos religiosos dos jovens na composição de si. Traz a Filosofia da Diferença como aporte teórico-metodológico, utiliza-se da cartografia como método de pesquisa em Educação e recorre à *grafoconfeitaria* - encontros entremeados pelos sabores, dizeres e pensares - como dispositivo de produção de informações. Trata-se de um texto que se alinha à perspectiva pós-estruturalista, recorrendo, principalmente, aos autores Gilles Deleuze, Félix Guattari e Michel Foucault. *Entre* os estudantes e suas narrativas, *entre* dizeres e pensares, *entre* processos de subjetivação e atravessamentos religiosos e, considerando a religiosidade enquanto linguagem que comunica e produz modos de existência, este estudo deixa ver, através dos movimentos *grafoconfeiteiros*, histórias de vidas atravessadas pelas marcas religiosas que revelam comportamentos preconceituosos, excludentes e submissos a um Deus humanizado por líderes religiosos e por uma política social que não valoriza a diversidade. Assim, expõe um espaço escolar cunhado em imagens dogmáticas de pensamento que produzem "rostos de Deus" resultantes de agenciamentos e processos de subjetivação que envolvem e compõem os corpos sugerindo uma percepção de que os corpos são, ao mesmo tempo, produções e efeitos de agenciamentos maquínicos produzidos social e culturalmente.

Palavras chaves: Educação, Religiosidade, Cartografia, Subjetivação.

ABSTRACT

This work aims to map the implications of religious sectarianism in the processes of subjectivation of young people as well as its resonances in curricular practices in everyday school life. Religiosity is understood as a discursive complex, most often institutionally produced, capable of subjectivizing people in their ways of *thinking-acting*. In the course of this study, the following specific objectives are proposed: 1) identify religious expressions and their sectarian practices in the processes of subjectivation of young people; 2) identify the resonances of religious sectarianism in curricular practices; 3) discuss the religious agency of young people in their composition. It brings the Philosophy of Difference as a theoretical-methodological contribution, uses cartography as a research method in Education and uses *graphoconfectionery* - encounters interspersed with flavors, sayings and thoughts - as an information production device. This is a text that aligns with the post-structuralist perspective, using mainly the authors Gilles Deleuze, Félix Guattari and Michel Foucault. *Between* students and their narratives, *between* sayings and thoughts, *between* processes of subjectivation and religious crossings and, considering religiosity as a language that communicates and produces modes of existence, this study reveals, through *grapho-confectionery* movements, stories of lives crossed by brands religious groups that reveal prejudiced, exclusionary and submissive behaviors to a God humanized by religious leaders and by a social policy that does not value diversity. Thus, it exposes a school space coined in dogmatic images of thought that produce “faces of God” resulting from agencies and processes of subjectivation that involve and compose bodies, suggesting a perception that bodies are, at the same time, productions and effects of agencies socially and culturally produced machines.

Keywords: Education, Religiousness, Cartography, Subjectivation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Registros diários de intolerância religiosa 27
Figura 2 - Intolerância religiosa em escola na Bahia 27
Figura 3 - Chegando em Ibiá 36
Figura 4 - Maria Leal Lopes 38
Figura 5 - Estudantes 40
Figura 6 – O altar 47
Figura 7 – *Grafoconfeitaria água* 51
Figura 8 - *Grafoconfeitaria* ar 52
Figura 9 - *Grafoconfeitaria* fogo 53
Figura 10 – *Grafoconfeitaria terra* 54
Figura 11 - *Grafoconfeitaria* da Zanda 55
Figura 12 - *Cinegrafoconfeitaria* 56
Figura 13 - *Grafoconfeitaria* celebração 57
Figura 14 - Sabores professorais 58
Figura 15 – A dobra 62
Figura 16 - Jogo semiótico 76
Figura 17 - Intolerância religiosa carnaval 2022 no Rio 84
Figura 18 - Constituição da dobra 102

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PPGED Programa de Pós-graduação em Educação

UESB Universidade Estadual do Sudoeste Da Bahia

UFBA Universidade Federal da Bahia

CEPMLL Colégio Estadual Professora Maria Leal Lopes

FACERES Faculdade de Medicina em São José do Rio Preto

LDB Lei De Diretrizes E Bases

TCC Trabalho de Conclusão de Curso

ENEM Exame Nacional do Ensino Médio

UNEB Universidade do Estado Da Bahia

GEFORPEC Grupo de Estudos em Formação, Políticas e Práticas Educativas e Curriculares

OMS Organização Mundial De Saúde

SUMÁRIO

NA *ENTRESSALA* DE UMA ESCRITA: UMA JANELA, VÁRIAS PAISGENS (ou modos de escrever-me e inscrever-me nesse texto, enquanto rasgo a escrita) 17

RASGANDO A ESCRITA: NA POTÊNCIA DO *ENTRE* (*ou modos de prólogo*) 21

1 RACHADURA 1- *ENTRE* AS RACHADURAS DA PESQUISA 25

2 RACHADURA 2 – *ENTRE* AS RACHADURAS DA PRODUÇÃO DE UM TERRITÓRIO 33

2.1 No *entre* caos: afecções com o *lócus* da pesquisa 34

2.2 O porquê do nome Maria e as implicações entre nome e sobrenome 38

2.3 Estudantes *entre* cenas 40

2.4 *Entre* intuição e criação 45

2.5 *Entre* altares, uma *grafoconfeitaria* 47

2.6 *Na imanência*, uma *grafoconfeitaria*.....49

2.7 *Entre as tramas de uma grafoconfeitaria, o esquizodrama*.....51

3 RACHADURA 3 – *ENTRE* ATRAVESSAMENTOS RELIGIOSOS E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO.....59

3.1 *Entre* as dobras dos processos de subjetivação.....60

3.2 *Entre* estilhaços da religiosidade 63

4 RACHADURA 4 – RESSONÂNCIAS DO SECTARISMO RELIGIOSO NAS PRÁTICAS CURRICULARES.....73

4.1 *Entre* pedaços da História, e alguns recortes atuais 73

4.2 *Entre* fios cinematográficos e as cenas reais 78

4.3 Nas entrelinhas curriculares 86

5 RACHADURA 5 – AGENCIAMENTOS RELIGIOSOS DOS JOVENS NA COMPOSIÇÃO DE SI 92

5.1 *Entre* agenciamentos e produção de sentidos.....92

5.2 *Entre* acontecimentos experimentados, uma rostidade.....94

5.3 A composição de si e as rostificações *entre* os corredores do Espaço escolar.....101

UM À PARTE, UM ATÉ LOGO 105

REFERÊNCIAS.....109

Linhas da vida, Acervo de Eliza Bennet[2]

a woman's work is never done"
[o trabalho de uma mulher nunca está completo]

(Eliza Bennet, S.D.)[3]

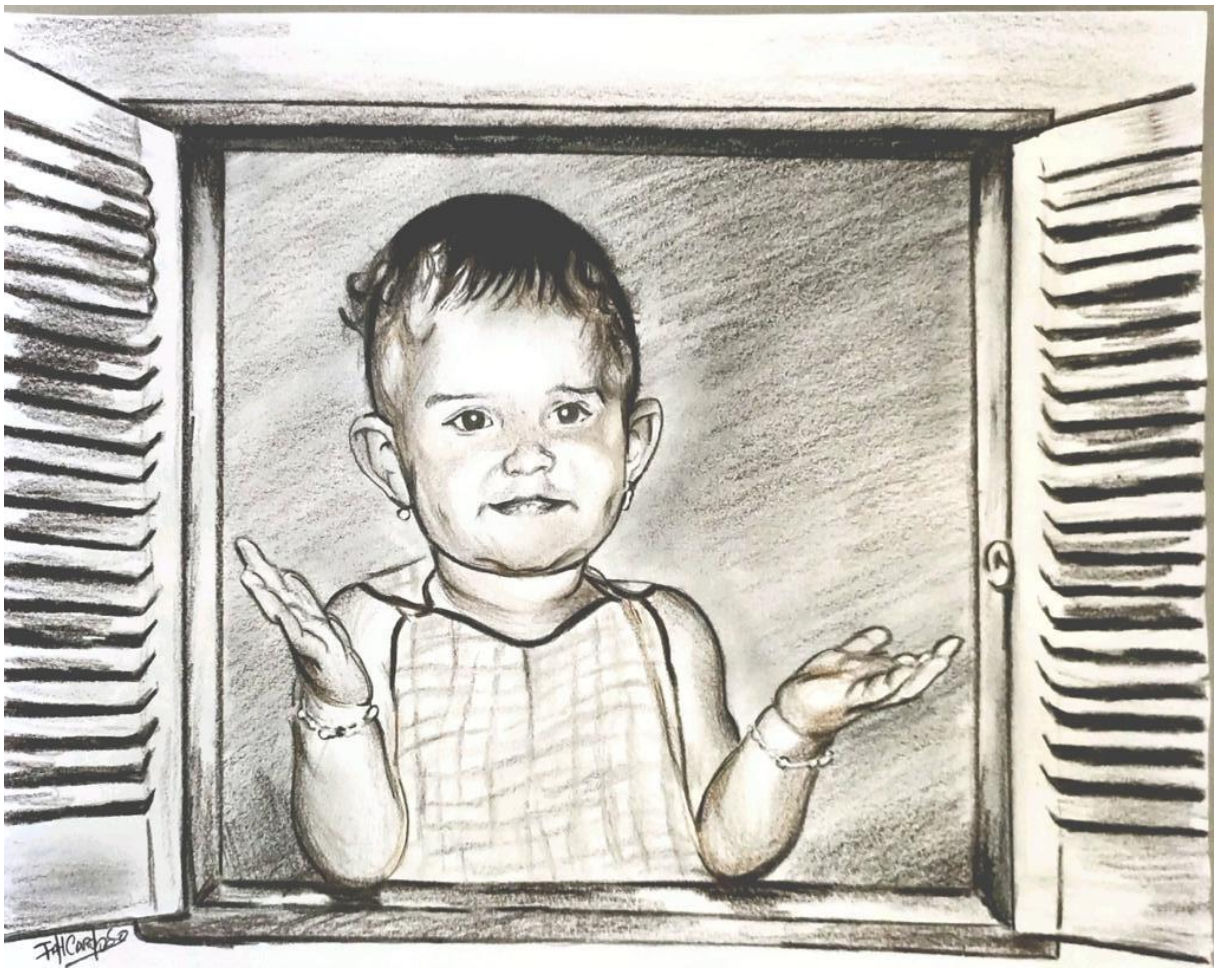
Traço linhas,
Linhas de escrita,
E a vida passa
Entre as linhas

(Deleuze; Guattari, 2012)

---

[2] Usando sua própria pele como tela, a artista britânica Eliza Bennett realizou uma escultura auto infligida, tecida na palma da mão. Considerando a carne como um material de base, Bennett costura cuidadosamente padrões e linhas na epiderme de seu corpo usando linhas coloridas; 'o trabalho de uma mulher nunca termina' resulta em uma mão incrivelmente desgastada, sobrecarregada e cansada. ao usar intrincadas técnicas de bordado - tradicionalmente usadas para simbolizar a feminilidade - e aplicá-las a um contexto de seu oposto, Bennett desafia a noção pré-concebida de que o "trabalho feminino" é leve e fácil. "Através de uma percepção pessoal, eu exploro uma série de questões relacionadas à falta de forma da realidade individual e social", diz a artista sobre o significado de sua escultura efêmera. a peça administrada na superfície de sua pele visa registrar os efeitos do trabalho intensivo, ao mesmo tempo em que chama a atenção para trabalhos mal pagos, como limpeza, cuidado e alimentação, todos tradicionalmente considerados como gênero específico para mulheres (*tradução nossa*).

[3] Disponível em: https://www.designboom.com/art/eliza-bennett-embroiders-a-self-inflicted-sculpture-into-her-flesh-12-27-2013/último acesso: 12/07/2023



Menina na Janela[4], Fábio Cardoso.

Muitos anos de sua existência gastou-os à janela, olhando as coisas que passavam e as paradas. Mas na verdade não enxergava tanto quanto ouvia dentro de si a vida. Fascinara-a o seu ruído – como o da respiração de uma criança tenra -, o seu brilho doce – como o de uma planta recém-nascida. [...]

Clarice Lispector
Fragmento: Perto do coração Selvagem

[4] Desenho realizado pelo amigo e artista Fábio Cardoso.

NA *ENTRESSALA* DE UMA ESCRITA: UMA JANELA, VÁRIAS PAISAGENS
(ou em modos de escrever-me e inscrever-me nesse texto, enquanto rasgo a escrita)

Entre o chão da cozinha e a janela da sala, sinto o perfume da vida, seus fluxos, ritmos e movimentos. Entre cores, sons, construções, espreitas e transformações, olho para a criança que um dia fui. Já estive nesse lugar, na *entressala*, onde fui afetada por diferentes elementos, sentidos e formas; participei de construções e vivi demolições, reconstruindo-me entre fendas, veredas e planos... assim fui constituindo meus modos de ser criança. Escrever é escrever-me [e inscrever-me nesse texto de dissertação]! Naturalmente os grafos misturam-se numa espécie de *biografeitaria*[5] e, no *entrelugar* do meu viver, entrelaço de emaranhados imanentes, pensamentos voam, estremecem...

Entre pensamentos e lembranças, ainda ouço o tilintar dos talheres nas louças... o som frenético do movimento da colher de pau que amassa a massa do bolo e amacia o ritmo dos acontecimentos; sabor e cheiro de meninice entre as chamas do fogo, texturas e temperatura do calor de fornos aquecendo o fermento de vida emaranhada e emaranhando-se entre glaces, caldas, bico pitanga e flor. A minha infância fabricava sabores! Minhas lembranças de menina me remetem a uma casa-confeitaria.

A *eucriança*[6] na janela observava atenta o cheiro da vida que se misturava com gosto de infância, perfume de um tempo que reside entre o ontem e o agora. Vejo, observo e sigo como as águas de um rio que seguem os fazeres e afazeres da Doce Vó, fios de vida prenhe de força e vitalidade. Sim! A vida mostrava-se em doces, mesa posta, enfeitada com flores angélicas em jarro cheio d'água à luz de velas brancas. "Paro" o tempo e sinto no ar a paz contida naquele instante, admirada com a força da fé, atravessada por respeito, amor e devoção a um homem crucificado, congelado no barro em uma imagem de cruz.

O bolo já estava pronto, a casa arrumada, as flores e seu perfume enfeitavam os janeiros, as cantorias, as rezas, os ritos, as preces... um clamor de devoção e fé do meu avô ao Senhor do Bonfim!

Eucriança na janela, atravessada por um sagrado segredo, experimentava a vida, imersa e misturada por todos os elementos imanentes da natureza *humanadivina*.

Eucriança na janela, ontem atenta observadora; hoje, pesquisadora atenta, acompanhando na janela da minha *grafoconfeitaria* os sabores contidos nos fluxos da

---

[5] Escrita que não consigo separar à experiência da arte da confeitaria doméstica vivida com a minha avó e esta pesquisa.

[6] Fragmentos das lembranças da minha infância, um tempo ainda vivo e que me atravessa voluntariamente nessa escrita.

pesquisa. Na infância a confeitaria era a minha real brincadeira. Hoje na *grafoconfeiteira* busco misturar os sabores das escritas e das leituras aos fluxos das experiências. Caminho na direção da espiritualidade que os seres experimentam. Desloco da janela, me coloco à espreita, escrevo histórias como quem enrola doces e passa no açúcar. Entre o doce e o amargo, ácidos tropeços, invenções... misturas, mixagens, artistagens[7].

Deparo-me com outras janelas. Abro-as. Escancaro-as. Atualizo-me e vejo que não preciso estar debruçada em janelas, não preciso nem de portas, nem portais, quero apenas a liberdade da tinta que desenha o papel com palavras experimentadas, nômades. Retorno da criança atualizada, tempo novo que passa! Como afirma Deleuze,

> O eterno retorno só afeta o novo, isto é, o que é produzido sob a condição da insuficiência e por intermédio da metamorfose. Mas ele não faz retornar nem a condição nem o agente; ao contrário, ele os expulsa, os renega com toda a sua força centrífuga. Ele constitui a autonomia do produto, a independência da obra. Ele é a repetição por excesso, que nada deixa subsistir da insuficiência nem do devir igual. Ele é o novo, é toda a novidade (Deleuze, 2006 [1969], p. 138).

Grafoconfeitando, atualizando-me e emaranhando-me cada vez mais com/no existir. Somos, assim, emaranhados passageiros de afetos e afecções, linhas que tecem um mapa que compõe o existir. Dito de outro modo, mudamos conforme somos tomados por outras relações, intensidades. Variamos. Para Deleuze e Guattari (2019),

> [...] indivíduos ou grupos, somos atravessados por linhas, meridianos, geodésicas, trópicos, fusos, que não seguem o mesmo ritmo e não têm a mesma natureza. São linhas que nos compõem, diríamos três espécies de linhas. Ou antes, conjunto de linhas, pois cada espécie é múltipla. [...] (Deleuze; Guattari, 2019, p. 83).

A menina que fui não furta o presente da mulher que venho me constituindo. Recorro a Deleuze (2015, p. 1) para com ele dizer que "a medida em que se furta ao presente, o devir não suporta a separação nem a distinção do antes e do depois, do passado e do futuro. Pertence a essência do devir avançar, puxar nos dois sentidos ao mesmo tempo".

Volto à cruz de madeira, do Senhor do Bomfim de meu avô. Eu não estou mais naquela janela. As marcas da minha religiosidade agora estão presentes em outras paisagens,

---

[7] Conceito criado por Sandra Corazza para se referir, ao mesmo tempo, a uma estética, uma ética e uma política a se inventar; trata-se de fazer arte sem ser artista, uma prática que procura "o não-sabido, o não-olhado, o não-pensado, o não-sentido, o não-dito" (Corazza, 2002, p. 15), ou seja, a artistagem é uma experimentação artística e filosófica que pode ser realizada por qualquer pessoa (alunos, professores, artistas, filósofos etc.) e que busca o não-pensado do pensamento.

infâncias... velhices, outonos de todos os *entretempos*, um universo de linhas se põe em composição com outras tantas linhas, o ser, as coisas, os planos fissuram-se e fazem fluir paisagens outras.

O caminho segue solto, livre e tão caótico quanto a mulher que olha para trás e não precisa mais de gradeados, porque já aprendeu a transformar-se nas fendas, então, voa nos mares, mergulha na terra, queima-se no ar e pousa nas chamas quentes das suas linhas, refúgio em fuga... criação.

Elisangela Mascarenhas (Zanda)

Em minha janela, 2023.

Rachaduras de uma escrita, Elisangela Mascarenhas

Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!

(Cecilia Meireles[8])

Não sei escrever sem primeiro rachar a minha carne.

(Elisangela Lima Mascarenhas)

[8] MEIRELLES, Cecília. Obra Poética. 2. ed. Rio de Janeiro: José Aguilar Editora, 1967, p. 560-561.

RASGANDO A ESCRITA: NA POTÊNCIA DO *ENTRE*

(Ou em modos de prólogo)

Tempo e espaço eu confundo,
e a linha de mundo é uma reta fechada.
Périplo, ciclo, jornada
de luz consumida
e reencontrada.
Não sei de quem visse o começo
e sequer reconheço
o que é meio o que é fim.
Pra viver no teu tempo é que eu faço
Viagens no espaço,
de dentro de mim.
(Trecho da canção "Tempo e Espaço", de Paulo Vanzolini)

Quando criança estava sempre em travessia com a roça, meus finais de semana aconteciam lá. Minha vó acordava cedo, acho que nem dormia, preparando guloseimas *entre* outras coisas. Eu uma observadora ambulante, móvel, inquieta, acompanhava essas cenas cambiantes. Amava (amo até hoje) a chegada dos finais de semana, a natureza estava sempre no meio deste *tempoespaço* e sempre foi o *entrelugar* que atravessara minha infância, como estações que entram e saem num movimento doce e intenso de vida. O *entre* é um conceito caro à Filosofia da Diferença, instaura uma nova lógica no pensamento, rizomática, em que "o rizoma tem como tecido a conjunção 'e...e...e...', há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser" (Deleuze; Guattari, 2019, p. 48).

Minha avó, percebendo minha ansiedade por essas chegadas, sempre utilizava de experiências do cotidiano para me acalmar e ensinar-me alguma coisa em sua confeitaria doméstica. Certo dia ela pegou um copo e colocou um punhado de açúcar branco e um punhado de açúcar mascavo, dizendo: *o tempo que separa o agora do final de semana é o tempo que os grãos que compõem essas pedrinhas de açúcar levam para dissolver. Espera! E enquanto espera, ocupa-se em outras coisas.* O olhar de menina que tinha pressa não entendia aquele ensinamento, entretanto, os olhos de hoje já conseguem enxergar a profunda sabedoria daquela espera.

Entendo agora que aquela observação referente ao final de semana se tratava de um espaço localizado no *entre*; significava muito mais que estar no meio de uma semana que saía e uma semana que entrava; estava nos atravessamentos da ansiedade, da espera de

acontecimentos e na duração que variava na composição dos desejos de uma meninice. Então, “significa que minha própria duração, tal como eu vivo, por exemplo, na impaciência das minhas esperas, serve de revelador para outras durações que pulsam com outros ritmos, que diferem por natureza da minha” (Bergson *apud* Deleuze, 2012, p. 26). Multiplicidades escapam desse tempo, “a duração é sempre o lugar e o meio das diferenças de natureza, sendo inclusive o conjunto e multiplicidade delas, de modo que só há diferenças de natureza na duração – ao passo que o espaço é tão somente o lugar, o meio, o conjunto das diferenças de grau” (Bergson *apud* Deleuze, 2012, p. 26).

Ao iniciar a organização desses pensamentos flutuantes, inquietos, ansiosos, (re)encontro na estante filosófica o eco da voz da minha vó na fórmula de Bergson (2012): “devo esperar que o açúcar dissolva” (Bergson *apud* Deleuze, 2012, p. 26), e o sentido ampliou-se para outros contextos e pensares.

O espaço escolar é um *entrelugar* carregado de potências, singularidades e diferenças. Um espaço de (re)construção, de sentidos, de significações, de acontecimentos. Entre os corpos que transitam, sejam estudantes, professores, gestão, funcionários, pais, visitantes há algo que pulsa, atravessa. Uma explosão de experiências, sentires, pensares, modos de ser e de fazer educação. A escola tem potência de final de semana em que tudo acontece, atravessa, um *tempoduração* intenso. Entretanto, muitas forças vibráteis do existir são silenciadas. A fé, o sagrado de cada um, é uma delas.

Retomando para esse *tempoduração* dos finais de semana, surgem emaranhados neste *entrelugar* composto por afetos, ora em acompanhar meu avô em suas caminhadas pelos pastos e plantações, ora em acompanhar minha avó nos afazeres da cozinha em nosso fogão a lenha e, em qualquer um dos casos, remeto-me à força da fé que os sustentava. E tinha o lugar do meu tempo! Lembro-me como se fosse hoje, *entre* a casa e o pomar, atravessava um riacho, um dos meus lugares preferidos desta minha infância (o outro lugar era o pé de caju, mas agora não tenho tempo para as histórias no cajueiro, sigamos!), esse riacho contornado, bordado de margaridas amarelas, sempre visitadas por borboletas de todas as cores, eu como que encantada acompanhava, assistia suas danças *entre* as pétalas e o ar, invisível, indizível e tão concreto, um *entreespaço* entre a flor e o voo. O riacho, território *entre* um lugar e uma paisagem atravessada por formações múltiplas. Singularidades enroscavam-se nesta intrusa que brincava com flores, distraía-se com borboletas e conversava com girinos. Minha imaginação explodia, ou seria o meu pensar? Acompanhava-os *entre* o espelho d’água seus movimentos rizomáticos rachando a superfície, cavando um território não previsto. E eu ali, *entre* essas coisas...

> Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma *e* outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio (Deleuze; Guattari, 2019, p. 49).

Entre esse *tempoduração* localizo a dimensão do sagrado compondo minhas experiências infanto-juvenis; nas preces diante do altar ao Senhor do Bonfim, nas rezas e imposição das mãos da minha avó sobre a cabeça de alguém aliviando suas dores, como uma das sete crianças do caruru de Cosme e Damião[9], nas homenagens da minha avó a Nossa Senhora[10] nomeando mulheres fortes da minha convivência, minhas tias Maria da Conceição e Maria das Graças, e minha irmã (do coração) Mônica Maria. Na velocidade dos encontros *entre* devires minoritários alojados no campo da religiosidade, quando entre linhas de fuga, reconhecendo que nenhuma linha existe sozinha, fugindo das polarizações, atenta às intensidades, a menina que amava os finais de semana na roça e os festejos religiosos já não é a mesma, encontra-se em novas travessias, num *intermezzo*, *entre* as rachaduras da pesquisa e da pesquisadora que surge na imanência, passado e presente tornando-se um tempo inteiro, como na ideia bergsoniana, em que

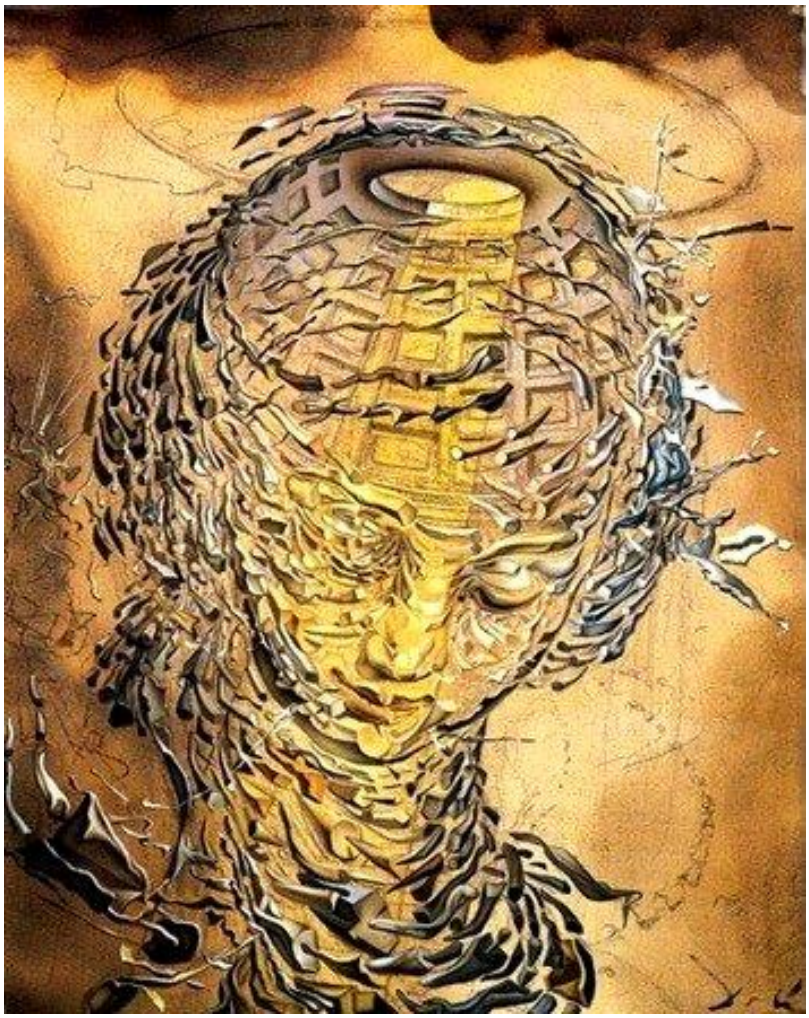
> [...] cada atual presente não é senão o passado inteiro em seu estado mais contraído. O passado não faz passar um dos presentes sem fazer com que o outro advenha, mas ele nem passa nem advém. Eis por que, em vez de ser uma dimensão do tempo, o passado é síntese do tempo inteiro, de que o presente e o futuro são apenas dimensões. Não se pode dizer: ele era. Ele não existe, mais, não existe, mas insiste, consiste, *é*. Ele insiste com o antigo presente, ele consiste com o atual ou o novo. Ele é o em-si do tempo como fundamento último da passagem (Deleuze, 2018, p. 120).

Assim, rasgo esta escrita parafraseando um dos versos de Paulo Vanzoline: para viver *neste entretempo* faço viagens no *entreespaço*, de *dentrofora* de mim. E, ao mesmo tempo, apresento a escritura deste texto em modos de rachaduras, que caminham pelo *entre*...

---

[9] Santos gêmeos médicos na Igreja Católica, conhecidos por serem protetores das crianças, que teriam vivido na Ásia e cuidavam da saúde das crianças gratuitamente, comemorado no dia 26 de setembro. Já na Umbanda e no Candomblé, no dia 27 de setembro são oferecidos carurus para as crianças em forma de agradecimento e de novos pedidos. Disponível em: https://www.brasildefatoba.com.br/2018/09/24/caruru-de-cosme-e-damiao-tradicao-agradecimento-e-fe. Acesso em: 05 ago. 2022.

[10] Em cada país, em cada comunidade, em cada lar católico, Nossa Senhora é invocada das mais diversas formas, com diferentes nomes, atribuídos conforme a fé e a devoção popular. Disponível em: https://d335luupugsy2.cloudfront.net/cms%2Ffiles%2F159099%2F1623263170eBook-Nossa-Senhora-Muitos-titulos-uma-unica-mae.pdf. Acesso em: 05 ago. 2022.



Cabeça rafaelesca arrebentada, Salvador Dalí (1951)[11]

Partir, se evadir, é traçar uma linha.

(Gilles Deleuze e Claire Parnet, Diálogos)

Mas é que também não sei que forma dar ao que me aconteceu. E sem dar uma forma, nada me existe. E - e se a realidade é mesmo que nada existiu?! quem sabe nada aconteceu? Só posso compreender o que acontece, mas só acontece o que eu compreendo - que sei do resto? o resto nada existiu. Quem sabe nada existiu! Quem sabe me aconteceu apenas uma lenta e grande dissolução? E que minha luta contra essa desintegração está sendo esta: a de tentar agora dar-lhe uma forma? Uma visão contorna o caos, uma forma dá construção à substância amorfa - a visão de uma carne em pedaços e distribuí-los pelos dias e pelas fomes - então ela não será mais a perdição e a loucura: será de novo a vida humanizada.

(Clarice Lispector. A paixão segundo G.H.)

[11] Essa foi a primeira vez que Salvador Dalí fragmenta a figura humana em micropartículas, que ele designou "partículas paranoicas". O artista retrata uma cabeça feminina composta por estruturas que às vezes lembram espermatozoides e também chifres de rinoceronte. Há também uma abertura no topo da cabeça da figura por onde entra um facho de luz solar amarelada, o que cria uma atmosfera divina. O quadro foi feito em 1951 com tinta a óleo, mede 43 x 33 cm e está na Galeria Nacional da Escócia. Disponível em: https://www.todamateria.com.br/obras-de-salvador-dali/ acesso em: 08 ago. 2022.

1 RACHADURA 1 - *ENTRE* AS RACHADURAS DA PESQUISA

Racho-me!
Despedaço-me!
Para poder continuar...

(Elisangela Lima Mascarenhas)

Seguir nessa escrita é movimento que me despedaça; é (re)surgir entre as próprias rachaduras, disparar e deslizar na tinta que capta e grafa sistemas "formados por emissões de partículas, que implica um estado de dissimetria, *continuum* de intensidades puras que operam com fatores individuais, em processos de individuação constitutivos de indivíduos" (Corazza, 2006. p. 31). Busco uma escrita artista que vai surgindo dessas fissuras e quer captar "bifurcações, estagnações, avanços, brechas, aceitá-la, recebê-la inteira" (Deleuze, 2013, p. 112); trata-se da "dobra da força" (Deleuze, 2013, p. 120) que venho compondo no meu ato educativo.

A educação e o ato educativo remetem-me a um tempo que tem cor, som, cheiro, sabor e texturas singulares. Independentemente do ponto em que me encontro neste *intermezzo* da estrada, ao relembrar minha trajetória, revisito esse tempo, que é todo sinestésico.

Debruçada entre as rachaduras das minhas lembranças que insistem no entrelaçamento com esse texto (quando as vejo já ganharam forma na folha em branco), revejo agora minha avó preparando o almoço, eu em um cantinho no chão da cozinha *entre* lápis, caderno e papel brincando de ser professora, fazendo educação na cozinha, re(criando) o vivido no *espaçoescola*.

Entre a feitura de um cozido e um pirão, ouço sua voz falando do um mundo em que a oportunidade no universo das letras se fora para sempre com o falecimento de seu pai. No entanto, minha avó, mulher pequena em estatura, gigante em coragem, encantava-me com sua postura potente, um livro vivo de sabedoria, que reconhecia a importância da Educação no fazer humano. Foi ela quem me convidou para nascer sempre, *"porque numa hora ou noutra, a vida traz este convite, minha filha; viver é nascer sempre".*

Viver é um iniciar a vida continuamente e, desses muitos recomeços, a vida se renova oportunizando novas aprendizagens e novos modos de ser, sempre em movimento. Tal compreensão é também evocada por Raic (2015, p. 44), quando diz: "vivemos num mundo em que os mundos são moventes, onde a vida, uma vida, se faz ver através de sua essência

singular, produzida por intensidades que se encontram e fazem acontecer. Tudo é e está em movimento".

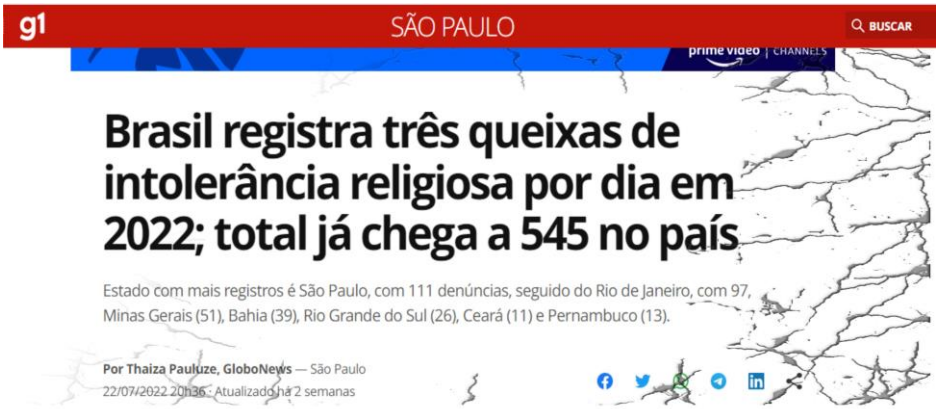
No movimento despedaçado de trinta anos trabalhando na educação, vejo-me produzida por inúmeras intensidades, dentre as quais outra rachadura irrompe ao experimentar diferentes espaços de saber. Sempre observei com profunda inquietação as questões envolvidas nos fluxos da aprendizagem, sobretudo, quando se trata de projetos e de ações educativas, especialmente as de cunho cultural. Não raro, verifiquei silenciamentos e interdições impostas por posturas religiosas intolerantes em diversas direções. Em minhas itinerâncias pude ver pessoas submetendo-se à anulação de si e do outro por inúmeras formas de sectarismos, especialmente o religioso. Percebo currículos modelares, disciplinares, tratados por Gallo (2007) como "um modelo de currículo em que os conteúdos a serem dispostos para aprendizagem apresentam-se na forma de disciplinas", ou mesmo práticas "modeladas para caberem nas gavetas das conveniências" (Mascarenhas *et al.*, 2022).

Essa conjuntura me inquieta e, implicada neste espaço, habitando em diversos níveis desses territórios (educação infantil, ensino fundamental, ensino médio, pós-graduação) localizo a presença do sectarismo nas entrelinhas das pessoas que consubstanciam o espaço escolar ao promoverem interdições não só ao existir de outras e outros, bem como na proibição e na formatação de trabalhos, atividades e projetos culturais.

Minha relação com a religiosidade experimentada com meus familiares sempre fora de uma coexistência pautada no respeito à diversidade, uma espécie de participação com a mente divina numa experiência coletiva e doméstica, potencializando-me enquanto ser no mundo e com o mundo. Tal experiência funciona como dobra[12] que me inquieta quando me deparo com a presença de comportamentos que destilam o sectarismo e o domínio de uma expressão religiosa sobre outras. E, embora na minha formação doméstica eu não tivesse sofrido o sectarismo religioso, o mesmo não acontece nas minhas ambiências profissionais. Os noticiários aumentam a minha inquietação quando me deparo com manchetes que denunciam essa triste realidade experimentada por crianças, jovens e adultos em nosso país, sendo as escolas ainda importantes espaços de intolerância. Vejamos algumas dessas notícias:

[12] Dobra - conceito que se refere à processos de subjetivação que será melhor explicitado na Rachadura 3.

Figura 1 - Registros diários de intolerância religiosa[13]



Fonte: G1 São Paulo (2022)

Figura 2 - Intolerância religiosa em escola na Bahia[14]

Fonte: G1 Bahia

Assim, seguindo o fluxo dessas reflexões, tornou-se imperativo perceber as complexidades que o tema religiosidade nos impunha/impõe. Se por um lado observamos a naturalização de comportamentos preconceituosos e discriminatórios "em nome de Deus", por outro lado não podemos deixar escapar em nossas observações outros ângulos de resistência e poder que a temática envolve. Ciência e espiritualidade/religiosidade, por um longo período, eram consideradas áreas incompatíveis. As divergências de opiniões nesse âmbito ainda persistem, transitam nesse espaço concepções racionalistas e mecanicistas que tendem a depreciar aquilo que não pode ser totalmente medido, antevisto, controlado pela razão.

---

[13] A reportagem na integra disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/07/22/brasil-registra-tres-queixas-de-intolerancia-religiosa-por-dia-em-2022-total-ja-chega-a-545-no-pais.ghtml Acesso em: 08 ago. 2022.

[14] A reportagem na integra disponível em: https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2021/11/26/escolas-baianas-registram-casos-de-preconceito-ataque-armado-intimacao-por-doutrinacao-e-beijos-em-sala-de-aula.ghtml Acesso em: 08 ago. 2022.

Nos últimos anos temos visto que existem crescentes debates que buscam dar impulso às compreensões mais adequadas dessas experiências, tensionando, inclusive, os currículos escolares. Em algumas universidades essa temática já aparece como componente extracurricular e em outras já está incorporada como disciplina obrigatória, a exemplo a Faculdade de Medicina em São José do Rio Preto (FACERES), cujo tema espiritualidade é trabalhado na formação dos estudantes de medicina para lidar com as dores físicas, emocionais e doenças de outro ser humano por meio da disciplina de Finitude e Espiritualidade[15]. A Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) destaca-se como pioneira na Bahia ao introduzir, no semestre letivo de 2018.1, a disciplina Saúde e Espiritualidade, como optativa, e vem sendo ofertada no campus de Jequié-BA. Um dos fatores que se desdobrou nessas iniciativas se dá pelo grande número de estudos que vêm sendo desenvolvidos nas universidades nacionais e estrangeiras, nas últimas décadas. Não obstante, a Organização Mundial de Saúde (OMS) reconheceu oficialmente e inseriu a espiritualidade em seu conceito de saúde. Freitas[16] (2010) traz em seu estudo que

> [...] espiritualidade é o conjunto de todas as emoções e convicções de natureza não material que pressupõem que há mais no viver do que se pode ser percebido ou plenamente compreendido, remetendo o indivíduo a questões como o significado e o sentido da vida, não necessariamente a partir de uma crença ou prática religiosa. Reconhecendo sua importância para a qualidade de vida, a OMS incluiu a espiritualidade no âmbito dos domínios que devem ser levados em conta na avaliação e na promoção de saúde em todas as idades (Freitas *apud* Neri, 2010, p. 46).

Desse modo, defendo a necessária promoção de reflexões coletivas e acadêmicas acerca da sectarização nas produções religiosas e de seus desdobramentos no espaço escolar, por entender o sectarismo como obstáculo ao exercício da espiritualidade, que pode ou não estar expressa numa religião. Contudo, para esse trabalho, preferi o uso do termo *religiosidade*, por entender que a maioria das pessoas ainda busca uma referência sagrada transcendental, como tratarei mais adiante.

Ao trazer a religiosidade para o campo da minha pesquisa, é importante dizer que não irei estudar as formas de religiosidade, tampouco expor semelhanças e diferenças entre elas. Não tenho a intenção de mostrar a distinção entre o cristianismo católico, o cristianismo das

---

[15] "O propósito é despertar nos estudantes um olhar mais abrangente em relação ao paciente, que saibam lidar com a fé – não necessariamente ligada a uma religião – , que traz efeitos positivos sobre quem passa por algum sofrimento, seja físico, emocional ou mental", diz o mantenedor da FACERES, Dr. Toufic Anbar Neto. Disponível em: https://www.terra.com.br/noticias/dino/espiritualidade-e-disciplina-em-faculdade-de-medicina-paulista,a060010f17c36651012cbbd8587aa43dwu8g5zw7.html. Acesso em: 25 jul. 2022.

[16] Professora Anna Cristina Pegoraro de Freitas fez uma dissertação sobre a espiritualidade o sentido da vida na velhice tardia. Ela também coordena o projeto Mais idade com idosos, na PUC Minas.

igrejas ortodoxas orientais e o das muitas denominações protestantes, nem apresentar os deuses africanos ou dos povos originários. Não irei definir, nem contextualizar o judaísmo, o islamismo, o espiritismo ou quaisquer outras religiões. Também não traçarei nenhum percurso discursivo para chegar ao continente asiático a fim de definir hinduísmo, budismo, taoísmo, confucionismo, xintoísmo. Também não é meu interesse descrever as religiões afro-brasileiras, nem mesmo a considerada religião brasileira, a umbanda. Todavia, sinto a importância de grafar, a partir das leituras plurais que realizei, reflexões acerca dos signos religião, religiosidade, espiritualidade e sagrado, que às vezes aparecem como "sinônimos" em alguns discursos ordinários, cotidianos.

Busco inicialmente considerações sobre a conceituação desses signos em autores que traçam conceitos oriundos dos processos de subjetivações que ainda imperam e normatizam corpos. Segundo Willian James (2020), "religião é considerada como uma experiência, como uma vivência, e não apenas como uma crença na experiência alheia". De todo modo, a espiritualidade não tem obrigatoriamente conexão com a religião. Para Giovanetti (2005, p. 136), por sua vez, o termo "religiosidade" "implica a relação do ser humano com um ser transcendente", enquanto o termo "espiritualidade" "não implica nenhuma ligação com uma realidade superior". Para esse autor, a espiritualidade significa a possibilidade que uma pessoa se dá ao autoconhecimento. Ele arremata:

> O termo 'espiritualidade' designa toda vivência que pode produzir mudança profunda no interior do homem e o leva a integração pessoal e à integração com outros homens" [...]. A espiritualidade tem relação com valores e significados: 'o espírito nos permite fazer experiência da profundidade, da captação do simbólico, de mostrar que o que move a vida é um sentido, pois só o espírito é capaz de descobrir um sentido para a existência' (Giovanetti, 2005, p. 137-138, grifos do autor).

Assim, um dos modos, mas, de forma nenhuma, o único modo através da qual a espiritualidade pode ser manifestada é através da religião. Mesmo porque a espiritualidade não precisa estar circunscrita a nenhuma instituição. À vista disso, podemos dizer que a religião é pospositiva à espiritualidade e uma das suas manifestações.

Embora a complexidade dessa questão à delimitação do que seja religião, existem pontos que são bastante comuns: i) a religião é um composto de orientação e um instrumento de devoção; ii) os símbolos religiosos evocam sentimentos, em geral, correlacionado a um ritual; e iii) na religião nos deparamos também com sentimentos e experiências humanas em relação ao que se considera sagrado.

Na imensidão de definições que podem ser levantadas para se entender o que é religião, encontrar-se-ão alguns elementos comuns, como a existência de ritos, mitos, símbolos da cultura e da assembleia social das pessoas, além das normas morais sobre como lidar com a vida, e tudo que a cerca.

Originaria da religião, a religiosidade pode ser entendida como uma experiência pessoal e única. Tais conceitos e conceituações vêm se constituindo histórica e socialmente como um dispositivo de força e poder. Dispositivo entendido aqui, conforme Deleuze (2019), como um complexo discursivo, institucional, que constitui sujeitos e objetos. Desse modo, falar em dispositivo religioso significa falar de todo esse complexo construído e constituído em determinado momento histórico, que subjetiva um tipo de indivíduo bem como induz suas práticas religiosas e não religiosas a alguns processos de sectarismo oriundos dessa trama.

Para Freire (1987 p. 13), "[...] a sectarização é sempre castradora, pelo fanatismo de que se nutre [...]", o que contradiz a premissa de uma educação libertadora. É a partir de tal contradição que me proponho a abrir rachaduras outras e nesse *entreespaço* das minhas andanças surge a questão da pesquisa: ***Quais as implicações do sectarismo religioso nos processos de subjetivação de jovens e suas ressonâncias nas práticas curriculares?***

Esse estudo é um esforço em **cartografar as implicações do sectarismo religioso nos processos de subjetivação de jovens e suas ressonâncias nas práticas curriculares no cotidiano escolar.** Deste objetivo, decorrem os objetivos específicos: **identificar as expressões religiosas circulantes no cotidiano escolar e suas (possíveis) práticas sectárias nos processos de subjetivação dos jovens; identificar as ressonâncias do sectarismo religioso nas práticas curriculares; discutir os agenciamentos religiosos dos jovens na composição de si.**

Opto por olhar para os jovens de ensino médio para o desenvolvimento deste trabalho. Por essa ser uma etapa final da educação básica, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (lei 9.394/96), reporto-me a ela como um espaço para outras travessias. Uma composição de planos, "um conjunto de devires sociais" (Deleuze; Parnet, 1998, p. 107). Espaço de construções para novos voos, novas experimentações e aproximações com o universo acadêmico, profissional e pessoal. Um *tempoduração* que potencializa os jovens transeuntes deste *espaçotempo.*

Alicerço-me no conceito de subjetividade tal como compreendida por Félix Guattari. Para este autor, a "[...] subjetividade não é passível de totalização ou de centralização no indivíduo" (Guattari; Rolnik, 2013, p. 40). O autor argumenta que a subjetividade não implica

uma posse, mas uma produção incessante que acontece a partir dos encontros que vivemos com o outro.

Nesse plano, o elemento Diferença[17] é ponto importante das observações dos territórios existenciais que atravessam esta pesquisa que segue um percurso cartográfico a partir do pensamento de Deleuze e Guattari, além de outros autores da Filosofia da Diferença.

A Filosofia da Diferença é cara ao nosso estudo, primeiro, porque não surge a partir de uma submissão ao que quer que seja, não precisa estar ligada a nada, a diferença pode ser observada de forma independente; segundo, com esse pensamento, Deleuze rompe com o primado da identidade e da representação.

Nesse movimento de escrita, apresentamos o texto ora na terceira pessoa do plural, ora na primeira pessoa, por se tratar de um corpo que fora rachado por muitas vozes, experiências, teorias, debates, aulas, oficinas, projetos, fotografias, imagens, filmes, músicas, poesias, cartas, rodas de conversas, prosas, intensidades que traçam um plano de relações com a religiosidade e suas expressões, manifestações e complexidades.

[17] *Diferença* por ser um conceito pensado por Deleuze será grafado com inicial maiúscula.

Foto: acervo pessoal

Na minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no Universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra qualquer
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura...
Nas cidades a vida é mais pequena
Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro,
Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,
Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para longe de todo o céu,
Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos olhos nos podem dar,
E tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver.

(Fernando Pessoa)

2 RACHADURA 2 – NAS ENTRELINHAS DA PRODUÇÃO DE UM TERRITÓRIO

A aventura da pesquisa ao nos colocar em fluxos intensos, em uma trama complexa, demonstra que lidamos com realidades vivas, moventes. [...]

(Daniele Farias Freire Raic)

Quando nos lançamos no caminho da pesquisa, passamos a experimentar "fluxos intensos em uma trama complexa" (Raic, 2020, p. 40). Um faz-refaz, dobra-desdobra, puxa-estica, racha-fissura. Assim, este capítulo é um circuito que nos leva a discorrer os caminhos metodológicos bem como os dispositivos que foram produzidos na/para esta pesquisa, cujos fluxos que engendraram as escolhas estão relacionados na composição de três territórios: religiosidade, processos de subjetivação, espaço escolar.

Na perspectiva da Filosofia da Diferença, o método da cartografia atravessa o território de pesquisa, encontrando-se com a abordagem pós-investigativa, por se tratar de um método que se conecta com nosso pensamento pesquisante e por tencionar um trabalho inventivo. Nesse sentido, a pesquisa cartográfica nos possibilitou atravessar caminhos não traçados nem pensados previamente, mas que foram se constituindo no plano da imanência, em que "a importância da experiência do pesquisar aponta sua inscrição no plano de forças, que constitui o plano de produção tanto do conhecimento quanto da realidade conhecida. Pesquisadores e pesquisados estão mergulhados na experiência" (Kastrup; Passos; Tedesco, 2016, p. 8).

Deleuze e Guattari (2011) apresentam a cartografia como um dos princípios do rizoma, sistema esse que inspira e movimenta este trabalho. Desse modo, consideramos importante tecer algumas considerações em torno desses princípios, entendendo que conhecer os conceitos pensados pelos autores facilitará a compreensão do método e do que aqui definimos como dispositivos. Assim, seguindo os autores, elencamos:

a) *Princípio da conexão e heterogeneidade*: não há hierarquização, qualquer ponto de um rizoma pode ser/estar conectado a qualquer outro ponto;

b) *Princípio da multiplicidade e da ruptura assignificante*: o rizoma não pode ser reduzido à unidade, será sempre multiplicidade; infere como fundamento a descontinuidade, e não pressupõe qualquer processo de significação, uma vez que "um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas" (Deleuze; Guattari, 2011, p. 25);

c) *Princípio de cartografia e da decalcomania*: incide na perspectiva de que o rizoma pode ser mapeado, cartografado. Contrário à ideia da árvore[18], não há uma centralidade, é mapa, assim, a melhor forma de expressá-lo será através da cartografia. Não segue modelos estruturais, encontrados na decalcomania, que segue a ordem da reestruturação infinita.

A cartografia trabalha com esse *entre* e sugere, diante dos tensionamentos, o entendimento de que o que vive um pesquisador-cartógrafo reside no ato de cartografar o que é movente, por capturar o *entre*, em seus campos de abrangência, e nas relações dos corpos, um ato de extrema sensibilidade e atenção. Como definem Guattari e Rolnick,

> [...] Entender, para o cartógrafo, não tem nada a ver com explicar e muito menos com revelar. Para ele não há nada em cima – céus da transcendência – nem embaixo – brumas da essência. O que há em cima, embaixo e por todos os lados são intensidades buscando expressão [...] (Guattari, Rolnick, 2007, p. 66).

Quando dizemos que a construção dos procedimentos será construída no percurso e não está pronta e acabada, "não se trata de uma ação sem direção [...]" (Passos; Kastrup; Escóssia, 2020, p. 17), significa dizer que não é da ordem do previsto, é da ordem do acontecimento. Então, o que nos interessa não está definido segundo um ponto de partida e o ponto de chegada, mas tão somente nos interessam as desestabilizações desse *entre*, daquilo que vai se constituindo no processo. Eduardo Passos e André do Eirado (2020) dizem: "é pela desestabilização das formas, pela sua abertura (análise) que um plano de composição da realidade pode ser acessado e acompanhado" (Passos; Kastrup; Escóssia, 2020, p. 109).

Com isso encontramos na cartografia um método capaz de nos aproximar das subjetividades que se configuram no campo da pesquisa e, como "não se trata de um método baseado em regras gerais que servem para casos particulares [...] a cartografia é um procedimento, *ad hoc*, a ser construído caso a caso" (Passos; Kastrup; Escóssia, 2020, p. 76). Desse modo, trata de deixar-se afetar pelas intensidades.

2.1 No *entre* caos: afecções com o *lócus* da pesquisa

No meio do caminho tinha uma pedra,
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra

[18] Toda lógica da árvore é uma lógica do decalque e da reprodução[...]. Ela insiste em decalcar algo que se já dá feito, a partir de uma estrutura que sobre codifica ou de um eixo que suporta. A árvore articula e hierarquiza os decalques, os decalques são como folhas da árvore. Diferente é o rizoma, mapa e não decalque. Fazer o mapa, não o decalque (Deleuze; Guattari, 2011, p. 30-31)

no meio do caminho tinha uma pedra.
Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

(Carlos Drummond de Andrade)[19]

Sinto-me como as águas de Heráclito de Éfeso[20]. Sempre estive nas chamas das minhas revoluções produzindo desdobramentos, o aqui e agora me *dis-solviam* e eu já mapeava novas paisagens, do inacabamento à produção de mim, vinculada à experiência do devir; ou seja, de um movimento de transformação que faz da existência um mergulho no caos, em que "o caos não é um estado inerte ou estacionário, não é uma mistura ao acaso" (Deleuze; Guattari, 1995, p. 53). Caos como característica de velocidade, não de desordem. Caos que desfaz consistências, que contém todas as dobras de pensamentos, aberturas para o nascimento e esvaziamento constantes de todas as formas possíveis. Seguindo esse movimento, aconteceram meus primeiros atravessamentos com o *lócus* da pesquisa.

Era um domingo do verão de 2019 quando fluxos velozes me levaram a uma cidadezinha que fora rota dos tropeiros mascates que saíam do Porto de Ituberá-BA, antigo Santarém. Parada certa para refazimento da tropa, no Vale do Rio Gandu. Iniciava-se sua história ziguezagueante entre serras, planícies e lagos como vila que se desenvolveu e emancipou-se em 1989. Lugar com um ritmo diferente da minha cidade natal. Pessoas hospitaleiras rasgam seus espaços, sempre dispostas a "colocar mais água no feijão" para acolher forasteiros como eu. Meu encontro com Nova Ibiá é rizomático, muitos fluxos de minha vida favoreceram a esse encontro e vêm provocando outros atravessamentos. Fui desterritorializada ao ser aprovada no concurso público de 2018 para professora efetiva do estado da Bahia; não imaginava sair da cidade em que nasci e onde venho construindo a minha história. Naquele momento vivia o luto, uma desterritorialização afetiva, a partida inesperada da minha mãe-avó. Mergulhei no caos sem me perder do infinito. Peguei estrada!

A estrada faz parte da alma de quem ama viajar, lançar-se ao inesperado, mesmo quando tentamos traçar rotas, roteiros... O inesperado nos toca, alguns nos preenchem de forma absurda – amo os absurdos! Outros nos lançam para fora, nos distanciando de tudo que

---

[19] No Meio do Caminho, de Carlos Drummond de Andrade. Em Revista de Antropofagia, 1928. Incluído em Alguma Poesia, 1930.

[20] (c. 540 a.C. — c. 470 a.C.) foi um filósofo do período pré-socrático, conhecido como o *Filósofo do devir* por acreditar que a realidade está em constante transformação.

nos é cômodo, confortável... Experimentei o caos! “O caos não existe, é uma abstração, porque é inseparável de um crivo que dele faz sair alguma coisa” (Deleuze, 2012, p. 134). É essa “alguma coisa” que qualifica toda e qualquer viagem em atos de criação, “conjunto de possíveis”!

Figura 3 - Chegando a Ibiá

Fonte: Arquivos da autora (2022)

Chegar e atracar[21] em Nova Ibiá foi uma experiência caótica, desfazimento infinito de consistências, (in)seguranças. Quantas composições surgem das dobras desse encontro, quantas reconfigurações desdobram-se dessas intensidades infinitas. Avistei *no meio do caminho um colégio, um colégio no meio do caminho*. Refiro-me à escola como signo de criação, composição em arte, uma obra de inacabamentos, possíveis (de)formas, desordens, desagregações.

Em Deleuze (2006), o signo é justamente o que nos mobiliza a pensar. Ele é a violência das forças imanentes que, nas tramas dos encontros, potencializam nossas faculdades, escapando-as de seu funcionamento harmonioso e recognitivo, abrindo o pensamento aos processos centrífugos, dissolvendo a familiaridade dele consigo mesmo, enfim, lançando o pensar a seu exterior tão drasticamente a ponto de, no pensamento, erguer novos pensares como diferenciação de si mesmo, assim,

[21] Ter experiência intensa com outras pessoas.

> [...] O signo sensível nos violenta: mobiliza a memória, põe a alma em movimento; mas a alma, por sua vez, impulsiona o pensamento, lhe transmite a pressão da sensibilidade, força-o a pensar a essência como única coisa que deva ser pensada. [...]
> [...] É preciso ser dotado para os signos, predispor-se ao seu encontro, expor-se à sua violência. A inteligência vem sempre depois; ela é boa quando vem depois, só é boa quando vem depois (Deleuze, 2022, p. 96-97).

Uso a paráfrase "no meio do caminho tinha um colégio, tinha um colégio no meio do caminho" para brincar um pouco com esse signo escola. Interessante seguir o ritmo dessa construção drummoniana. Geralmente o verbo "ter" é usado para designar uma relação entre possuidor e possuído. Entretanto, em Drummond, foi empregado no sentido de "haver" ou "existir". Um pensamento dos sentidos sobrepostos, não há exclusão, há composição, afecções. Interessante pensar que "caminho" e "pedra" não têm valor absoluto. Só é possível lhes atribuir valores relativos, isto é, da interação que um cria em relação ao outro. Neste encontro, "caminho" pode ser fluxo, "pedra", a potência que vaza, rompe, cria. Ali, neste *entrelugar*, estava dissolvendo-me e recriando-me mais uma vez.

Atravessar os portões do Colégio Professora Maria Leal Lopes, estar no *entre*, à espreita de acontecimentos (Raic, 2020, p. 44), percorrer seus lugares, sentir sua engenharia, caminhar entre corredores, paredes, tetos, salas, degustar suas acomodações, estabelecer conexões. Afetar-se!

Afetada pela paisagem que compõe o colégio, o nome Professora Maria Leal Lopes me atravessa de imediato: que histórias envolvem este nome? Quantos acontecimentos conectaram com a história dessa professora, desse nome, desse signo? Signos transmitem ideias, sentimentos, pensamentos, experiências diversas e avessas. Não trataremos aqui esses vocábulos circunscrevendo-os enquanto signos linguísticos que apresentam apenas o elemento material, constituído pelo significante, o vocábulo; e o elemento imaterial, a ideia, constituída pelo significado (Saconni, 2011, p. 11). Utilizaremos em nossa escrita o *sentirpensar*, pensar sobre o que nos escapa aos sentidos. Assim,

> [...] Pensar é, portanto, interpretar, traduzir. As essências são, ao mesmo tempo, a coisa a traduzir e a própria tradução; o signo e o sentido. Elas se enrolam no signo para nos forçar a pensar, e se desenrolam no sentido para serem necessariamente pensadas. Sempre o hieróglifo, cujo duplo símbolo é o acaso do encontro e a necessidade do pensamento: "fortuito e inevitável" (Deleuze, 2022, p. 97).

Nessa direção, o "exercício de *sentirpensar* sobre as relações entre a minha singularidade, meus processos de subjetivação e as singularidades e subjetivações de outros" (Domingues, 2017, p. 26) irá compor o mapeamento *entre* afecções e estremecimentos que meu corpo sofreu transitando em movimento nômade na aproximação com o campo e na duração dessa pesquisa.

2.2 O porquê do nome Maria e as implicações *entre* nome e sobrenome

Figura 4 - Maria Leal Lopes

Fonte: Acervo do CEPMLL.

O nome com sobrenome *Maria Leal Lopes* movimenta-se entre a mulher, a professora, o colégio, esse espaço escolar, mundo de inacabamentos. Potências vazando de um mesmo extrato. Pensar neste nome, não como o que se partilha, mas nas coisas sendo repartidas nele: A mulher que cuida de muitos seres, inclusive de si; a professora**,** a alfabetizadora, que inscreveu seu nome em cada pedaço de chão que habita o colégio, entrelaçou-se entre família, jovens, futuro. No entre instantes marcados por infinitos, obras inacabadas, fios tecendo (a)manhãs. Conta-se que ela libertou a diferença das antigas malhas da representação, olhava e via multiplicidades de seres, de formas, de corpos. Todos eram estudantes, mas foram vistos em suas próprias diferenças. A **professora** não excluía a multiplicidade, trabalhou com o singular que cada estudante carrega. Ao sair do *espaçotempo* da matéria devido a um câncer (o que denominamos morte), deixou fios soltos para outras

conexões, outras professoralidades. Quanta potência esse nome com sobrenome redobra em nossas dobras!

O nome sem sobrenome, *Maria*, carrega outros movimentos e pensares, signo marcado pelo oculto, o indizível, o puro (Maria, mãe de Jesus), o sujo (Maria de Magdala), entre o sacro e o pagão, entre o uno e o múltiplo. A *Maria* rainha das águas (Iemanjá), e na travessia com povos originários é habitat (Terra indígena Mãe *Maria*[22]). Esse nome nos é caro não pelo conceito em si, seu significado, mas por aquilo que nos possibilita pensar no espaço aberto, nômade, deixado pelo conceito para a criação de novos pensamentos e composições. Pensar está em travessia nesse *entrelugar*, provoca-me acelerações e desacelerações, convida-me a uma escrita movente, intensa, louca, captada através da percepção por zonas de vizinhança, de fronteiras, por uma linha de fuga. *Maria* é mistura de culturas, sons, sentidos e cores. *Maria* é espaço, lugar, história, transmutação e conexão. *Maria* é travessia, prosa e poesia tão bem desenhadas na canção interpretada por Milton Nascimento[23]

> Maria, Maria, é um dom, uma certa magia
> Uma força que nos alerta
> Uma mulher que merece viver e amar
> Como outra qualquer do planeta
> Maria, Maria, é o som, é a cor, é o suor
> É a dose mais forte e lenta
> De uma gente que ri quando deve chorar
> E não vive, apenas aguenta
> Mas é preciso ter força, é preciso ter raça
> É preciso ter gana sempre
> Quem traz no corpo a marca, Maria, Maria
> Mistura a dor e a alegria [...]

---

[22] A Terra Indígena (TI) Mãe Maria, homologada pelo governo federal em 20 de agosto de 1986, é uma área de 62.488 hectares localizada no município de Bom Jesus do Tocantins (PA). Três grupos indígenas -os Gavião Akrãtikatêjê (da Montanha), Gavião Kykatejê e Gavião Parkatêjê- perfazem o total de 709 habitantes desse território. Disponível em: http://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/pa-povos-indigenas-da-ti-mae-maria-lutam-para-garantir-seus-direitos-e-seu-territorio/. Acesso em: 08 ago. 2022.

[23] Compositores: Fernando Brant / Milton Silva Campos Nascimento
Letra de Maria, Maria © Três Pontas Edições Musicais Ltda, Nascimento Edições Musicais.

2.3 Estudantes *entre* cenas

Figura 5 - Estudantes

Fonte: Arquivos da autora (2022)

Que força estranha produz o ato da escrita, poderia simplesmente descrever, quantificar e localizar os estudantes do Maria Leal: jovens/adultos entre 15 e 40 anos, cujas famílias são, em maioria, dependentes da cacauicultura. Residentes em Nova Ibiá e região, se autodeclaram entre poucos brancos e muitos pardos, índios e negros. Na "dimensão do sagrado", apresentam-se como católicos, evangélicos e sem religião. Alguns demonstram explicitamente intolerância com as religiões de matrizes africanas, expondo comentários preconceituosos e se recusando a participarem em eventos de cunho político-culturais, por exemplo, a "Semana da Consciência Negra".

Não dá para simplificar a descrição dos estudantes porque suas narrativas revelam histórias, acontecimentos, processos de subjetivação. Há dentre essas narrativas certas indignações perante acontecimentos que os envolveram, tal qual o exposto abaixo por um estudante do curso técnico de Administração durante a defesa do seu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso):

> Saio de casa quatro da manhã para estar no ponto às seis horas e pegar o transporte. Permanecendo na escola até as 21h40 da noite, quando pegamos o ônibus de volta para casa. Somos deixados na 'rodagem' por volta das vinte e três horas, para ainda enfrentar mais uma hora e meia de caminhada até de fato nos encontrar em casa e começar tudo de novo. E em um desses dias, para completar o percurso, tivemos que

> enfrentar uma batida policial para ver se estávamos carregando droga. Nenhum estudante como a gente deveria passar por isso...
>
> (E.S. turma de 2019)

São narrativas dessa natureza que nos ajudam a nos aproximar de nossos estudantes, meninos e meninas que desde cedo batalham, passam por renúncias, carregam sonhos e desilusões. A vida tem sido tão difícil que muitos deles já não ousam querer sonhar. A fala de um estudante do 1º ano do Ensino Médio nos chama a atenção. Estávamos trabalhando com a Alegoria da Caverna[24] de Platão, na aula de Filosofia, quando um estudante que já havia se envolvido com drogas de forma intensa pediu a palavra e fez uma analogia "fantástica" com seu quadro de vida:

> Professora, eu vivo nessa caverna, eu até já estive fora, já vi a luz, mas a força da escuridão que me encontro é maior que vontade de ir pra fora... [ele pausa, fixa o olhar em um ponto, depois olha em meus olhos e continua], sinto que vou morrer nessa caverna, meu corpo não tem força, não consigo nem pedir socorro, gritar...minhas pernas pesam. Fui nocauteado, professora, *Deus esqueceu de mim!* (R.S estudante do CEPMLL, grifos nossos).

Essa fala causou-me um impacto grande, primeiro, porque acredito que nenhum jovem deveria experimentar essa sensação; segundo, porque percebia nele tanta potência e, ao mesmo tempo, sentia que o *espaçoescola* não era suficiente para afetá-lo ao ponto de alterar sua itinerância de vida. Eu, professora forasteira, ele, estudante estigmatizado por uma maioria de professores que queria apenas "bater o ponto" ou "cumprir com seu conteúdo", e, ainda, por aqueles escondidos em um "Deus" teológico e arbitrário, que o julgavam e o condenavam com a seguinte sentença: "esse aí não quer nada com a ordem do Brasil". Apesar dessa "sentença", ele era um dos meus melhores alunos em Filosofia; tinha uma compreensão profunda e coerente com os contextos e os textos trabalhados em rodas de conversa, se destacava nos debates e alcançava excelentes notas, no entanto, via-se como um "esquecido por Deus". Era um estudante que pouco permanecia na maioria das aulas, mas não perdia as aulas de Filosofia, sempre presente e participativo. Fora acolhido por mim, visto e ouvido, mas foi sucumbido pelas máquinas capitalistas que capturam potências de vida. Durante a pandemia, no período do *lockdown*, tivemos a notícia de sua prisão por envolvimento em latrocínio. Me senti tão minúscula enquanto professora. Chorei!

Outros estudantes, "contrariando" o ritmo comum, expressam o desejo de deixar o pouso e voar, buscar novos horizontes, "crescer, ser gente", "eu vou ser médica" (fala de uma

---

[24] Texto encontrado no livro *A República de Platão*, tradução de Leonel Vállandro, 2011.

aluna do 3º ano do ensino médio, em aula de Sociologia), como vibrei com aquela fala! Não foi fácil para essa estudante, não passou no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), nem nos vestibulares nos primeiros concursos após a conclusão do ensino médio. Precisou trabalhar em mercadinhos, sorveterias e lotéricas a fim de conseguir algum dinheiro para que pudesse investir em seu "sonho". Conseguiu! Hoje é uma estudante de Medicina "graças a Deus" como ela mesma fala em nossas conversas, via *meet/whatsApp*.

Duas histórias: um "esquecido por Deus"; a outra conquistou seu sonho "Graças a Deus". Em ambos os casos, a presença do sagrado está posta e, com isso, processos de subjetivação estão circulantes. Não há como desprezar os sentidos produzidos pelas subjetividades em seus movimentos de vida, sobretudo, na relação com seus "marcadores de fé". São duas histórias que me ajudam a dizer que a religiosidade é um agenciamento maquínico que produz importantes enunciados nos processos de subjetivação.

[uma rachadura nessa escrita]

Escrever é dialogar com arquivos vivos do tempo, fluxo que nos leva para outros instantes, "é do presente que parte o apelo a que a lembrança responde e é dos elementos sensório-motores da ação presente que a lembrança empresta o calor que dá vida" (Bergson, 2019, p. 93).

Aos doze anos conheci a personagem do livro *Esta Terra é nossa* da escritora Odette de Barros Mott, a professora Veridiana, recém-formada, que chega ao Bairro do Rincão, no Vale da Ribeira. Às voltas de uma população carente, numa região de pouco desenvolvimento, essa professora aprende e ensina a lutar contra a miséria e a ignorância, contra a injustiça e a opressão. A capa do livro traz a ilustração de um jovem descalço em pé ao lado da mesa da professora, residente no espaço rural entre cenas de um cotidiano que salta da imaginação da autora e ocupa nossos dias. Nos *entrelaces* dessas lembranças meu corpo derruba o tempo, "empurrando algo do passado para dentro do presente" (Bergson, 2019, p. 2). Movimento que acontece de forma recorrente na escrita deste texto.

Os "meus" estudantes entram em cena, atravessam as páginas do livro, tencionam acontecimentos. A escrita traça histórias da vida real do cotidiano de muitas famílias, nesse espaço linhas se entrecruzam, misturas de gênero, cultura, costumes, credos. Subjetividades normatizadas, compostas por segmentaridades duras. Nesse sentido, compreendemos que somos constituídos por linhas. Deleuze e Parnet (1998) dizem que "indivíduos ou grupos, somos feitos de linhas, e tais linhas são de natureza bem diversa. A primeira linha que nos

compõe é segmentaria, de segmentaridade dura" (Deleuze; Parnet, 1998, p. 145). Essas são as linhas de identidades, nelas estão contidos os grandes elos (dominantes e hegemônicos) que constituem os indivíduos: raça, classe social, estado civil, orientação sexual. Porém, existem outras linhas que tensionam, fogem, escapam, rompem e flexibilizam essas linhas mais duras, as linhas de fuga.

[continuando...]

Os estudantes em cena neste estudo carregam binarismos, referenciais, territórios (de)marcados, alguns inquietos, dispostos a demolições, outros acomodados, "engessados", aprisionados a subjetividades de efeitos paralisantes, como o estudante na aula sobre a alegoria da caverna. É nesses emaranhados de ritmos e velocidades singulares, e nas intensidades, que procuro neste trabalho que quer cartografar as implicações do sectarismo religioso nos processos de subjetivação de jovens e suas ressonâncias nas práticas curriculares, é que traço o mapa desta escrita.

A escrita seguirá quebrada no formato de rachaduras que se interceptam e se complementam. Planos que vão se constituindo na tessitura de olhares que apreendem, que leem de maneira independente os "agenciamentos[25] maquínicos[26] produtores de enunciados" (Deleuze; Guattari, 2011, p. 64) que acontecem ao mesmo tempo e abrigam um mesmo nível de importância por pertencerem a um todo uno. Assim, entendemos que "todo enunciado é o produto de um agenciamento maquínico, quer dizer, de agentes coletivos de enunciação" (Deleuze, Guattari, 2011, p. 66)

Convivendo nesse espaço potente desde 2019, atravessada por essas intensidades, na condição de professora, tive a oportunidade de organizar algumas vivências e rodas temáticas no início de 2022, assim, para compor nossa pesquisa, "capturei" desses momentos 11(onze) estudantes das turmas do Ensino Médio dos turnos matutino e noturno do CEPMLL, autoidentificados pelos nomes de *Jenipapo, Mel de cacau, Garapa, Mel de engenho,*

[25] Para Goodchild (1996), em seu glossário, trata-se de "um conjunto de partes conectadas que tem uma consistência" (p. 227).

[26] Em relação a máquina/maquínico, Guattari e Rolnik afirmam: "as máquinas, consideradas em suas evoluções históricas, constituem (...) um phylum comparável ao das espécies vivas. Elas engendram-se umas às outras, selecionam-se, eliminam-se, fazendo aparecer novas linhas de potencialidades. (...) no sentido lato (isto é, não só as máquinas teóricas, sociais, estéticas etc.), nunca funcionam isoladamente, mas por agregação ou por agenciamento. Uma máquina técnica, por exemplo, numa usina, está em interação com uma máquina social, uma máquina de formação, uma máquina de pesquisa, uma máquina etc." O desejo é maquínico porque ele produz, é criativo, agencia elementos. Não podemos reduzir essa concepção de desejo ao simples maquinismo, como uma herança de algum tipo de racionalismo ou como uma metáfora de apologia ao mecânico como algo superior ao humano" (p. 320).

Rapadura, Açúcar purgado, Fubá, Sal, Amburana, Castanha-de-caju e Juá. Esses pseudônimos vêm ao encontro do desejo de produzir sabores e saberes para essa *grafoconfeitaria*, por se tratarem de alguns dos ingredientes que protagonizam as receitas brasileiras, ressaltando a importância da nossa cultura, das nossas tradições e memórias. "Consumir é um ato político. Sem demanda muitos ingredientes simplesmente deixarão de existir" (Galvão, 2021, p. 9).

Nas tessituras da confeitaria é preciso ir além das receitas. É fundamental conhecer os ingredientes. Um chocolate, por exemplo, não é só chocolate, mas o encontro de *terroir*[27] e processamentos, além de gorduras e sólidos com diferentes percentuais, que podem afetar o resultado da receita (Galvão, 2021). Nessa direção, na tessitura da nossa pesquisa valorizamos os corpos rachados com narrativas de vivas sensações.

Jenipapo: Estudante do Curso Técnico de Administração do turno noturno, 28 anos. Mulher trans, residente na zona rural de Nova Ibiá. Fez a EJA na instituição e retornou para concluir o curso técnico. Denomina-se sem religião, mas acredita em Deus.

Mel de cacau: Estudante do Curso Técnico de Administração, 17 anos. Portadora de doença nos ossos, na infância sofreu fraturas com frequência, já passou por nove cirurgias levando-a a ficar muito tempo em hospitais. Reside na Zona Urbana de Nova Ibiá. Cristã de berço, por influência de uma tia, sendo a maioria dos seus familiares católica. Nunca conviveu com o pai.

Garapa: Estudante do Curso Técnico de Administração, 17 anos. Jovem de sensibilidade extrema, apresenta sintomas de ansiedade e depressão. Reside na zona urbana de Nova Ibiá.

Mel de engenho: Estudante do Curso Técnico de Administração, 17 anos. Acredita que estamos em constante evolução. Sua dimensão do sagrado revela-se através do Espiritismo. Reside na zona urbana de Nova Ibiá.

Rapadura: Estudante do Curso Técnico de Administração, 16 anos. Aos 5 anos descobriu um câncer raro nos ossos, desde então permaneceu em São Paulo até aos 10 anos para o tratamento. O estudante e a sua família são protestantes. Deus é tudo na sua vida! diz. Reside na zona rural de Nova Ibiá.

---

[27] Pela etimologia, a palavra terroir originou-se de "terr", radical francês também encontrado em termos como terre (terra/solo), terrain (terreno) e terrass (terraço). Seu conceito, de forma mais ampla, traz uma ligação entre fatores como a terra e o espaço agronômico que engloba uma produção. Disponível em: https://www.wine.com.br/winepedia/curiosidades/o-que-e-terroir/ Acesso em: 11 jun. 2023.

Açúcar purgado: Estudante concluinte do Curso Técnico de Administração, 18 anos. Filho de pastor, abraça a mesma religião do pai e já realiza pregações. Reside na zona rural de Nova Ibiá.

Fubá: Estudante do Curso Técnico de Administração, 16 anos. A dimensão do sagrado se dá através da Assembleia de Deus, é Evangélico e filho de pastor. Reside na zona urbana de Nova Ibiá.

Sal marinho: Estudante do Curso Técnico de Administração, 17 anos. A dimensão do sagrado se dá através da Assembleia de Deus, é protestante. Deus é sua maior força. Sua grande dor é o abandono do pai aos 8 anos. Reside na zona urbana de Nova Ibiá.

Amburana: Estudante concluinte do Curso Técnico de Administração, 18 anos. Na infância frequentava a igreja católica com sua avó. Aos 8 anos perdeu sua vó para um câncer, desde então encontra-se "brigado" com Deus. Reside na zona urbana de Nova Ibiá.

Castanha de caju: Estudante do Curso Técnico de Administração, 17 anos. A dimensão do sagrado se dá através da Assembleia de Deus, é Evangélico e filho de pastor. Reside na zona urbana de Nova Ibiá.

Juá: Estudante concluinte do curso Técnico de Administração, 18 anos. A dimensão do sagrado se dá através da sua fé na existência de Deus, Jesus é seu farol. Aos 5 anos de idade ela, seu pai e seu irmão, ainda muito pequeno, experimentaram o abandono da mãe, por quem nutre uma mágoa profunda. Quando criança passou muito tempo em hospitais por apresentar problemas neurológicos que precisam de acompanhamento até os dias atuais.

Com essa mistura bem brasileira entre histórias, frutas, farinhas, adoçantes, especiarias e frutos secos; nossos encontros desenrolaram-se perpendicularizados entre fios criativos, "continuuns de intensidades puras que operam como fatores individuantes, em processos de individuação, constitutivos de indivíduos" (Corazza, 2006, p. 31).

2.4 *Entre* intuição e criação

Seguindo "a aventura da pesquisa" (Raic, 2020, p. 40), os conceitos se presentificam moldurando nosso pensar. Compor na imanência da pesquisa e dos pensamentos que nos atravessam nos convoca a um trabalho intuitivo, inventivo e criativo.

Segundo Deleuze e Guattari (2010), a criação de um conceito em Filosofia acontece em função de um problema verdadeiro no sentido do necessário que nos move, ou seja, não caberia apenas ao filósofo aperfeiçoar e depurar supostamente pré-existentes, mas gerar

conceitos e seus termos, de forma a sair do cárcere dos universais. Evidenciam a importância do conceito como integralidade fragmentária, pois a unidade acarretaria à impossibilidade de mutação e outros usos do mesmo. Dessa forma, a virtualidade abre um campo de atualização como movimento de forças em um lance de dados, o qual desloca o pensar e produz aberturas para a criação. Assim como na arte de produzir problemas, abrir a pesquisa num movimento de experimentação sem aprisionamento à análise, ou seja, operar no t*empoduração* próprio da intuição requer afirmar que "formular o problema, [...] não é simplesmente descobrir, é inventar. A descoberta incide sobre o que já existe, atual ou virtualmente" (Bergson, 2019, p. 20). Um processo intuitivo em que a "invenção dá o ser ao que não era, poderia não ter ocorrido nunca" (Bergson, 2019, p. 20).

Nessa direção, os dispositivos surgem nos possibilitando delinear movimentos desejantes, silêncios, posicionamentos, (re)ações, emoções; aquilo que Deleuze e Guattari chamam de "agenciamento coletivo de enunciação", ou seja, junção de um conjunto de relações materiais a um regime de signos correspondentes, no eixo da horizontalidade, que consiste em delinear as ações e paixões dos corpos, suas atrações e repulsões, e no eixo da verticalidade dos acontecimentos, delinear o que é da ordem do território e das reterritorializações.

Assim, a cartografia nos oferta abertura para a ordem do sensível, da invenção, da intuição e da experimentação. Nesse movimento, a subjetivação é um processo "duplo de desenvolver-se a si mesmo ou de devir outro: o sujeito se ultrapassa, o sujeito se reflete" (Deleuze, 2012, p. 99). Um des-cobrir-*si* e do outro. Assim, trago para este texto um dispositivo criado a partir dos atravessamentos que fazem parte do meu cotidiano e que "crie condições para transformações das relações entre vetores afetivos, cognitivos, institucionais, micro e macropolíticos, acionando movimentos e sustentando processos de produção" (Kastrup; Barros, 2020, p. 80), ou seja "uma série de práticas e funcionamentos que produzem efeitos" (Kastrup; Barros, 2020, p. 81). Daí surge o que venho chamando de *grafoconfeitaria*, como descreverei a seguir.

2.5 *Entre* altares, uma *grafoconfeitaria*

Figura 6 – O altar

Fonte: arquivos da autora (2022)

Uma das minhas características desde a infância fora grafada pela habilidade de criar, inventar. Talvez pelo fato de estar sempre cercada por adultos, precisei fabricar infâncias para acompanhar-me nas brincadeiras. Os cadernos de desenho e de receitas eram meus amigos favoritos, juntamente com minha caixa de trinta e seis lápis de cores (presente ofertado das economias suadas do “meu painho” para alimentar minha alma artista). Eram esses os ingredientes que se multiplicavam em outras cores, sabores e possibilidades através das minhas mãos criativas. A maneira pela qual a “mão” me pertence emoldurou minhas experiências. Com traços criava mundos, com a mistura dos ingredientes criava bolos. Nessas brincadeiras esses elementos estavam constantemente misturados e presentes: a arte, a

confeitaria e o altar do Senhor do Bonfim. No meu mundo "imaginário", esses elementos me inspiravam ora para confeitar um bolo, ora para compor o cenário dessa *casaconfeiteira*.

A Reza do Senhor do Bonfim, assim como os afazeres da confeitaria, me transportavam para um lugar de muitas misturas, criações e subjetividades. O dia da preparação da reza era considerado por mim a própria festa. O dia passava leve, saboroso, entre os preparos dos doces e a arrumação do altar. Uma mistura de tonalidades brancas presentificadas nas toalhas de mesa, nas vestes, nas velas, nas flores angélicas. Quantos cheiros, sons, sabores, texturas misturavam-se e multiplicavam-se para dar o tom desse dia. Assim, a reza acontecia entre essas misturas, uma mestiçagem de cânticos, incensos e orações espalhava-se pelo ar. Fios de instantes que se "repetem", duram, perduram... teceram um "bloco de sensações" (Deleuze; Guattari, 2010, p. 193) e fora construído ao longo dessas experiências um "composto de perceptos e afectos" (Deleuze; Guattari, 2010, p. 194) que excede o vivido, "é sobre repetir tornando algo diferente e evitando a representação" (Williams, 2013, p. 84).

Nesse sentido, tomo emprestada uma boa dose dessa potência inventiva que toda confeiteira possui para esse movimento cartográfico e artístico, entendendo que "a arte não pensa menos que a filosofia, mas pensa por afectos e perceptos" (Deleuze, Guattari, 2010, p. 81).

Segundo Galves e Eleutério (2014), o termo confeitaria advém de um verbo do latim *conficere,* que significa preparar com eficiência. O Universo da confeitaria não está circunscrito nas feituras na cozinha da minha avó. Brota, também, da história de vida do meu avô painho, que sustentou a família durante décadas trabalhando numa confeitaria – Confeitaria Cristal – Ele é exemplo vivo de eficiência, do saber fazer e, principalmente, saber viver com criatividade e muita sabedoria! Assim, dos meus pedaços crio a *grafoconfeitaria*, nasce um nome, emerge um conceito "porque não é uma função científica, e porque não é uma preposição lógica: ele não pertence a nenhum sistema discursivo, não tem referência" (Deleuze, Guattari, 2010, p. 167). A *grafoconfeitaria* "se mostra, e nada mais faz que se mostrar. Os conceitos são monstros que renascem de seus pedações" (Deleuze, Guattari, 2010, p. 167).

A *grafoconfeitaria* é essa fusão de tempo, *entretempo*, é uma aqui que habita outros lugares, é um ontem que se instala no presente que passa, e dura nas intensidades dos corpos que compõem esse espaço. *Grafoconfeitaria,* espaço de misturas, da escrita das receitas experimentadas e em experiência, se na cozinha a confeitaria produz sabores, na

grafoconfeitaria o sabor foi resultado das vozes, narrativas compartilhadas e cartografadas nos jogos e dramas de um esquizodrama, que segundo Hur e Viana (2016),

> [...] funciona como um conjunto de estratégias, táticas e técnicas que buscam atuar sobre os aspectos subjetivos, sociais, semióticos e tecnológicos de seus dispositivos para proporcionar experiências de desterritorialização dos agenciamentos instituídos. [...] Objetiva o protagonismo e a potencialização de seus participantes[...] (Hur; Viana, 2016).

Assim, a *grafoconfeitaria* surge como perspectiva sensível para o esquizodrama, as percepções e os sentidos, sempre plurais e inconclusivos, às novas formas de comunicação e de linguagens, compreendendo a importância que as subjetividades, as sensibilidades e as narrativas emergentes dessa experiência fazem entender, investindo na dimensão do sagrado que cada um tensiona.

2.6 Na imanência, uma *grafoconfeitaria*

A *grafoconfeitaria,* dispositivo que nos convocou a experimentações, funcionou como espaço agregador para receber os estudantes, uma espécie de "cozinha". Território de composições habitado primeiro pela força da *meninanajanela,* da mulher que me tornei e da cartógrafa que vive no acontecimento dessa experiência, como toda força que possui um desejo vibrátil que o atravessa. Seguindo essa conjuntura, propus uma "atmosfera" para tensionar os corpos que movimentaram esse lugar de composições, o que produziu uma estética de tensionamento que se desdobrou em oito encontros com os estudantes, e mais um "encontro especial" com a equipe escolar, como descreverei a seguir.

Utilizei-me dos quatro elementos da natureza (água, ar, fogo e terra) como disparadores para os quatro primeiros encontros com os estudantes, mas, enquanto vivíamos nessa experiência cartográfica nos envolvemos em outros fios temáticos do experimentar! Deixamos fluir. A cada experimentação dos acontecimentos e das experiências narradas na presença do corpo[28], abriam-se fissuras e foi assim que emergiram os outros quatro encontros *grafoconfeiteiros.*

Em uma confeitaria, o cheiro de bolo saindo do forno nos convida a um café com sequilhos, bolos confeitados, *brigadeirizados*, caramelados e também solados. Sim, o bolo sola! Na vida experimentamos um plano de relações e acontecimentos misturados e sobre os quais não temos controle, podemos experimentar glacês passados, doces queimados (pois

[28] Entendendo corpo, como tudo aquilo que é capaz de entrar em relação.

num dia qualquer a mistura pode pegar no fundo da panela), podemos experimentar uma "aprendizagem sensorial e motora" (Certeau; Giard; Mayol, 2013, p. 259) e psicológica. Para tanto, foi preciso estar atenta, entendendo que os sabores dessa colheita foram resultantes das misturas dos ingredientes e da dosagem certa na utilização de cada elemento, seja no nível da temperatura do **fogo**, seja na dosagem da **água**, ou do tipo de **terra** que nutriu as sementes, e do **ar,** que em seus movimentos e vapores afetou e atravessou moléculas e partículas promovendo devires.

Na *grafoconfeitaria* – assim como na confeitaria – os elementos **água, ar, fogo e terra** foram ingredientes/dispositivos que ajudaram a produzir a alquimia das histórias de vidas em travessia com a pesquisa. Espaço com clima de cozinha de casa, como nos dizem Certeau, Giard e Mayol:

> A cozinha pode ser o abençoado lugar de uma doce intimidade, conversas sem nexo travadas a meias-palavras com a mãe que vai e volta para a pia e da pia para o fogão, com as mãos ocupadas, mas o espírito disponível e a palavra atenta a explicar, discutir, reconfortar (Certeau; Giard; Mayol, 2013, p. 259).

Na imanência d*a grafoconfeitaria*, o *eupesquisadora* e os participantes da pesquisa (os estudantes) se misturaram numa composição de saberes, sabores (a e até dissabores!), tornando esses encontros espaços potentes de composição e de produção de *sentidosesabores* outros, afirmando a necessidade de

> [...] desfazer da tentação de vislumbrar nossas delimitações tão nossas, abrindo as dobras em relações para permitir nossa desterritorialização do bom senso que nos isola do mundo em uns "nós mesmos" ensimesmado no senso comum, criando diversos binarismos: eu e eles, sujeito e objetos etc. (Passos; Kastrup; Tedesco, 2016, p. 260).

Não foi minha intenção interpretar os sentidos e sabores produzidos por nós, autores e atores neste estudo, mas experimentar os sabores que advêm da mistura dessas experiências *grafoconfeiteiras*. Assim, com a "fome" para continuar experimentando os devires na feitura da *grafoexperiência*, nossos encontros foram registrados pelo dispositivo artístico da fotografia, registrando as cenas e os cenários onde ocorreram a movimentação corporal, as afecções e as expressões afetivas, em frames[29] esquizodramáticos.

---

[29]Nesta pesquisa utilizamos como ideia organizadora que dá sentido ao tema e organiza o espaço. O Frame oriunda de uma teoria da comunicação que estuda os efeitos midiáticos, a partir de matrizes cognitivas e culturais, interagem com os esquemas mentais dos jornalistas e da audiência, são "quadros" ou "molduras"

2.7 *Entre* as tramas de uma *grafoconfeitaria,* o esquizodrama

Entre as tramas de uma *grafoconfeitaria*, vimos emergir um esquizodrama, "máquina fundamentalmente energética, destinada a vibrar e a fazer vibrar aqueles que dela se aproximam e a engajá-los em um movimento produtivo, que não passa exatamente pelas ideias nem pelas palavras, passa pelos afetos" (Baremblitt *apud* Hur, 2022, p. 12). Nessa perspectiva, a composição do ambiente fluiu. Em todos os encontros construímos cenários, a fim de articularmos "uma trama de bricolagens saberes e fazeres dos mais diversos, atingindo a compreensão e manejo das forças de um inconsciente molecular coletivo" (Hur, 2022, p. 20).

Assim, em nosso **primeiro encontro**, intitulado *Grafoconfeitaria Água*, utilizamos como disparador o elemento água[30]. Para tanto, espalhamos pela sala imagens e objetos, organizando cantinhos com a presença desse elemento compondo cada detalhe. Entre uma prosa e outra, servimos nesse dia a soda italiana, bebida feita a partir de uma combinação de água com gás, xarope e frutas.

Figura 7 – *Grafoconfeitaria água*

Fonte: Arquivos da autora (2022)

associados a "pacotes interpretativos" (Gamson; Modigliani, 1989) a respeito de questões tematizadas midiaticamente.

[30] A água é um componente de grande importância desde os primórdios e, logicamente, as religiões a usam como um símbolo divino e sagrado. As simbologias da água estão presentes em diversas religiões: a) **Cristianismo:** na religião cristã, a água tem relevância no rito do batismo. Nele, as pessoas são submersas em algum rio, piscina, mar etc. Quando voltam à superfície são novas criaturas, na medida em que deixam a velha criatura nas profundezas da água; b) **Judaísmo:** percebe a água como o início de todas as coisas. O nascimento de tudo; c) **Islamismo:** para o islã, a chuva (água) é uma dádiva divina que Deus manda para quem tem fé; d) **Cultura indígena:** para as diversas religiões indígenas, a água representa o sagrado feminino e a fluidez da vida; e) **Budismo**: na crença budista, a água aparece como àquela que fecundou a Terra; f) **Candomblé:** na religião de matriz africana, a água é símbolo do sagrado, porque no ventre materno fomos sustentados por ela; g) **Espiritismo:** na concepção espírita, a água pode ser um meio de cura, pois pode ser magnetizada e transformada em remédio.

No **segundo encontro**, intitulado *Grafoconfeitaria Ar*[31], foi a vez de o elemento ar contornar nossos movimentos. O ambiente foi composto por uma decoração com tons claros, objetos de diferentes texturas – almofadas, sofás, tapetes, sino dos ventos – objetos de decoração que emitissem sons suaves e, para algumas crenças, melhorar a energia da casa através do vento. Ainda utilizamos vaporizadores de ambiente e plantas aéreas. Os estudantes tiveram seus olhos vendados e, em fila, foram direcionados para a sala. Encontrando-se neste ambiente, receberam orientação para movimentarem-se ao som da canção Cura meu olhar[32]. Para o lanche montamos uma mesa com iguarias que pudessem perfumar o ambiente, com frutas e sucos. Os estudantes permaneceram com os olhos vendados a maior parte do encontro, comeram e beberam (sem saber do que se tratava até a degustação). Assim, a sala de conversa desenrolou, os estudantes dentro dessa experiência compartilharam suas impressões, emoções e sensações.

Figura 8 - *Grafoconfeitaria* ar

Fonte: arquivos da autora (2022)

Nosso **terceiro encontro**, denominado *Grafoconfeitaria Fogo*[33], o elemento fogo aqueceu o ambiente. Construímos um caminho com pequenas chamas de velas acesas que

[31] O vento está em toda parte e três quartos da vida do nosso planeta dependem do ar para respirar e se alimentar. Segundo a Bíblia, o poder do Pai se manifesta por meio dos quatro ventos, pois Ele sopra onde quer. Na passagem de Pentecostes, o vento representou a ação do Espírito Santo, que aconteceu após a ascensão de Jesus ao céu. Disponível em: https://www.paieterno.com.br/2022/07/28/os-quatros-elementos-naturais-segundo-a-biblia/. Acesso em: 12 jul. 2023.

[32] Composição: Camila Menezes. Banda Dolores 602. Álbum Cartografia (2018). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Rvu-2iGmwbM&t=45s Acesso em: outubro de 2022.

[33] Purifica, aquece e ilumina. Na Bíblia, o símbolo do fogo é utilizado para descrever a identidade e a ação de Deus. Pelo fogo, o Pai Eterno manifestou-se a Moisés e revelou-se como libertador do povo escravizado. O fogo expressa força, paixão, indignação profética; alastra-se facilmente, como se alastra a boa notícia da ressurreição.

direcionava até a localização da nossa roda de conversa, o espaço estava policromático com destaque para as cores laranja, vermelho e amarelo, ao som de pequenos estalos de pavio misturados entre pequenos pontos brilhantes de calor. Nesse encontro servimos acarajé, prato tradicional da nossa Bahia. Importante registrar que a palavra acarajé é originária da língua africana ioruba: *akará*, significa bola de fogo; e *je*, significa comer. Esta iguaria é servida como oferenda a um orixá no terreiro de candomblé. Assim, nessa fusão de sabores e cores nossa roda de conversa esquentou!

Figura 9 - *Grafoconfeitaria* fogo

Fonte: arquivos da autora (2022)

Para o **quarto encontro**, denominado *Grafoconfeitaria Terra*[34], a base para a disposição estética do ambiente foi o elemento terra. Assim, distribuímos pela sala objetos de

Disponível em: https://www.paieterno.com.br/2022/07/28/os-quatros-elementos-naturais-segundo-a-biblia/. Acesso em: 12 jul. 2023.

[34] Manifestação da criação. O elemento terra abrange todos os animais, as árvores, montanhas, cavernas, pedras, plantas, flores, raízes, frutos, rochas, minerais e a terra, propriamente dita. Segundo a Bíblia, a terra expressa a força, estrutura e poder das obras do Pai. É por meio dela que temos abrigo e alimento; é por meio da terra que

barro, caqueiros com plantas, os tons marrom e verde predominaram no ambiente. No centro da roda de conversa colocamos sobre uma mesa uma quantidade de argila para livre manipulação caso sentissem vontade, enquanto aconteciam as prosas. Nesse dia preparamos um delicioso café sertanejo, no serviço tinha raízes e bolos de produtos da terra.

Figura 10 – *Grafoconfeitaria terra*

Fonte: arquivos da autora (2022)

O **quinto encontro**, que intitulamos *Grafoconfeitaria da Zanda* (o primeiro que emergiu das fissuras dos encontros anteriores, como dissemos), e, diferente dos já descritos, não utilizamos os elementos da natureza como disparadores. Assim, a composição do espaço surgiu a partir do meu vivido, (re)criei minha confeitaria doméstica, com doces e tortinhas dispostas em aparelho de louça, pedestal *cake* e suporte baleiro. Para tanto, as lembranças, os relatos, as narrativas (auto)biográficas constituíram nosso cenário discursivo, em bricolagem, num imenso mosaico de emoções humanas. Foi o encontro com revelações fortes, intensas, emocionantes.

Ele guia nosso caminhar. Disponível em: https://www.paieterno.com.br/2022/07/28/os-quatros-elementos-naturais-segundo-a-biblia/. Acesso em: 12 jul. 2023.

Figura 11 - *Grafoconfeitaria* da Zanda

Fonte: Arquivos da autora (2022)

O **sexto encontro** se desenrolou a partir da apreciação de fragmentos pré-selecionados de dez filmes[35] contendo atravessamentos religiosos. As imagens em movimento ganharam a cena num cenário monocromático, com configurações que se aproximaram de uma sala de cinema, com o cheiro e o sabor de pipoca; refrigerantes e outras guloseimas ajudaram a compor a *Cinegrafoconfeitaria*, como denominamos esse momento. Antes da exibição dos vídeos, que teve a duração de aproximadamente de 35 minutos, informei aos estudantes os dados referenciais dos fragmentos dos filmes utilizados. Assim, para além de entreter, os filmes foram disparadores das nossas conversas através das impressões e emoções, que emergiram nesse entrelaço de espectador em relação ao objeto filme. Após as discussões e trocas, os alunos foram convidados a pintar numa tela o 'rosto de Deus' segundo suas crenças, experiências e formas de perceber o sagrado.

[35] As sinopses dos filmes encontram-se em anexo.

Figura 12 - *Cinegrafoconfeitaria*

Fonte: Arquivos da autora (2022).

O **sétimo encontro**, *Grafoconfeitaria da Rostidade*, teve como finalidade específica a apresentação das telas produzidas no encontro seis. Nossa roda de conversa foi atravessada por conteúdos como abandono, morte, salvação, justiça, intolerância, e outros temas que nos ajudaram a mapear e traçar o rosto de Deus. Construímos nesse encontro uma espécie de rede discursiva a partir do vivido de cada um. Desse encontro, seguimos em direção ao **oitavo encontro**, denominado por nós de *Grafoconfeitaria Celebração* e, para esse último encontro, confeccionamos um almoço à luz de velas e mesa posta. Esse encontro surgiu da necessidade de celebrar a finalização do nosso ciclo de encontros e pesquisa, compreendendo que as tramas não cessam de acontecer, pois o "tempo trabalha os corpos, a heterogeneidade que opera nos corpos(afetos) e no limite dos corpos(sentido)" (Zourabichvili, 2016, p. 99), e os fios (pro)seguem...

Figura 13 - *Grafoconfeitaria* celebração

Fonte: Arquivos da autora (2022).

Desses encontros *grafoconfeiteiros* com os estudantes surgiu a necessidade de um encontro *especial* com a equipe do CEPMLL. Desse modo, produzi e encaminhei um convite para a equipe, convidando-os para uma roda de conversa seguida de delicioso almoço baiano no espaço escolar. O momento aconteceu final de dezembro de 2022, quando os alunos já estavam em fase final das recuperações. Recorri mais uma vez à arte, utilizando como disparador em nossa roda de conversa a confecção de mandalas.

Nesta *grafoconfeitaria*, direcionamos no primeiro momento nossos convidados a uma espécie de relaxamento, na tentativa de desconectá-los um pouco das preocupações domésticas e manterem o foco. No segundo momento, após as considerações iniciais, partiram para as produções das mandalas. Esse momento contou com a presença e participação de seis professores; três membros da equipe gestora e um funcionário. Vale destacar que o convite fora direcionado para toda a equipe, que conta com um total de vinte e duas pessoas. As produções ocorreram entre brincadeiras, conversas, reflexões, sabores professorais. Assim, os participantes puderam grafar, entre objetos e outros elementos, a dimensão do sagrado que os atravessam. Grafei esse encontro com o nome – *Grafoconfeitaria Sabores Professorais.*

Figura 14 - Sabores professorais

Fonte: Arquivos da autora (2022).

Desse movimento inventivo, *entre* encontros singulares e potentes, reinventei-me incessantemente enquanto professora pesquisadora, quantos saberes circularam nesse e a partir desse espaço *grafoconfeiteiro*, quantos sabores foram produzidos e ainda produzirão nas linhas que sucedem! Assim, os fios dessas linhas da escrita e seus devires nos rondam e nos convidam a continuar.

3 RACHADURAS 3 - *ENTRE* ATRAVESSAMENTOS RELIGIOSOS E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO

Denim Wrinkle Technique[36]

[...] *Escuto o perfume dos rios.*
Sei que a voz das águas tem sotaque azul.
Sei botar cílio nos silêncios.
Para encontrar o azul eu uso pássaros.
Só não desejo cair em sensatez.
Não quero a boa razão das coisas.
Quero o feitiço das palavras.

(Manoel de Barros, O retrato do artista quando coisa)

[36] Tradução: Técnica de rugas de jeans. Disponível em: https://inspi.com.br/2019/10/artista-usa-retalhos-de-jeans-para-criar-obras-de-arte-impressionantes/

3.1 Entre as Dobras dos Processos de Subjetivação

A subjetividade se faz por dobra. Mas há quatro dobras, quatro pregas de subjetivação – tal como os quatro rios do inferno. A primeira concerne à parte de dentro[...] A segunda dobra é a da relação de forças, no seu sentido mais exato[...] A terceira dobra é a do saber, ou dobra da verdade[...] A quarta dobra é a do próprio lado de fora[...]

(Gilles Deleuze)

Há verdade[37] contida nesses traços, linhas, emaranhados entre correntes e cadeados? "Escrever é uma arte", alguém já deve ter dito isso, desconheço a autoria, mas reconheço como máxima verdadeira, experimento o desafio de transcrever ideias, reflexões, descobertas, questões e pintá-las em palavras que como pinceladas em tela compõem uma obra de arte.

Há quem diga que pintar é complexo. Complexo é escrever! Bem, mas estava eu a falar sobre verdade(s) e, distrações à parte, continuemos. É fato que não sei se estou organizando um conjunto de verdades através das palavras, ou se as palavras (es)colhidas, expressarão verdades (des)construídas. A *artistaautoraConfeiteirapesquisadora*[38]... quantas dúvidas! Quem sou eu nesta escrita? Qual a minha verdade? Sobre quais verdades escreverei? Até que ponto a minha verdade cortará a verdade do outro nas linhas desta dissertação? Que discursos me atravessaram até aqui?

Salto à escrita, distraio-me e ouço minha avó dizendo uma das suas "verdades" religiosas: "Na sexta-feira da paixão não podemos comer carne vermelha, é pecado!", apesar de me posicionar na contramão dessa fala/verdade, visto que me sirvo de qualquer carne na "semana santa", exceto peixe. Na verdade, não como peixe em época alguma. Nunca apreciei esse alimento. É verdade! Mas, surge outro pensamento: não como peixe para afrontar a verdade imposta por minha avó, ou a verdade imposta por minha avó tornou-se minha verdade na direção oposta à sua?

Nessa problemática que envolve, entre inúmeros aspectos, sujeito e discurso, lemos em Foucault: "em nossa cultura, em nossa civilização, numa sociedade como a nossa, há certos discursos que, institucionalmente ou por consenso, são reconhecidos como verdadeiros a partir dos sujeitos" (Foucault, 2019, p. 12). O que nos escapa pensar que na esteira da história da humanidade o homem vem produzindo certos discursos 'ditos verdadeiros' referentes ao sujeito que, independentemente de seu valor universal de verdade, são

[37] A palavra verdade aqui será utilizada para referir-se sobre subjetividades cristalizadas como verdades que movem/limitam ações humanas.
[38] Na altura desse texto já não consigo limitar-me, por ser tantas sem deixar de ser inteira. Simplesmente vivo e grafo minha imensidão.

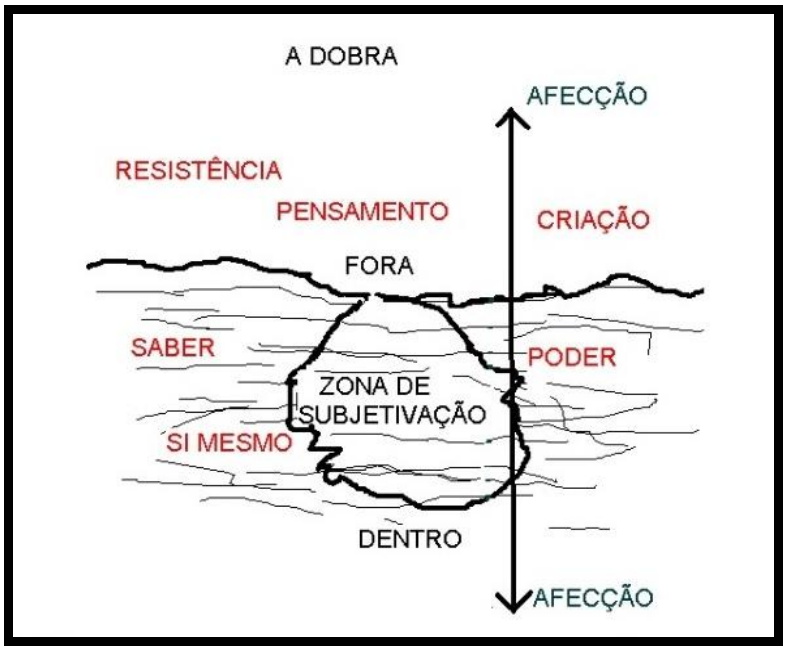
absorvidos em ações da vida humana como verdades, estabelecendo relações de poder. É nesse movimento *entre* discursos que ocorrem os processos de subjetivação nos sujeitos.

Então, quando a minha avó afirmava que "comer carne vermelha na semana santa é pecado", deixava ver que ela foi submetida a "discursos, independentemente de seu valor universal, [que] têm o peso da verdade e são aceitos como tais". Assim, a subjetivação consiste justamente no processo constitutivo dos sujeitos, processo de produção da subjetividade que possibilita, nessa acepção, a objetivação dos sujeitos. Para Foucault (2019), todo processo de subjetivação é, ao mesmo tempo, um processo de objetivação. Processos situados no campo das forças dos discursos e dos corpos que ele denominou de "jogos de verdade". O emaranhado deste campo é o mesmo que delimita as fronteiras por onde a subjetividade surge. A subjetividade não é construída no "interior" do campo social, uma vez que se compõe fundamentalmente em relação às forças do fora (campo das multiplicidades). Nessa direção, a subjetividade é um interior e um exterior que compõem um exterior do interior: a dobra. Tão bem traduzida por Deleuze (2019b)[39], quando diz que "é sempre do lado de fora que uma força é afetada por outras. Poder de afetar ou de ser afetado, o poder é preenchido de maneira variável, conforme as forças em relação" (Deleuze, 2019b, p. 89).

Nesse movimento pensante, a subjetividade pode ser entendida como uma dobra do fora entendendo esta como um campo inumano, uma multiplicidade de forças, que vai ao infinito com velocidades e movimentos que escapam à vista. A dobra é como uma prega de tecido, ela não é diferente do tecido, ela acontece no tecido. Assim, o processo de subjetivação é o modo como nosso corpo se conecta com determinadas "coisas". Possuímos interioridades produzidas socialmente por encontros, cujos efeitos produzem afetos, modos de existência. Do modo como nos compomos deriva o modo de nossa existência. As dobras, as dobras sobre dobras, as redobras, as redobras das dobras em dobras... Observemos:

[39] Livro Foucault capítulo TOPOLOGIA: "PENSAR DE OUTRA FORMA" item As estratégias ou o não estratificado: o pensamento do lado de fora (poder).

Figura 15 – A dobra[40]



Fonte: Laboratório de sensibilidade (2022).

A imagem que abre este capítulo é uma obra da artista Deniz Sagdic, que se apropria de pedaços de tecido – especialmente o jeans – assim como pedaços de fios, alumínios, embalagens de medicação e outros elementos para compor suas obras. Dobra, desdobra, redobra, corta, (des)enrola, torce, alinhava, costura e aos poucos, materializa composições, que dão vida a imagens quase fotográficas, ricas em detalhes, uma verdadeira obra de arte. O material utilizado não perde sua natureza, apesar de assumir outras formas, mas constitui-se desenganchada, suas dobras, dobramentos ou redobramentos (Deleuze, 2012) produzem outros modos de existência.

Pensando na religiosidade como dobras da linguagem, que tanto apresenta aspectos potencializadores quanto aspectos despotencializadores da subjetividade, e, pensando também como uma mecânica de (re)produção de pequenos deuses, "de um discurso por vir – sobre o que está-para-vir e a repetição. Axioma: nada está-para-vir sem herança e possibilidade de repetir" (Derrida, 2018, p. 65), então a religiosidade (re)surge em cada momento histórico como um retorno, reativação de vestígios adormecidos, produzindo sentidos em indivíduos e gerações que chegam e saem num movimento incessante, herdeiros produzindo heranças (Vattino, 2018).

Heranças de verdades numa mecanização linguística que chamamos de "*mecânica* pelo fato de reproduzir, com regularidade de uma técnica, a instância do não vivo ou, se

[40]Disponível em: https://laboratoriodesensibilidades.files.wordpress.com/2016/03/a-dobra-subjetividade.jpg. Acesso em: 20 jun. 2022.

preferirmos, do morto no vivo" (Derrida, 2018, p. 70). Corpos com movimentos orgânicos, destituídos de movimentos pensantes atravessados por signos. Corpos acomodados, como se estivessem numa cama de gravetos sentindo os incômodos que essa exposição produz, mas incapazes de locomover-se, realizar outro movimento (pensar!).

Assim, nessa minha itinerância docente, observo nessas produções de signos religiosos nas/das pessoas a composição de uma linguagem. Podemos dizer que a religiosidade quer, que ela se comunica e que produz modos de existência.

3.2 Entre estilhaços da religiosidade

> [...] *A vida atualizava-se em doces, mesa posta, enfeitada com angélicas em jarro cheio d'água a luz de velas brancas. "Paro" o tempo e sinto no ar a paz contida naquele instante, admirada com a força dessa fé, acompanhava o respeito, o amor e a devoção por um homem crucificado, congelado no barro em uma imagem de cruz. O bolo já estava pronto, a casa arrumada, as flores e seu perfume enfeitavam os janeiros, as cantorias, as rezas, os ritos, as preces... um clamor de devoção e fé do meu avô ao Senhor do Bonfim!* [...][41]
>
> (Elisangela Lima Mascarenhas)

Implicada *entre cantorias, rezas, ritos, preces, devoção do meu avô ao Senhor do Bonfim!*, os janeiros com a minha família foram atravessados pela Reza do Senhor do Bonfim. Movimento que envolve muitas histórias em que me deleitava ao ouvi-las quando criança, sensação de recreio na escola, sentada em volta de uma grande mesa de fórmica, os enredos desenrolavam-se acompanhados entre uma xícara de café e bolinhos de chuva. Essa prática religiosa fora herdada da relação do meu bisavô Custódio com a espiritualidade, pelo meu avô painho Sarbélio Dantas Mascarenhas, criando assim *modos de existência* a partir dessas experimentações. Movimento que vem se repetindo e repartindo-nos de variadas formas e possibilidades em outros espaços, estilhaços de uma fé *entre* encontros "que nos recortam em todos os sentidos" (Deleuze; Parnet, 1998, p. 146).

Na *grafoconfeitaria* água, "O encontro entre corpos" (Hur, 2022, p. 104) gerou "regimes de composição e potencialização mútua e coletiva com a presença de afetos alegres" (Hur, 2022, p. 104), assim, seguindo o ritmo das conversas, como acontece nas confeitarias, outros temas ganharam cena na roda temática já descrita. Assim, estar em campo é "desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado" (Passos; Kastrup; Escóssia, 2020, p. 57). As modulações e os movimentos são permanentes nessa

[41] Trecho retirado da seção: Na *entressala* de uma escrita: uma janela várias paisagens.

pesquisa, todas as direções são possíveis entrelaçamentos, “autopoeisis que não segue um modelo instituído, uma norma ou cópia” (Hur, 2022, p. 105). A novidade passa a compor, quer se encontre longe ou na vizinhança.

O sagrado que atravessa os corpos no espaço escolar não é um enquadramento, não é um sistema fechado, os corpos revelam outros dramas potencializados no/com o sagrado. Chama-nos atenção este depoimento:

> Eu sou uma pessoa trans, porque no decorrer do dia, eu fico pensando: eu sou o que? Aí eu penso, eu sou um ser humano. Aí, eu fico... semana *retrasada*, eu *tava* na questão do nome. (...) Porque, meu nome na identidade, era Salomão [pseudônimo]. Eu troquei por Maria [pseudônimo]. E aí, quando me aceitei a ser quem eu sou e decidi ser quem eu sou, não aceito ninguém me chamar como Pote. ‘Ô gente, Pote é o que? Um objeto. Não é nome. Aí, todo mundo tem que me respeitar. Então, desse dia pra cá, eu me vejo como uma mulher, não me vejo como homem. Me olho no espelho e vejo muitas características sim, **porque Deus me fez homem, na verdade**. **Mas, eu me considero mulher** (*Jenipapo, Grafoconfeitaria água,* grifos nossos).

Essa fala nos lançou ao encontro de diferentes circuitos que atravessam o espaço escolar em ‘discursos de verdades’ que (des)potencializam os corpos. Plano no qual a experiência de corpos *outros* se produz numa inteligibilidade que escapa da estreiteza heteronormativa, anulando a gênese de um corpo aberto às conexões e vibrações, além do estabelecido, consentido social e historicamente. Muitos corpos sofrem “asfixiamento emocional”, anulação de potências. O diálogo que discorreu das falas anteriores nos ajuda a perceber os efeitos desses processos de subjetivação nos corpos:

> - Se sente sufocado, né? (*Mel de Engenho, Grafoconfeitaria* água).
>
> - A gente tem medo do julgamento (*Jenipapo, Grafoconfeitaria água*).
>
> - Ia falar disso agora. Se a gente se basear na opinião do outro, sem falar de opção sexual, nem religião de ninguém, a gente tá sempre querendo agradar todo mundo e se **encaixar num padrão**. Aí quando percebe que as pessoas ao nosso redor não concordam com aquilo, **a gente acaba desistindo de ser quem realmente é**. Inclusive, parabéns por ter seguido até o fim, porque eu tenho certeza que não é todo mundo que consegue (*Açúcar de engenho, Grafoconfeitaria água,* grifos nossos).
>
> - Exatamente (*Mel de cacau, Grafoconfeitaria água*).
>
> [palmas]
>
> - Muitas pessoas têm medo de serem mortas. Quantas pessoas ameaçam... (*Sal marinho, Grafoconfeitaria água*).

Observamos nesses discursos rachaduras que traduzem o quanto o espaço escolar assim como as instituições sociais se valem dos mecanismos de controle para produzir/ajustar as subjetividades. Esses discursos produzem e compartilham enunciados, repetindo subjetividades que invalidam a capacidade dos corpos. Como nos diz Silvio Gallo (2017),

> A educação tem sempre se valido dos mecanismos de controle. Se existe uma função manifesta do ensino – a formação/informação do aluno, abrir-lhe acesso ao mundo da cultura sistematizada e formal -, a inserção do aluno no mundo da produção, adaptando-se ao seu lugar de máquina. A educação assume, desta maneira, sua atividade de controle social. E tal controle acontece nas ações insuspeitas (Gallo, 2017, p. 81).

Aqui evoco e grafo as provocações formuladas por Deleuze (2002) a partir de Espinosa: O que pode um corpo? De que é capaz um corpo? Tanto para Espinosa quanto para Deleuze o corpo é uma força de composições que se funda na relação constante com outros corpos. Não podemos negar as relações de poder na escola, na família, nos templos religiosos, são espaços caracterizados como um agenciamento que, ao atualizar uma "máquina abstrata", estabelece uma forma de conexão entre indivíduos, fazendo funcionar uma engrenagem complexa, produzindo certo tipo de indivíduo. A máquina abstrata, segundo o conceito de "diagrama" de Foucault, que vaza as formações discursivas, é um mapa das relações de poder exercidas em determinados espaços. Por sua vez, o "agenciamento" equivale ao conceito de "dispositivo" e se refere ao espaço físico em que as relações de poder são operadas. Discursos que são repetidos constantemente, gerando comportamentos, estabelecendo crenças. Tais crenças podem ser incorporadas como "verdades" gerando "culpa(s)". Atualmente nos deparamos constantemente com corpos afetados por doenças do campo mental no CEPMLL. Vejamos este diálogo:

> - Gente, eu não tinha cabelo. Pense aí num **cabelo ruim,** que a sociedade olhava assim... Eu tinha vergonha, eu usava peruca. Não sei se *Amburana*, que me conhece, visualmente, creio que só *Amburana*... Não sei se vocês já me viram... eu usava peruca! E a vergonha que eu passava? Ah, meu irmão, é complicado! Viver é complicado também. Não é fácil não. Você viver ali, diariamente, com piadinhas, com críticas... Tem hora que você tem que se fazer de que não ouviu nada, mas tem hora que tem que falar. [...] pra gente saber respeitar e dar a resposta no momento certo (*Jenipapo, Grafoconfeitaria água*, grifo nosso).
>
> - A escola te respeita, né? (Mel de engelho, Grafoconfeitaria água).
>
> - **Agora,** respeita. (*Jenipapo, Grafoconfeitaria água*, grifo nosso).

> - Infelizmente, na maioria dos casos, o preconceito já vem no âmbito familiar. Que era pra você ter o maior apoio. Da sua família, da sua criação... e isso acaba discriminando e piorando e até trazendo um trauma. É complicado conseguir passar por isso e superar *(Açúcar purgado, Grafoconfeitaria água).*
>
> -Às vezes o apoio que você espera dentro de sua própria família, você acaba encontrando em pessoas de fora, que você menos esperava *(Mel de cacau, Grafoconfeitaria água).*
>
> [pausa]
>
> - Já sofri tanto nessa vida. **Minha mãe é pastora, ela conhece a religião, claro**! Meu pai sem educação nenhuma, como se diz, da "era das cavernas". Do tipo "é pau, é pau, é pedra, é pedra". Agora, imagine aí, **suportar uma pressão de um lado e do outro. De um lado, o religioso; e do outro, o tradicional.** (*Jenipapo, Grafoconfeitaria água,* grifos nossos).
>
> - Mas, até hoje você passa por isso? *(Mel de engenho, Grafoconfeitaria água*).
>
> - Hoje, eles me aceitam. Mas, demonstram que não gostam (*Jenipapo, Grafoconfeitaria água*).

Esses discursos nos ajudam a perceber os agenciamentos sofridos pelos estudantes que transitam no espaço escolar, indivíduos que já chegam rachados por experiências e conflitos oriundos dos processos de subjetivação que advêm de seus lares e da sociedade de maneira geral. Mas, a escola muitas vezes reafirma esses agenciamentos ou, ainda, silencia, como se não fossem processos de formação. São Indivíduos que brigam com a igreja, com as pessoas e com sua religiosidade; mas que buscam "Deus", como aquele que não julga, que é compreensível e amoroso. Para esses indivíduos, há uma desesperada necessidade da existência "desse 'Deus" nas entrelinhas dos seus discursos. Para alguns, Deus é a força que os impulsiona na direção das realizações dos seus sonhos, para assim passarem a ter um *lugar nessa vida bruta*, pois cada um "está num processo de devir contínuo, de mudança, de alteração permanente" (Brito; Gallo, 2016, p. 142). Esperam por Deus; não esperam atitude da escola. Vejamos:

> Eu sei que a salvação quem dá é Deus, não é nenhum aqui de nós. Gente, Deus salva é o coração e nossas mentes. Então, seja uma pessoa pura. Que nem 'nós vê' aí, preconceituosos, hipócritas... Deus quer que a gente transmita paz, é dar o pão ao próximo. É isso aí (*Jenipapo, Grafoconfeitaria água*).

Nesse espaço esquizodramático, os mapas de relações foram efetuados no plano concreto desses corpos aprendizes durante os encontros, portanto, todos os elementos traçados, os mecanismos abstratos são atualizados nos agenciamentos que, por sua vez, efetivam visivelmente essas relações de poder.

> - Eu acredito, Zanda, em coisa assim, espiritualmente, sabe? Quando a gente deposita nossa fé em Deus e muito se movimenta e a gente vê o agir de Deus, o espírito. Eu não sei se vocês *é* assim, mas todas coisas que eu peço a Deus, eu tenho resultado. Apesar de que eu erro muito, mas... (*Jenipapo, Grafoconfeitaria ar*).
>
> -E o que é errar pra você? (A autora).
>
> **- Errar é não fazer os mandamentos Dele**. Eu acho assim, que não seguir a Palavra. Aí a pessoa já tá desonrando (*Jenipapo, Grafoconfeitaria ar,* grifo nosso).
>
> - [...] o nome mandamento é muito forte. Entendo as pessoas que acham que não podem seguir tal mandamento, porque a gente tem que seguir do nosso modo. Na sociedade, **as pessoas querem impor até a forma que a gente tem que respirar**. As pessoas querem mandar na nossa vida (*Açúcar purgado, grafoconfeitaria ar,* grifo nosso).

Percebemos nessas falas um espaço fronteiriço que os estudantes herdaram dos ambientes sociais, que muitas vezes são reafirmados no espaço escolar e as heranças históricas de civilizações do ocidente europeu, que expressam através do dualismo *certo* e *errado*, expressos em suas posturas e discursos. Há uma espécie de ajustamento social em nome de Deus.

Na obra *Diferença e Repetição*, Deleuze (2018a) procura mostrar, então, que herdamos das civilizações do ocidente europeu um pensamento racionalista, ou seja, um pensamento que privilegia certas categorias em detrimento de outras. Então, o pensamento vai ser estruturado a partir de oito postulados, dentre os quais aqui destaco apenas quatro:

a) *Postulado da suposição da linearidade do pensamento*: como se o pensamento buscasse sempre a verdade e o verdadeiro conhecimento;
b) *Postulado do bom senso*: como se o bom senso fosse direito do intelecto, ou seja, como se todos já tivessem o bom senso estipulado no intelecto;
c) *Postulado da representação*: o da representação vem de Descartes com a ideia do "Eu penso", como meio de garantir a unidade das faculdades do intelecto;

d) *Postulado do modelo recognitivo do pensamento*: o processo de reconhecer as coisas no mundo. Esse modelo enfatiza que reconhecer é na verdade conhecer e delimitar.

Delimitar o mundo em uma dualidade é dizer que algo pode ser reconhecido ou não. E aquilo que não pode ser reconhecido passa a ser descartado. Nesse universo de dualidades, enquadramos toda a realidade, e dentro desse pressuposto do que é e do que não é, busca-se estabelecer a identidade das coisas. É justamente o conceito de identidade que se contrapõe ao conceito de *Diferença*.

O conceito de identidade traz uma concepção de estabilidade no mundo, porque à medida que posso conhecer as coisas através do aparato recognitivo e que essas coisas têm uma identidade, elas são algo, permanecerão as mesmas, assim, não cabe espaço para mudanças, para o devir, o movimento. Essa incapacidade para a mudança Deleuze vai chamar de *essência*, ou seja, o que forma o caráter e esse permanece estável ao longo do tempo, o *caráter moral*. Nessa lógica de pensamento, criamos os modelos ideais a serem alcançados, o modelo da mãe ideal; da família ideal, do profissional ideal, do religioso ideal...

Com esse pensamento, ficamos o tempo inteiro tentando nos enquadrar, caber nesses *lugares*. Então, o pensamento de Deleuze vai em direção à ideia de que a Diferença nunca foi pensada por ela mesma, esse pensamento sempre esteve numa relação de oposição.

Essa herança de pensamento da representação propõe pensar o diferente dentro do processo recognitivo, classificatório, buscando a identidade sempre a partir de um ponto referencial. Então, a diferença será a partir do que é igual, idêntico ou semelhante. Com isso a diferença vai ser considerada negativa, porque aquilo que difere não pode ser entendido pelo aparato cognitivo, então, não poderá ser analisado, nem considerado.

Deleuze, no âmbito da Filosofia da Diferença, traz uma nova forma de entendimento, traz o inverso, diz que é preciso deixar o mundo da estabilidade, o mundo do reconhecimento para pensar o mundo de movimento, da transformação, do *devir*. No conceito da Diferença proposto por Deleuze, a única fixidez são as mudanças e os movimentos das coisas e dos seres. Ele vai nos dizer que nós somos seres que vivem no tempo e que acompanham as mudanças do tempo (Deleuze, 2018a).

Em todos os períodos da história, essa relação humana com a espiritualidade foi uma questão tangente, vivenciada de diferentes formas em um movimento de significação, que pode ser compreendido como uma forma de produzir com o mundo uma relação que tem por objetivo principal reconhecê-lo. Esse referencial religioso estabelece conexão com o espiritual. Então, a civilização de alguma maneira tem uma referência no espiritual, assim,

quando manifestamos uma expressão religiosa, vivenciamos uma espiritualidade. Como discutido anteriormente, entendemos, assim, que a religiosidade (significação) é a prática da espiritualidade (significado).

[outra pausa nesta escrita]

Com a compreensão de corpos em desdobramentos, tracei um percurso e me movimentei entre/nos fluxos; multiplicidades que decorreram das relações de poder que coabitam na sociedade, desdobramentos do sectarismo e dos discursos de "verdade", uma verdade destituída do plano criativo do pensamento. Com as ideias misturadas entre o cansaço e o desejo de continuar, permito-me um "recreio" na "contação" de uma história de Marina Colasanti[42], que diz assim:

> Todos os dias, aula no cachorro. Desde pequeno aprendia.
> Sabia agora, sentado nas patas de trás, manter-se ereto, educada postura quase humana. Mas fora longo o aprendizado.
> A partir do primeiro dia. Viera para casa no colo, e no colo ficara a tarde inteira, de um para outro, pequenas mãos de pouca experiência torcendo-lhe corpo e orelhas. Para isso fora comprado. Distrair as crianças, dissera a mãe, dar-lhes senso de responsabilidade. Precisam de um bichinho, coisa de muita estimação, dissera.
> E embora não gostava de cães, animais cheios de pulgas, escolhera aquele, cruzamento de fox com raça estranha, exemplar barato vendido na esquina. Mas à noite, fim da distração, aula número um: dormir sozinho.
> Branco mundo de azulejo e louças, cama de folhas de jornal, uma tigela com água refletindo a lâmpada, mão alisando o pelo. Boa noite.
> E o escuro. Gane, cainha. Latir ainda não sabe. Abre-se a porta, luz acesa. "Silêncio! Ai, ai, ai!" Estrondo de chinelada. "Quieto!" Luz apagada, poço de nanquim.
> Primeira noite.
> Segunda noite.
> O chinelo cada vez mais perto.
> Terceira noite, lição assimilada.
> Hoje ele corre do graveto que lhe atiram, e bem comportado o traz de volta aos pés. Mas muito se aplicou.
> Higiene, no início. Não sujar dentro de casa. O que é sujeira. Como evitar sujeira. Focinho afundado na poça amarela repetidas vezes, firme o cangote debaixo da mão. Que não fuja. Ênfase: "cachorro safado, mau. Cachorro sujo" e palmadas nas costas arqueadas.
> Carregado até o quintal, as quatro patas empurradas contra a terra, aprendeu que ali podia, ali sim. É o seu espaço.

---

[42]Marina Colasanti é uma escritora, contista, jornalista, tradutora e artista plástica ítalo-brasileira nascida na então colônia italiana da Eritreia.
Essa história encontra-se no livro: *Lições de Casa: exercícios de imaginação*, cujos autores se encaixam numa linhagem de nobreza na produção literária brasileira: Affonso Romano de Sant´Anna, Antônio Callado, Ferreira Gullar, José J. Veiga, Julieta de Godoy Ladeira, Lygia Fagundes Telles, Marina Colasanti, Osman Lins, Ricardo ramos. O livro foi editado pela Livraria Cultura Editora, sem registro de data.

> Agora, cachorro limpinho, raspa a porta com a pata quando quer sair, gane se a urgência é maior. Dentro de casa, nunca mais sujou. Aprende, porque é inteligente. Nas primeiras oito semanas foi o justo reflexo da palavra "quieto". Esperar quieto quando põem no chão seu prato de comida. Quieto no tanque em dia de banho, água fria e sabão no focinho. Quieto quando toca a campainha, quando um carro chega, quando outro cachorro late ao longe. Quieto frente à televisão, manso animal de estimação.
> Nas doze semanas seguintes soube o valor de "senta" e "aqui". Obedece ao chamado, senta em frente aos donos, olhar esperando ordens. E a ordem pode estar na mão que bate alto sobre o peito, comandando "aqui". Quando então ele pula rápido, patas a frente, rabo em festa.
> Houve outras aulas diluídas ao longo do crescer, adestramento necessário para animal doméstico há cartorze mil anos treinado pelo homem. Nem foi preciso carrana, o enforcador de espinhos ao pescoço. Dócil, respeitando a paciência dos mestres, trocou a carne por ração, teve unhas cortadas de tesoura, vestiu roupa de inverno. Maior um pouco, soube andar ao lado do condutor, junto ao joelho esquerdo, cabeça próxima sem adiantar-se ou afastar-se. "Junto", era a palavra comando.
> Adulto, já sabe quase tudo o que pode. Deita fingindo-se de morto, ficou amigo do gato, salta obstáculos, abre tramelas com a pata e, coisa rara num cão, late se mandado.
> Tão inteligente. Só falta falar. [...]

Assim, nessa história, o cachorro alcança o *modelo ideal* afirmado na frase "tão inteligente, só falta falar". Todo o movimento empenhado fora para que o canino atingisse essa finalidade, um movimento curto que não marca diferença; o cachorro agora tem uma identidade. O cachorro se desmonta para caber no quadro perfeito das malhas da racionalidade. Aqui, nesse texto, o cachorro é apenas um signo que nos possibilita pensar, refletir sobre esses modelos ideais-perversos que geram angústias, frustrações, alienações. Conforme nossos estudantes deixaram escapar em seus discursos.

[continuado...]

As expressões religiosas que povoam o espaço-escola manifestam-se como efeito de um postulado racionalista perpetuado ao longo do tempo e nos templos, linguagem que oferece estabilidades e obediência, assim como o cachorro da história de Colasanti que encontrou estabilidade para a realização das suas necessidades básicas pelo fato de ter sido obediente. Então, essa "linguagem não é feita para que se acredite nela, mas para ser obedecida" (Deleuze; Parnet, 1998, p. 32).

A linguagem produz *palavras de ordem.* [...] “chamamos palavra de ordem não uma categoria particular de enunciados explícitos (por exemplo, no imperativo), mas a relação de qualquer palavra ou de qualquer enunciado com pressupostos implícitos” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 17). Os gestos, os símbolos, ritos e outras significâncias também produzem palavras de ordem, não somente o que é audível. Assim, “não remetem, então, somente ao comando, mas a todos os atos que estão ligados aos enunciados por uma *obrigação social”* (Deleuze; Guattari, 2011, p. 17).

É esse espaço atravessado por uma maquínica que vem se constituindo ao longo do tempo que caminhamos e compomos com as experiências de vida e acompanhamos os “movimentos das subjetividades e dos territórios” (Kastrup; Barros, 2020, p. 77) dos nossos estudantes.

'Cruzando Jesus Cristo com Deusa Schiva', de Fernando Baril (1996)[43]

[...]Enquanto eu imaginar que "Deus" é bom só porque eu sou ruim, não estarei amando a nada: será apenas o meu modo de me acusar. Eu, que sem nem ao menos ter me percorrido toda, já escolhi amar o meu contrário, e ao meu contrário quero chamar de Deus. [...]Enquanto eu inventar Deus, Ele não existe.

Clarice Lispector[44]

---

[43] Obra do pintor gaúcho Fernando Baril, "Cruzando Jesus Cristo com Deusa Shiva", foi pintada em 1996, mas só agora despertou a ira. Na imagem, Jesus aparece com dezenas de braços extras, como Shiva, mas acrescidos de elementos da cultura pop e do consumismo desenfreado. Para cristãos, a obra, mesmo pintada há quase duas décadas, se enquadra no artigo 208 do Código Penal, que atesta crime "vilipendiar publicamente ato ou objeto de culto religioso". Para Fernando Baril, porém, o caso não passa de "conservadorismo enrustido". "É uma crítica à Igreja, de como a instituição nos empurra as coisas, principalmente o consumo do Ocidente. E isso afeta o mundo inteiro. Obra **exposta na 'Queermuseu.** Disponível em: https://www.obeltrano.com.br/portfolio/queermuseu-quando-estupidez-silencia-arte/. Acesso em: 25 jun. 2023.

[44]Fragmento do livro *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998

4 RACHADURA 4 – RESSONÂNCIAS DO SECTARISMO RELIGIOSO NAS PRÁTICAS CURRICULARES

[...]*Não apresentamos nenhuma reprodução que viesse a ilustrar o nosso texto, pois é o nosso texto, ao contrário, que gostaria de ser apenas uma ilustração de grandes filmes dos quais cada um de nós guarda, em maior ou menor grau, a lembrança, a emoção ou a percepção.*

Gilles Deleuze (2018)

4.1 Entre Pedaços da História, e Alguns Recortes Atuais

Há mais de 500 anos nos solos brasileiros, o negro, da mesma forma que a sua cultura, vem sofrendo marginalização e segregações. Escravizações que atravessam nossa história e corpos. Percebemos em falas, transcritas em capítulos anteriores, sinalizações do sectarismo religioso, especialmente quanto àquelas que não seguem o cristianismo, manifestando o padecimento de forma sistemática a que os negros, assim como os índios que já habitavam esta terra, foram sucumbidos a uma cultura e a um tipo de religiosidade que não lhes eram próprias, advindo dessa aculturação sincretismos religiosos.

Remetendo-me ao espaço escolar, lembro-me de um episódio que ocorreu na Semana da Consciência Negra, quando um estudante, líder de sala, cumprindo uma das tarefas propostas, que consistia em montar uma coreografia com base na dança afro, cuja variação de ritmos é guiada pelos instrumentos de percussão, teve que abandonar a atividade por proibição religiosa. Ele, o estudante, já estava com a coreografia pronta e os ensaios ocorrendo diariamente. Na véspera do evento, esse estudante chegou à escola com o semblante abatido, olhos cheios d'água, com a seguinte justificativa: "Meu pastor me proibiu de dançar essas músicas". Perguntava-me: o que foi feito com aquele estudante entusiasta, criativo e performático dos dias anteriores? Muito mais que as palavras proferidas pelo pastor, o que me marcou, enquanto professora, foram os efeitos dessas palavras no corpo daquele jovem estudante, abatido por um processo de modelação subjetiva em torno de uma religiosidade. Não me esquecerei daquele olhar entristecido, ombros arqueados, passos lentos. Ficamos em silencio. Após a justificativa do abandono, palavras silenciadas, corpo silenciado. Mas, aprendemos pelos discursos de assujeitamentos que religião não se discute. A escola também silenciou.

Seguindo o fluxo dessas memórias, debruço-me em trazer para discussão o relacionamento histórico entre a educação e a religião no Brasil, desde a colonização, período marcado por interesses estatais e institucionais, sob o regime e a direção de um adestramento religioso poderoso, a ponto de transfigurar a vida de milhares de pessoas, sob aspectos morais

de controle em detrimento de uma ética de afirmação da vida. Aqui me reporto a Spinosa (2019) e à sua teoria dos afetos, égide de sua ética constituída na compreensão da realidade e oposta à moral, fundada no conhecimento de um bem transcendente que configura uma realidade imposta. Spinosa (2019) apresenta Deus como substância de todas as coisas, um ser uno que se manifesta na multiplicidade de todos os seres.

No curso da história, alguns fatos contribuíram para o contexto de intolerância religiosa, dentre os quais trazemos à tela o movimento político-religioso ocorrido entre os séculos XII e XVIII, registrado na História como a Inquisição. Esse período carrega acontecimentos cruéis realizados "em nome de Deus", quando "religiosos" buscavam o arrependimento daqueles considerados hereges pela Santa Igreja (instituição) e condenavam quaisquer teorias contrárias aos dogmas do cristianismo (religião), contribuindo com algumas desdobras que marcam a sociedade vigente. Um processo muito bem articulado que vem se configurando e que pode ser observado na história do nosso país desde a esquadra cabralina[45]; nas frotas colonizadoras, na presença dos eclesiásticos e suas incipientes tentativas de catequizar. Na atualidade, as forças de outrora ganham novas formas, assim, esbarramos hoje numa doutrinação que se reconfigura em algumas expressões religiosas para a captação de fiéis através dos extratos sociais, seus diagramas de controle para reprodução do mesmo, num movimento quase que alucinatório de intolerâncias.

A partir desse contexto de personificação em que as pessoas (professores, funcionários, pais, estudantes) desaguam no espaço escolar suas dobras religiosas, efeitos de agenciamentos maquínicos produtores de subjetivações identitárias, modelares, vemos tensões que controlam, de certa forma, práticas curriculares em que a afirmação das expressões religiosas dominantes e o silenciamento de "outras", contraditando o que determina a nossa Constituição de 1988, em seu art. 19, que assim determina:

> É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios:
> I - estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embarcar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público;
> II - recusar fé aos documentos públicos;
> III - criar distinções entre brasileiros ou preferências entre si (Brasil, 1988).

O princípio da laicidade tenta instaurar e coibir práticas discriminatórias nos espaços regidos por políticas de Estado, sugerindo-nos que se tratam de espaços plurais, de encontro

[45] Expedição exploratória na rota do Caminho das Índias pelo Oceano Atlântico, no contexto do século XV/XVI, realizada sob a liderança de Pedro Alvares Cabral.

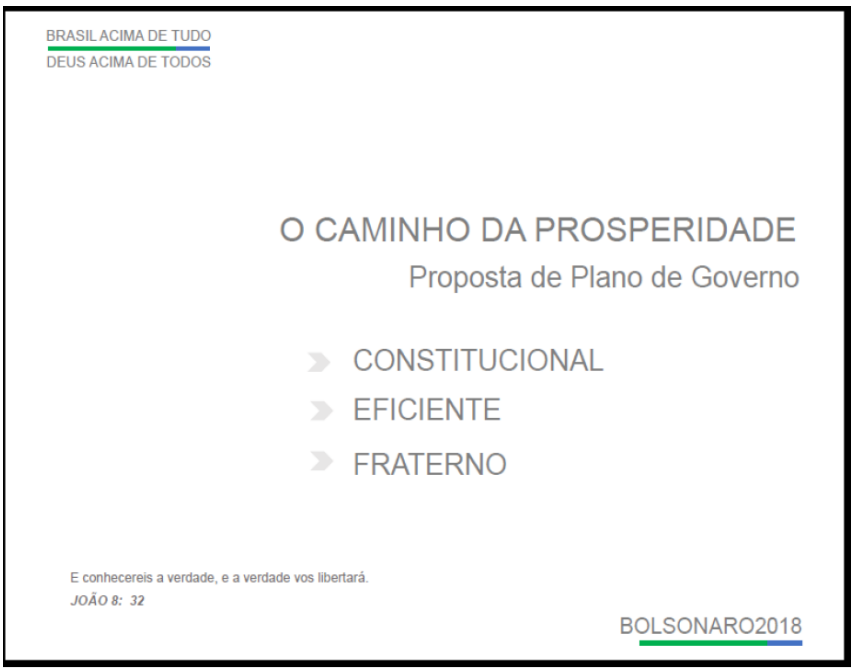
das diversidades. Todavia, não podemos acreditar que as leis, sozinhas, são capazes de racharem os processos de subjetivação modelares que se impõem discursivamente nas tessituras sociais. Não basta afirmar a laicidade do Estado e, consequentemente das escolas; é preciso problematizar tais processos de silenciamento das diversidades de modo geral, e da diversidade religiosa de modo particular, pois, nesse diagrama de controle, comportamentos intolerantes e preconceituosos são naturalizados no cotidiano escolar, fazendo-nos crer que há pautas sociais que não podem ser "proibidas", numa espécie de abandono de conflitos. Precisamos provocar esses debates, porque no silenciamento das diversidades religiosas, sob o véu da laicidade, estão sendo praticadas diversas formas de violência contra a pessoa humana.

A laicidade do Estado é manifestação insurgente no cerne do pensamento iluminista; e, consequentemente, na conjuntura das revoluções liberais que marcaram o final do século XIII e início do século XIX, assim como o conservadorismo moderno, emergente na mesma época. Tal processo de naturalização da "desigualdade" e das ações preconceituosas como elementos constitutivos de uma pseudo "harmonia social" que se estende da modernidade e, em alguns aspectos, se fortaleceu com o passar dos séculos, sendo alocadas nos extratos sociais, deu origem a um movimento silencioso que deságua em corpos silenciados e encharca os pensamentos nos dias atuais, habitando espaços e produzindo comportamentos.

> Nisso consiste a autêntica igualdade moral da humanidade e não naquela ficção monstruosa que, ao inspirar ideias falsas e vãs expectativas nos homens destinados a viajar no passo obscuro da vida laboriosa, apenas se presta a agravar e a amargar aquela desigualdade real que nunca se pode eliminar e que a ordem da vida civil estabelece tanto para o benefício daqueles a quem ela deve deixar num estado humilde quanto para aqueles a quem é capaz de exaltar a uma condição notável mas não mais feliz (Burke, 2001. p. 38).

Para acompanharmos esses efeitos de um processo de subjetivação moderna, trazemos para os dias mais atuais e assistimos à ocupação da presidência do Brasil por um candidato que se utilizou do discurso religioso, em sua campanha eleitoral de 2019, e o jogo semiótico utilizado. O então presidente eleito, Jair Messias Bolsonaro, define como slogan de governo "Brasil, acima de tudo, Deus acima de todos", assim como a citação bíblica "E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará", na tentativa de codificar e recodificar indivíduos. Vejamos:

Figura 16 - Jogo semiótico



Fonte: Metropólis[46] (2022).

Para um Estado que afirma em sua Carta Constitucional a sua laicidade, essa atitude do então presidente já nos sugere que o Brasil manteve em seus discursos uma concepção religiosa que agrega valores dominantes de um grupo religioso em detrimento do outro, ficando evidente a sujeição das religiões não cristãs a esta.

Podemos observar, também, no discurso religioso do slogan bolsonarista, uma preocupação relativa na direção do capital, outro traço presente em discursos religiosos de vertente considerada protestante[47], de uma intencionalidade no uso da linguagem não verbal na utilização das cores verde e amarelo, indicando sentido de patriotismo que nos remete ao período da ditadura brasileira. Enunciados recodificados, como no mesmo jogo do poder de outrora, que tem como consequência assujeitar corpos e pensamentos. Durante esse governo, não foram poucos os discursos de ódio à diversidade, reafirmando o sectarismo religioso na sociedade, inclusive, no espaço escolar.

Deleuze (2019b) afirma que

[46]Disponível em: https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/veja-diferencas-dos-planos-de-governo-de-bolsonaro-entre-2018-e-2022. Acesso em: 22 jul. 2023.

[47]O nome "protestante" provém dos protestos dos cristãos do século XVI contra as práticas da Igreja Católica. Movimento que foi iniciado pelo monge agostiniano Martinho Lutero. Em alguns países, especialmente no Brasil, o termo "protestante" foi substituído por "evangélico", retirando a conotação polêmica da palavra e dando uma característica mais universal. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/religiao/protestantismo.htm. Acesso em: 23 jul. 2023.

> [...] a luta por uma subjetividade moderna passa por uma resistência às duas formas atuais de sujeição, uma que consiste em nos individualizar de acordo com as exigências do poder, outra que consiste em ligar cada indivíduo a uma identidade sabida e conhecida, bem determinada de uma vez por todas. A luta pela subjetividade se apresenta então como direito à diferença e direito à variação, à metamorfose [...] (Deleuze, 2019b, p. 106).

A escola é um espaço em que há luta pela subjetividade. O grande desafio é fazer com que as práticas curriculares, não necessariamente disciplinares, possam favorecer a pluralidade, a diversidade. Aqui, quando destacamos o espaço-escola é porque se trata de um território de atravessamentos com/dos estudantes dessa pesquisa. No exercício de minha professoralidade, presenciei fatos que me inquietaram e me inquietam, como já grafados em outros momentos desta escrita. Um desses atravessamentos está na narrativa que segue.

Em 2019, na sala dos professores, fui surpreendida com a partilha de uma ideia da direção que consistia em criar uma sala de orações, ideia que foi rebatida pela coordenadora. Esta argumentou que o espaço seria reduto apenas dos estudantes evangélicos e católicos, pela própria constituição religiosa da cidade, e formulou o seguinte questionamento: "Se os estudantes vinculados à religião de matrizes africanas manifestarem o desejo de utilizar a 'sala de orações' para suas práticas ritualísticas, teriam a mesma liberdade para expressarem sua fé?". A resposta ficou inscrita no silêncio e no abortamento da ideia.

Essa narrativa esboça a diagramatização de poder codificado, naturalizado e professado no cotidiano da escola, assim,

> [...] O indivíduo interior acha-se codificado, recodificado num saber 'moral' e, acima de tudo, torna-se o que está em jogo no poder – é diagramatizado. A dobra parece então ser desdobra, a subjetivação do homem livre se transforma em sujeição: por um lado é "a submissão ao outro pelo controle e pela dependência", com todos os procedimentos de individualização e de modulação que o poder instaura, atingindo a vida quotidiana e a interioridade daqueles que ele chamara seus sujeitos; por outo lado, é 'apego (de cada um) à sua própria identidade mediante consciência e o conhecimento de si', com todas as técnicas das ciências morais e das ciências do homem que vão formar um saber do sujeito [...] (Deleuze, 2019b, p. 103-104, grifos do autor).

Essa minha experiência narrada colaborou também com a compreensão da composição curricular que vem se desenvolvendo nesse espaço que atravessamos com esta pesquisa, assim como a diagramatização de poder que vem se estabelecendo entre os corpos que o compõem (estudantes, professores, funcionários, pais, equipe gestora). Essa composição será mais bem

fundamentada a partir das experiências na *grafoconfeitaria* que descreveremos *entre* os fios cinematográficos e as cenas reais.

4.2 *Entre* os Fios Cinematográficos e as Cenas Reais

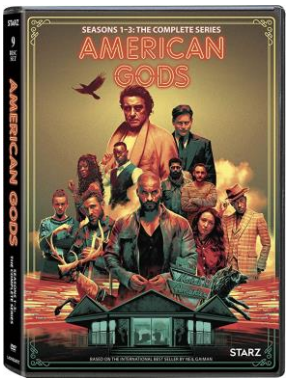
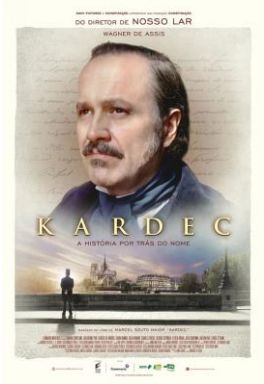
Capturamos nos discursos dos estudantes sectarismos religiosos especialmente na prosa oriundas da sessão de cinema, no *cinegrafoconfeitaria*. Nesse dia recorremos ao cinema como dispositivo disparador de pensamentos, reflexões e diálogos. Utilizando-nos das tramas assistidas, a conversa foi se entrelaçando e enredando nossa roda, atualizando o pensamento outro. O momento foi tenso, intenso, violento, carregado de força de desestabilizações, provocando um novo corpo a se fazer em devir no próprio movimento de pensar! Zourabichvili (2016, p. 33) afirma que "com Deleuze, o pensamento deixou de considerar a neutralidade do acontecimento como um acontecimento neutro, reiterável em toda parte".

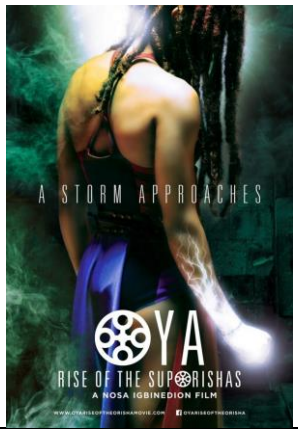
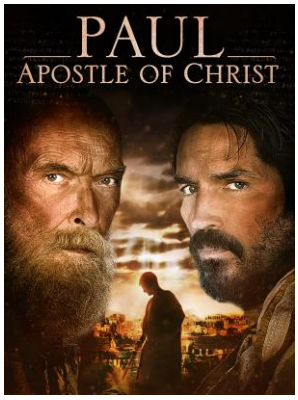
Para Deleuze (2018b), o cinema, tal como as outras artes, Literatura e a Filosofia, é um processo de criação, desse modo, o cinema é uma maneira de exercer o pensamento de forma construtiva, criativa. À vista disso, cineastas são pensadores que pensam por entre imagens e não através de conceitos. Nessa direção, o cineasta é, além de artista, um pensador, por forma diferente do filósofo, que se serve dos conceitos como ferramenta, o cineasta usa seus próprios instrumentos: "imagem-movimento" e "imagem-tempo".

Para melhor compreensão do conceito de "imagem-movimento" é imprescindível compreender o conceito de duração de Bergson (2010), isto é, conceito de "tempo real". Esse conceito se contrapõe ao pensamento filosófico científico, que entende o tempo de maneira esquemática e espacial. Em Bergson (2010), o tempo é o próprio tecido do real – é o tempo definido pelo autor como sucessão, continuidade, mudança, memória e criação. Importante destacar aqui a respeito desse conceito como tentativa de "imaginar" o inatingível. Assim, Deleuze (2018b) refere-se a "imagem-movimento" como blocos de duração, blocos de imagem-movimento ou, em outros termos, blocos de um "todo" que muda continuamente. E, essa é a natureza de linguagem utilizada pelo cineasta para pensar. Nessa direção, selecionamos dez cenas de filmes que dialogam com atravessamentos religiosos, conforme podemos verificar as sinopses no Quadro 1 a seguir, que utilizamos em nossa *grafoconfeitaria*.

Quadro 1 – Sinopse dos filmes

FILME	SINOPSE
	Baseado no best-seller homônimo, “A Cabana” apresenta a jornada espiritual de um pai. Depois de sofrer uma tragédia familiar, Mack Phillips [Sam Worthington] entra em uma profunda depressão, que o faz questionar suas crenças mais íntimas. Diante de uma crise de fé, ele recebe uma carta misteriosa que o convida para ir a uma cabana abandonada no deserto de Oregon. Apesar das suas dúvidas, Mack vai à cabana e encontra um enigmático grupo de estranhos liderados por uma mulher chamada Papa [Octavia Spencer]. Por meio deste encontro, Mack encontra verdades significativas que irão transformar o seu entendimento sobre a tragédia que abalou sua família e sua vida mudará para sempre. Disponível em: https://www.guiadasemana.com.br/cinema/sinopse/a-cabana Acesso em: 14 jul. 2023.
	As aventuras dos nordestinos João Grilo (Matheus Natchergaele), um sertanejo pobre e mentiroso, e Chicó (Selton Mello), o mais covarde dos homens. Ambos lutam pelo pão de cada dia e atravessam por vários episódios enganando a todos do pequeno vilarejo de Taperoá, no sertão da Paraíba. A salvação da dupla acontece com a aparição da Nossa Senhora (Fernanda Montenegro). Adaptação da obra de Ariano Suassuna. Disponível em: https://www.adorocinema.com/filmes/filme-120824/. Acesso em: 14 jul. 2023.
	Em Ghost - Do Outro Lado da Vida, Sam Wheat (Patrick Swayze) e Molly Jensen (Demi Moore) formam um casal muito apaixonado que tem suas vidas destruídas, pois ao voltarem de uma apresentação de "Hamlet" são atacados e Sam é morto. No entanto, seu espírito não vai para o outro plano e decide ajudar Molly, pois ela corre o risco de ser morta e quem comanda a trama, e o mesmo que tirou sua vida, é quem Sam considerava seu melhor amigo. Para poder se comunicar com Molly ele utiliza Oda Mae Brown (Whoopi Goldberg), uma médium trambiqueira que consegue ouvi-lo, para desta maneira alertar sua esposa do perigo que corre. Disponível em: https://www.adorocinema.com/filmes/filme-6122/. Acesso em: 14 jul. 2023.
	Uma garota de 13 anos, na França do século XV, ocupa seus dias devota pelo catolicismo. Certo dia tem uma visão, que interpreta com sendo divina, em que é a escolhida por Deus para liderar as tropas francesas contra as forças da Inglaterra. Então, parte em busca de realizar o que acredita ser a vontade de seu senhor. Entretanto, depois de várias vitórias, é traída e começa a ser julgada como bruxa. Disponível em: https://www.papodecinema.com.br/filmes/joana-darc/. Acesso em: 14 jul. 2023.

	Shadow Moon deixou a prisão e ao sair ele começa a trabalhar como segurança do misterioso Mr. Wednesday (Ian McShane). Não demora para Shadow descobrir que o chefe é na verdade Odin, deus que está de passagem na Terra para enfrentar novos deuses. Disponível em: https://cinema10.com.br/series/american-gods. Acesso em: 14 jul. 2023.
	A jornada de Allan Kardec (Leonardo Medeiros), nascido Hypolite Leon Denizard Rivail, desde quando trabalhava como educador em Paris até iniciar seu processo de codificação do espiritismo ao lado de sua esposa Amélie-Gabrielle Boudet (Sandra Corveloni). Disponível em: https://www.adorocinema.com/filmes/filme-240976/. Acesso em: 14 jul. 2023.
	Em 19 e 20/04/2013 Foi inaugurado o Ilé Asè Odará Alaketú Odé Ofaguerangi, em Itabaiana, Sergipe, casa Patrona deste Canal sob coordenação do Babalorixá Pierre de Oxossi que pagou seu Odú ketá juntamente com a Inauguração. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=O96wo9K3KaI. Acesso em: 14 jul. 2023.
	Ruth (Vya Negromonte) tem um filho adolescente, que enfrenta problemas com drogas. Elisa (Vanessa Gerbelli) tenta compensar a ausência do marido dando atenção total ao filho, Theo (Gabriel Pontes). Lara (Tainá Muller) é uma professora, que enfrenta o dilema de uma gravidez indesejada. Estas três mulheres se encontram quando, cada um por um motivo particular, resolvem procurar a ajuda do médium Chico Xavier (Nelson Xavier). Disponível em: https://www.adorocinema.com/filmes/filme-202582/. Acesso em: 14 jul. 2023.
	O primeiro filme de super-heróis africanos contará a história de Oya, a única deusa orixá que ainda possui vínculos com os humanos mesmo quando a maioria da humanidade já abandonou o culto aos orixás, e Ade, uma das poucas mulheres que ainda possuem ligação com os orixás. A missão de Oya é encontrar uma garota capaz de abrir o portal entre os

	humanos e orixás, para que o mundo não caia em desgraça. Entretanto, uma série de inimigos que usam a religião de forma deturpada tentam lhe impedir. Ade é a mulher que possui a capacidade única de se transformar em Oya, a deusa guerreira – e dela recebe a missão de proteger os inocentes. Para cumpri-la, precisará encontrar a chave para manter fechado o portal que separa o nosso mundo do mundo dos orixás. Prepare-se para explorar o mundo dos orixás nesta aventura mística cheia de ação. Disponível em: https://www.proibidoler.com/cinema/oya-rise-of-the-superorisha-o-primeiro-filme-de-super-herois-africanos/. Acesso em: 14 jul. 2023.
	Paulo (James Faulkner) era conhecido como um dos perseguidores de cristãos mais cruéis de seu tempo. Mas tudo muda quando ele tem um encontro com o próprio Jesus. A partir desse momento, esse jovem se torna um dos apóstolos mais infuentes do cristianismo. Disponível em: https://www.adorocinema.com/filmes/filme-259126/. Acesso em 14 jul. 2023.

Fonte: Organização da autora (2022).

Após apreciação das cenas, abrimos a roda de conversa, ainda envolvidos pelos atravessamentos das imagens, e vimos emergirem os discursos tramados nos enredos televisitados. Inicialmente destaco duas falas: a primeira, proveniente da pergunta “qual cena você retiraria desse momento e por quê?”, e a segunda foi a réplica para a resposta em destaque, seguida de outras falas que reafirmam a fala inicial. Os discursos em evidência estão encharcados pelo sectarismo religioso. Observamos um movimento maquínico de enunciação em direção ao silenciamento das religiões não cristãs. Aqui destaco o entendimento de máquina, trazido por Soares e Miranda (2008):

> As máquinas podem ser corpos sociais, complexos industriais, formações psicológicas ou culturais, bem como complexos de desejos agenciando indivíduos, materiais, instrumentos, regras e convenções que, em conjunto, constituem-se máquina. As máquinas são junções de pedaços heterogêneos, a agregação que transforma as forças, articula e impulsiona seus elementos e os coloca em estado de contínua transformação (Broeckmann *apud* Soares; Miranda, 2008, p. 417).

Observemos o movimento da força da máquina *instituiçãoigreja* e os agenciamentos que foram gerados na constituição dos estudantes em cena.

> Mas se eu quero tirar um filme, é o do Candomblé. Uma só, né? Porque **não é nada contra**, não. **Totalmente respeito, claro, temos que respeitar**! **Mas,** eu retiro por preferência também, né? **Por também, tipo assim, estar na preferência de Deus.** Porque ali, nesses momentos, normalmente, não é adoração para Deus. **Deus não está ali!** (Fubá, *cinegrafoconfeitaria,* grifos nossos).

A fala de Fubá denota um complexo de desejos que o movimenta, talvez por ser um "menino da igreja", filho de pastor, que inclusive já realiza pregações. São esses e outros alguns dos discursos que atravessam os espaços escolares, alimentando os binarismos na esfera do sagrado, tais quais: certo X errado; bem X mal; luz X sombra, adequado X inadequado etc. Um discurso encharcado por construções que destacam a primazia do homem branco e sua cultura, da heteronormatividade e misoginias. Ou seja, discursos que seguem padrões, esquemas que controlam mentes e assujeitam corpos.

Diante das dez cenas, as que mais incomodaram o grupo como um todo foram as de conteúdo de matrizes africanas, especialmente, o candomblé, reforçando as perseguições que acompanhamos através das mídias contra ele perpetradas. Nessa direção não podemos deixar de pensar como esses preconceitos compõem o currículo, entendido aqui numa perspectiva pós-estruturalista, como nos lembra Corazza (2001), ou seja, o discurso curricular fornece

> [...] uma das tantas maneiras de formular o mundo, de interpretar o mundo e de atribuir-lhe sentidos. [...] As palavras que um currículo utiliza para nomear as coisas, fatos, realidade, sujeitos são produtos de seu sistema de significações, ou de significados, que disputa com outros sistemas. [...] como linguagem, é uma prática social discursiva e não-discursiva, que se corporifica em instituições, saberes, normas, prescrições morais, regulamentos, [...] modos de ser sujeito. [...] Ele sempre diz mais do que quer e, ao mesmo tempo, diz sempre outra coisa. Ao falar, um currículo é levado além de si próprio, pois o sentido do que diz encontra-se na linguagem de sua época e lugar, na qual está enredado (Corazza, 2001, p. 10-11).

Abolindo todo e qualquer tipo de pensamento dominante. Desse modo, buscamos o pensamento crítico em Gallo (2019), quando diz:

> A escola não é local onde criança toma contato com os vários conhecimentos produzidos historicamente pelo homem, tendo assim, condições de construir sua própria visão de mundo com base em tudo o que já foi produzido,

> expressão consciente de sua liberdade, mas sim, um lugar no qual os alunos são "modelados" de acordo com o padrão social desejado. Formar o "homem atual": aí está, a hegemonia na relação pedagógica. A escola vai formar o homem segundo o modelo social exigido naquele momento, que veja o mundo e a sociedade como as elites dirigentes querem que ele veja (Gallo, 2019, p. 45).

Com seus mais diversos desdobramentos, cortes e recortes, o currículo deve ser pensado como espaço de composições criativas e potencializadoras, entre a multiplicidade dos corpos que circulam neste espaço. Um currículo-artista que não segue normatizações, tampouco deveria normatizar, é potência. Emerge e circula em movimentos de invenção e resistência, que "fazem escoar, vazar e subverter as burocracias curriculares, cujos focos moleculares, potentes, pululantes, permitem rupturas na rigidez expressa nas macropolíticas" (Raic, 2020, p. 123).

Verificamos as marcas dessas práticas modelares, por exemplo, em atividades que envolvem a cultura de matrizes africanas, uma delas narrada no capítulo anterior. Diversidades que são (in)visibilizadas e rechaçadas constantemente. Seguindo nessa direção, chama-nos a atenção um dos estudantes, ao demonstrar seu desconforto com a condição imposta à cultura de matrizes africanas. Vejamos.

> [...] eu sou muito fã de escola de samba. Em 2020 a Grande Rio levou para a Avenida o enredo de Joãozinho da Gomeia. Desde criança ele recebia ensinamentos dos orixás. Em Salvador, ele montou um terreiro de candomblé, só que as pessoas atacavam ele. Por ele ser de candomblé, por ele não seguir os padrões da igreja da época. Na letra do samba, no refrão, tem: *Salve o candomblé, eba iuá. Grande lindué, tartalandirá,* ***pelo amor de Deus, pelo amor que é na fé. Eu respeito o seu amém, você respeita o meu axé****[...]* Isso é uma coisa muito forte, porque ela **mostra como nós somos descapacitados** ao ponto de... **Cara, é a religião da pessoa, a gente precisa respeitar, sabe? Deus é uma força que me ajuda a acreditar na vida** (Mel de engenho, *cine grafoconfeitaria*, grifo nosso).

Quando *Mel de Engenho* destaca que enquanto indivíduos estamos "descapacitados" de conviver em sociedade, porque não sabemos nem respeitar, ele denuncia e convoca à atenção para a degradação da imagem dos afrodescendentes e de sua cultura. Assim, o estudante trouxe para a roda de conversa a narrativa do fato que originou o samba enredo da escola de samba da Grande Rio em 2022, conforme manchete da notícia em destaque a seguir:

Figura 17 - Intolerância religiosa carnaval 2022 no Rio[48]

Fonte: G1 RJ (2022).

Conforme dizem Passos, Kastrup e Escossia, "a análise aqui se faz sem distanciamento, já que está mergulhada na experiência coletiva em que tudo e todos estão implicados" (Passos; Kastrup; Escossia, 2020, p. 19). A escola é um espaço potente para enredamentos, saberes, fazeres, e processos de subjetivações. Nessa profusão, a discussão aqueceu!

> A única religião ali que eu não consegui muito entender, nem absorver, foi a questão do Candomblé. [...] eu nunca fui exposto a nada referente sobre, mas até sobre as outras, assim, eu consegui absorver um pouco e entender, e ter entendimento, mas dessa eu não consegui porque pra mim é uma realidade distante. Não tenho nada contra, mas nunca fui exposta. **Também nunca procurei saber** [...] (Mel de cacau, *cinegrafoconfeitaria*, grifos nossos).
>
> Eu achei mais interessante essa ligação entre as religiões por meio dos filmes, a questão do Candomblé. Eu achei muito interessante porque eu nunca presenciei também, como Mel de Cacau falou, nunca tive esse contato, nem nunca vi falar. Hum... **eu tenho um preconceito muito grande em relação ao local**, participar em um terreiro, alguma coisa, e eu nem nunca vi [...] (Açucar purgado, *cine grafoconfeitaria*, grifo nosso).
>
> Esse lugar (o terreiro) é uma adoração a outras imagens e **é onde o inimigo vai estar trabalhando** (Fubá, *cinegrafoconfeitaria*, grifo nosso).
>
> Acho não, **eu tenho um preconceito muito grande** em relação ao local, participar em um terreiro, ou qualquer coisa de lá. (Açúcar Purgado, *cinegrafoconfeitaria*, grifo nosso).

Diante dessas falas, especialmente as de *Fubá* e *Açúcar Purgado*, percebemos os engendramentos curriculares, a partir das ressonâncias dos processos de subjetivação enredadas em nossos estudantes, nas falas já expostas. Heranças de verdades impostas,

[48]Disponível em: https://g1.globo.com/rj/rio-de janeiro/carnaval/2022/noticia/2022/04/26/fala-majete-sete-chaves-de-exu-entenda o-enredo-da-grande-rio-campea-do-carnaval-do-rj.ghtml Acesso em: 22 jun. 2023.

codificadas, recodificadas nos discursos em jovens corpos, que geram a reprodução de sistemas arbitrários e sectários, encorpando, cada vez mais, a primazia da diferença. Deleuze (2018a) diz que "a repetição não se contenta em multiplicar os exemplares sob o mesmo conceito; ela coloca o conceito fora de si, e faz com que ela exista em outros exemplares, *hic et nunc*[49]" (Deleuze, 2018a, p. 359). Então, quando Fubá, um jovem, produz uma fala, tal qual "(o terreiro) *é o lugar onde o inimigo trabalha*", identificamos que sua religiosidade foi produzida pelo ambiente doméstico (ele é filho de pastor), e paralelamente vem produzindo modos de ver e se relacionar com o mundo, um desses espaços é o escolar, logo modos de existência são constituídos a partir de posicionamentos com/como os dele. Encontramos ratificadas em outras falas que seguem, na direção de outras expressões religiosas.

> [...] uma das cenas que **eu não convivo**, nem nunca presenciei, mas que eu **me senti meio interessada** e curiosa pra saber como é que funciona, foi a questão do médium. Eu já tinha ouvido falar sobre o tipo que o Xavier é e sobre que ele era um grande médium. [...] E saber que depois que a pessoa morre ela pode talvez se comunicar com os vivos, pra mim é uma coisa que, sabe, é um tópico importante. É uma coisa que provoca o interesse (Mel de Cacau, *cinegrafoconfeitaria*, grifos nossos).

> [...] E sobre os vídeos, **o único que eu tiraria era aquele do...** [As mães de Chico] Que o cara tava falando dos mortos. [...] Pra mim, religião tá em tudo e Deus é inexplicável. E eu tenho Deus sim no coração, posso não entender ele, e tenho algumas dúvidas. E posso, também, às vezes perder a fé, mas tenho ele no coração, tenho ele na minha vida. Tipo, por mais que eu não foque muito nele, mas eu sei que ele tá ali (Garapa, *cinegrafoconfeitaria*, grifo nosso).

Mel de cacau, ao relatar que não convive com atividades religiosas que apresentam comunicação espiritual, assim como Garapa, que informa que seria o único que ele tiraria da sessão, esboçam os modos de existência que os circulam, reafirmando o sectarismo religioso na sociedade em que vivem. Porque não se trata de conviver nesses outros espaços religiosos, mas a negação de saber que outros sagrados atravessam a sociedade e outros modos de existência.

As falas transcritas denunciam as concepções e crenças dos indivíduos que participam de dentro e por dentro do espaço escolar, abrindo fissuras para outras inquietações que tangem a composição curricular. Como são tratados os discursos marcados pelo sectarismo religioso nesse espaço, estão atrelados à ação dos professores, direção, funcionários? Esses temas são

---

[49] *Hic et Nunc* é uma expressão do latim que significa aqui e agora. Esta expressão denota alguma coisa que deve ser realizada "agora" ou no momento em que é dita a expressão e se refere à situação concreta em questão. Costuma ser usada como um lema imperativo, de alguém que precisa de alguma coisa (satisfação de um desejo), aqui e agora. Hic et nunc define o tempo (*hic*) e o espaço (*nunc*).

articulados no currículo, (re)produzindo velhos posicionamentos sectários, intolerantes? Essas são algumas das possibilidades de pensar o currículo.

4.3 Nas entrelinhas curriculares

Importante destacar o Currículo aqui entendido não com a visão do paradigma arbóreo cartesiano, de lógica binária, modernista, que determina a linearidade do conhecimento. Aqui é pensado na perspectiva rizomática, considerando a possibilidade de múltiplas entradas no sistema, tornando possível estabelecer uma multiplicidade de conexões entre as linhas abstratas que o compõem. No panorama rizomático, essas linhas se conectam umas às outras, possibilitando linhas de fuga, abstraindo qualquer possibilidade de enquadres. Aqui é pensado como possibilidade de (extra)vazar por *entre* as grades, disciplinas. Compõe-se não apenas de conteúdo, mas também de relações, construções e desconstruções identitárias, preceitos implícitos, condutas, costumes, culturas.

Dessa forma, como os estudantes, o corpo docente também carrega e deixa vazar no espaço escolar seu sagrado e como convivem com outras expressões religiosas. Nessa direção, conforme anunciado na metodologia, sentimos a necessidade de realizar um momento com os docentes e funcionários do CEPMLL, entendendo que o currículo se compõe não apenas por conteúdo disciplinar, mas também pelo que acontece nas relações, construções e desconstruções identitárias, preceitos implícitos, condutas, costumes, culturas, heranças de pensamentos que possuem um sentido de formação. Dessa maneira, esses outros corpos que estão em composição no espaço escolar CEPMLL e dialogam constantemente com os estudantes desta pesquisa foram ouvidos. Assim, destacamos algumas das falas provenientes desse encontro especial.

Na fala docente que segue, identificamos uma tentativa de produzir um discurso de tolerância e respeito à diversidade religiosa, mas a professora se trai quando faz referência à Umbanda, deixando escapar em seu discurso "**um negócio lá** de umbanda". Vejamos na íntegra esse discurso.

> Lá em casa, a gente foi criado tudo na Católica, mas eu frequento e já fui em todos os lugares. Porque eu tenho a mente aberta. [...] já frequentei todos os lugares, se me chamarem vamos pra um **negócio lá de umbanda,** eu vou. Eu ia com minhas primas e eu ficava olhando assim. **Teve um dia que o que mais me impressionou [...] eu fui com a minha prima e o marido e eu não sabia que ia baixar o santo e aí baixou e ficou parecendo uma indiazinha e aí pra voltar dentro do carro com aquela indiazinha**

> **[risadas]** (L.B., professora, *grafoconfeitaria sabores professorais*, grifos nossos).
>
> [...] Ultimamente essa busca por Deus, todo mundo traz a questão do protestantismo pra dentro da escola [...] Então**, vai fazer uma passeata, tem que cantar o hino evangélico, vai fazer uma formatura, tem que cantar o hino evangélico... vai fazer consciência negra... aí termina que só traz aquilo [condutas evangélicas]. E aí não traz outras concepções**. E aí a gente não permite a diversidade, a gente fecha o ciclo e aquilo ali, às vezes, acaba ferindo o outro [...] (D.F.P - Equipe Gestora, *grafoconfeitaria Sabores Professorais*, grifos nossos).

Nessas falas percebemos a inquietação, partindo da gestão, quanto às imposições do uso de determinada expressão religiosa em detrimento de outras, reforçando o sectarismo religioso no espaço escolar. Importante destacar que essa foi a mesma gestão que sugeriu uma sala de orações, sinalizando um discurso que não está em consonância com a prática curricular. Assim, *entre* esses atravessamentos, o currículo vai se constituindo nesse espaço, sob concepções racionalistas e às vezes até conservadoras. Concordamos com Raic (2020), para quem "somos todos feitos nas tramas das nossas próprias histórias, marcados pelas experiências que nos alteram ao longo do tempo" (Raic, 2020, p. 123). Então, do que está posto até aqui, dizemos que o currículo, agenciado pelos processos de subjetivação religiosa sectária, ainda carrega contornos modelares em torno de uma religião dominante que, nesse caso, prevalece o cristianismo católico e evangélico. Estremecidos por outros corpos que "navegam em outros mares, desembarcam e não colonizam" (Corazza, 2010, p. 152), vemos esses discursos: "Aqui na escola algo que me incomodou. Foi quando eu via os louvores aqui. Não é porque eu tenha uma religião diferente ou nada não, mas por **que as outras religiões não podem se manifestar?**" (I. C, professora, *grafoconfeitaria especial*, grifo nossos).

O questionamento da professora I. C. nos direciona a refletir sobre o pensamento dominante de um saber produzido socialmente, uma construção social e não propriamente individual que elege uma religião em detrimento de outras. Assim como o questionamento da coordenadora, J. P. M.:

> Eu lembro quando eu trabalhava com menino pequeno, [e] me perguntavam se eu não rezava. Não. Cada um reza em sua igreja. O meu papel é educar. Ensinar a rezar não. Eu sempre odiei esse negócio de ter que ensinar a rezar. Me chame de incrédula quem quiser. Mas, se eu fosse uma professora da macumba, eu poderia cantar o meu hino do meu orixá? Não. Agora, por que o professor católico ou evangélico tem que cantar o louvor ou tem que fazer a oração? Ou ele tem que fazer a oração? **Eu sinto que é difícil lidar com isso, porque nós somos ensinados numa cultura cristã, católica, em que essas outras religiões têm que ficar escondidas.** Então, **ninguém pode ser**

> **uma professora do Candomblé e chegar na sala de aula e cantar o hino do orixá... o do espiritismo... mas o evangélico e o católico pode. Pode por quê?** (J. P. M. – Equipe Gestora, *grafoconfeitaria sabores professorais,* grifos nossos).

Esse questionamento ao final da fala de J.P.M potencializa nosso pensar, desestabiliza e ameaça o império das verdades professadas, repetidas e repartidas no cotidiano escolar. Assim, nas dobras das práticas curriculares, esse rezar naturaliza e normatiza um determinado tipo de religião, um agenciamento maquínico que regula e modela vidas, mesmo com a legislação brasileira vigente predizendo a laicidade na educação, as práticas do rezar são mais uma maneira de confirmar o sectarismo religioso nesse espaço, de maneira sutil vai se inscrevendo entre os indivíduos no espaço escolar, ressoando numa prática curricular modeladora.

Esses discursos que circulam nas dobras curriculares nos remetem à ideia de um currículo-mapa que, segundo Raic (2020), "está sempre aberto num plano imanente, assumindo virtualidades em vias de atualizarem-se continuamente" (Raic, 2020, p. 140).

> [...] Um currículo-mapa, por possuir múltiplas entradas, admite produções de singularidades [...] permite ao sujeito relacionar-se com o mundo, contemplá-lo e mesmo produzi-lo; possibilita movimentos fluidos, em que os indivíduos vão experimentando suas possibilidades [...] (Raic, 2020, p. 141).

Quando se trata de ensino religioso, como bem observa J. P. M., têm-se vivenciado nesse espaço ações pedagógicas com cunho de doutrinação religiosa com elevada carga de expressões dominantes, como já comentamos. Esse espaço, ao invés de propiciar um livre pensar, torna-se refém de grupos religiosos que difundem suas crenças e verdades únicas, distanciando-se cada vez mais das ações pedagógicas autônomas e reflexivas, validando cada vez mais concepções pedagógicas de ensino religioso pautadas em modelo confessional. Nessa direção, vejamos esses posicionamentos:

> [...] como a religião passa por esse caminho de opressão e de violência, na purificação do encontro com Deus, eu não posso deixar meus alunos fora desse contexto. Então, no 3º ano, quando eu posso, eu jogo duro. Mas nós estamos nessa situação, dentro do Ocidente, quando a gente tá mostrando esse poder, [quando] a gente contextualiza aqui com a Copa do Mundo, o mundo árabe, o Irã (uma menina morreu porque o véu saiu do rosto dela) [...]. Os jogadores que vão ser enforcados, tão na fila da morte. Então a gente não pode esquecer que existe uma religiosidade e que existe um poder político que dá essa condição. Então, não posso deixar de ver isso como Confúcio, que dizia que a educação é o processo de libertação do homem e

> que a gente luta o tempo todo. Se eu falo em global, eu sou comunista. Se eu falo em desigualdade e que tenho que ganhar o poder, sou capitalista; então nós vivemos nesse processo e temos que participar desse processo e é nisso que a religião tem que ficar muito clara, pra que a gente possa saber seguir e respeitar. **Embora na sala de aula a gente faça opressão** (Z. C., professora, *grafoconfeitaria sabores professorais*, grifo nosso).
>
> [...] **A religião ela é sim, um objeto de estudo. Mas a religião não tem nada a ver com a religiosidade**. A religiosidade de cada um é uma coisa. A religião é objeto de estudo da história, da geografia, da sociologia, da antropologia. Porque é preciso, inclusive, discutir essas questões para que o sujeito tome consciência do seu papel diante dessa situação. Como é que nossos alunos saem do Ensino Médio sem conseguir compreender o porquê das guerras no Oriente Médio. O porquê das guerras no Oriente Médio é uma questão histórica de religião. Como é que nossos alunos saem do Ensino Médio e não compreendem o que foi o catolicismo na Idade Média. Não é o catolicismo de hoje, mas como foi na Idade Média. O que foi a Igreja Católica e como ela foi responsável pelo processo de escravização de pessoas. Isso é papel da escola se discutir, mas com seriedade. E profundidade (J. P., Equipe Gestora, *grafoconfeitaria sabores professorais*, grifo nosso).
>
> [...] E eu digo assim, **quem não tem condição e não quer estudar, é melhor não ensinar do que ensinar errado. Porque não há espaço para o confessional, é pra reflexão e é filosofia mesmo.** Pra discutir... Não é pra o sujeito deixar de ser católico não...É pra entender o contexto de como as coisas estão interligadas... Uma escola de Ensino Fundamental, na matéria de educação religiosa. **Eles levaram os alunos para uma aula prática, numa igreja evangélica. E eu questionei. 'Por que isso?'. Responderam: "ah, educação religiosa". Mas não é essa função. Eu vejo assim ... Vai dar ensino religioso. Quem vai dar? Ou um professor que é padre ou um pastor. E de certa forma, tá direcionando a pessoa. Não deixa a pessoa escolher...** E aí tá longe da BNCC que traz o Ensino Religioso... sem esses paradigmas aí... (Z. C., professora, *grafoconfeitaria sabores professorais*, grifos nossos).

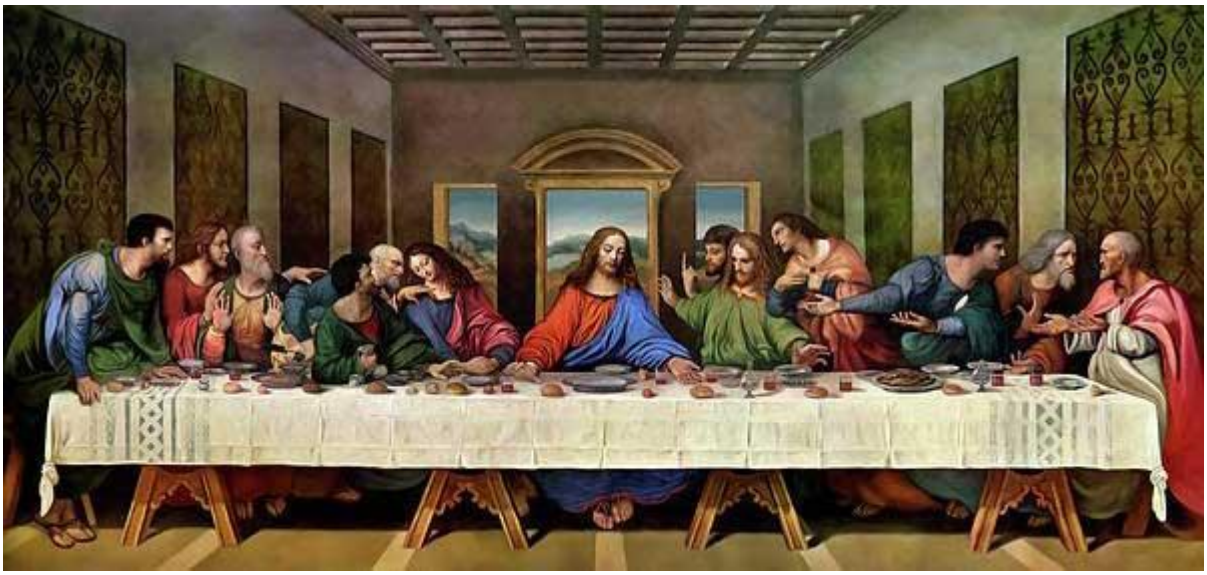
As produções curriculares que circulam nesse espaço escolar, que escapam entre as falas, diálogo, e imagens, são fortes indicadores do panorama social dos indivíduos que o circundam e os processos de subjetivação impressos nas entrelinhas de suas práticas, reflexos desse emaranhado de forças que situam as relações, provocam estabilizações, constroem operações, "que consiste em traçar uma linha de força geral, em concatenar as singularidades, alinhá-las, homogeneizá-las, coloca-las em séries" (Deleuze, 2019b, p. 77). O currículo se manifesta com função reprodutora e não produtora. A maioria dos estudantes, assim como os professores, é conduzida por "anjos tronchos", como na Canção de Caetano Veloso, que critica e reflete sobre os efeitos sociais da mídia e o poder que exerce. A canção aborda de forma admirável a problemática em que estamos inseridos, nossos desejos são monitorados, teleguiados como nas marionetes:

Uns anjos tronchos do Vale do Silício
Desses que vivem no escuro em plena luz
Disseram: Vai ser virtuoso no vício
Das telas dos azuis mais do que azuis
Agora a minha história é um denso algoritmo
Que vende venda a vendedores reais
Neurônios meus ganharam novo outro ritmo
E mais, e mais, e mais, e mais, e mais
Primavera árabe
E logo o horror
Querer que o mundo acabe-se
Sombras do amor
Palhaços líderes brotaram macabros
No império e nos seus vastos quintais
Ao que revêm impérios já milenares
Munidos de controles totais
Anjos já mi, ou bi, ou trilionários
Comandam só seus mi, bi, trilhões
E nós, quando não somos otários
Ouvimos Schoenberg, Webern, Cage, canções [...].

Assim, as reflexões camufladas na poesia da canção de Caetano podem nos ajudar a pensar como os processos de subjetivação, as composições curriculares do espaço escolar, assim como a família, os templos também são espaços de produção de poder e saber. Para Foucault (1996), o indivíduo é uma produção do poder e do saber, que se insculpe no próprio corpo. Para este autor, as forças que operam sobre nós, o que vai intitular de "poder", irão de certo modo contagiar, atravessar, afetar diretamente o corpo e as posturas comportamentais, produzindo para si e para outros uma espécie de rede de significações.

> O corpo: superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto que a linguagem os marca e as ideias os dissolvem), lugar de dissolução do Eu (que supõe a quimera de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização. A genealogia [...] está portanto no ponto de articulação do corpo com a história. Ela deve mostrar o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo (Machado, 1979, p. 22).

Nessa direção, entendemos que há diferentes formas de controle, oriundas do poder, no que tange ao corpo, tendo como intenções o adestramento, o controle, a subordinação, a despotencialização do corpo/indivíduo, *modus operandi* histórico. Da mesma forma, em justaposição, afetarão também a sua produção de ideias e saberes. Importante perceber que "a prática do poder permanece irredutível a toda prática do saber" (Deleuze, 2019b, p. 76). Vimos que as práticas discursivas do saber dos participantes da pesquisa carregam em si enunciados que estampam a própria prática discursiva, ambiguidades que escapam.



Santa Ceia – Leonardo Da Vinci 1495 e 1498[50]

Viajar? Para viajar basta existir. Vou de dia para dia, como de estação para estação, no comboio do meu corpo, ou do meu destino, debruçado sobre as ruas e as praças, sobre os gestos e os rostos, sempre iguais e sempre diferentes, como, afinal, as paisagens são. Se imagino, vejo. [...] *Que mais faço eu se viajo? Só a fraqueza extrema da imaginação justifica que se tenha que deslocar para sentir.* [...]

Fernando Pessoa[51]

[50]Obra: A Última Ceia. Foi produzida entre os anos de 1495 e 1498. O trabalho foi encomendado pelo Duque de Milão, Ludovico Sforza, para adornar a parede da Igreja de Santa Maria Delle Grazie. Da Vinci passou três anos de sua vida dedicada a ela, e atualmente é considerada uma das obras mais importantes da humanidade. Ele utilizou as técnicas associadas ao afresco e a têmpera. Disponível em: https://www.todamateria.com.br/a-ultima-ceia-de-leonardo-da-vinci/. Acesso em: 20 jun. 2023.

[51] Livro do Desassossego por Bernardo Soares. Vol.II. Fernando Pessoa. (Recolha e transcrição dos textos de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha. Prefácio e Organização de Jacinto do Prado Coelho.) Lisboa: Ática, 1982. - 387.

5 RACHADURA 5 – AGENCIAMENTOS RELIGIOSOS DOS JOVENS NA COMPOSIÇÃO DE SI

[...]Deus, tornando ponto de subjetivação, se desvia de seu súdito, que também se desvia de Deus. Os rostos escapam, se desviam e se põem de perfil[...]

(Deleuze; Parnet, 1998)

5.1 Entre os agenciamentos e produção de sentidos

Nos enquadres vibráteis da nossa *grafoconfeitaria*, foi possível acompanhar "curvas e desvios no decorrer do processo, derivações do problema, de acordo com os acontecimentos do fora" (Hur, 2022, p. 41). Assim, seguindo os rastros dos atravessamentos religiosos desses estudantes, outras derivas puderam ser mapeadas nesse território; rachaduras que me possibilitaram outras direções e sentidos: dos corpos rachados por doenças (câncer, osteogêneses, depressões, transtornos mentais e emocionais), por perdas e lutos (morte, abandonos), por abusos e violências (incestos, pedofilias e machismo), por práticas culturais heteronormativas e outros circuitos. Rachaduras que vêm se desdobrando nas composições de si, expressas em suas experiências sociais. As falas que seguem marcam alguns desses desdobramentos:

> Eu sentia raiva das outras crianças, enquanto elas brincavam lá fora. Eu presa em uma cama no hospital, pensava que Deus não lembrava mais de mim (Mel de Cacau, *Grafoconfeitaria da Zanda*).
>
> Não entendia, estava com 5 anos quando minha mãe abandonou, meu pai, meu irmão e eu. Ajoelhei pedindo para que ela (a mãe) ficasse. Deus é tudo na minha vida! (Juá, *Grafoconfeitaria da Zanda*).
>
> Eu dormia no quarto com ele [irmão], não queria, sinto nojo até hoje. Onde estava esse tal Deus? (Garapa, *Grafoconfeitaria da Zanda*).
>
> Não sabia que minha avó estava com câncer, via deitada às vezes, eu tinha 8 anos. Quando a ambulância chegou, levou minha avó. Eu achava que ela voltaria. Não voltou mais. Não entendo esse Deus. Eu acredito que Ele exista, mas não quero mais Ele na minha vida (Amburana, *Grafoconfeitaria da Zanda*).

Por meio dessas falas, percebemos quanto seus corpos foram afetados por essas experiências, e a presença do agenciamento religioso nas circunstâncias narradas. Importante grafar que um agenciamento são produções de forças, uma associação, um cofuncionamento,

isto é, o esforço entre corpos que, segundo Deleuze e Parnet (1998, p. 66), podem ser "físicos, biológicos, psíquicos, sociais, verbais". À vista disso, agenciar é estar no meio, de maneira que todo e qualquer agenciamento ocorre entre diversos outros agenciamentos. "Expressa a dobra de conexões e articulações entre distintos elementos que se dispõem, agenciam e constituem uma maquinaria" (Hur, 2021, p. 35).

Dentro dessa perspectiva, entendemos que cada estudante desta pesquisa é uma multiplicidade que pulsa e estabelece uma direção nos seus múltiplos devires. Assim, a ontologia do sentido, como se refere Deleuze, trata da diferença constitutiva que compõe e entrelaça as diferenças. Para o autor, o sentido é muito mais criação e manutenção de oposição. É ao mesmo tempo a percepção de um efeito físico particular – como sentir o gosto de uma torta, o aroma de um café – e o significado universal de um pensamento – o significado de uma palavra, de um acontecimento. "O acontecimento por si mesmo é problemático e problematizante" (Deleuze, 2015, p. 57). O autor ainda vai nos dizer que

> O brilho, o esplendor do acontecimento é o sentido. O acontecimento não é o que acontece (acidente), ele é no que acontece o puro expresso que nos dá sinal e nos opera. Segundo as três determinações precedentes, ele é o que deve ser compreendido, o que deve ser querido, o que deve ser representado no que acontece (Deleuze, 2015, p. 152).

Desse complexo surgiu no *entreespaço* de nossas conversações, das narrativas dos acontecimentos, do experimentado entre sorrisos, dores e lágrimas o "rosto de Deus", que fora materializado entre pinceis, cores e formas, traços e rabiscos. A *grafoconfeitaria* rostidade redobra-se fazendo surgir outras desdobras, espaço para outros sabores, confecções artísticas, plásticas, seguindo a compreensão de que arte é um ingrediente potente nesse espaço esquizodramático, provocador de desterritorializações, capaz de produzir novas territorialidades, ecos das afecções e intensidades. Como dizem Deleuze e Guattari, "a arte nunca é um fim, é apenas um instrumento para traçar as linhas de vida" (Deleuze; Guattari, 2012c, p. 63).

Nas obras que seguem, os elementos postos e sobrepostos apresentam Deus enredado por cadeias significantes – tramas dos acontecimentos que se desenrolaram ao longo de suas vidas. À maneira de Spinoza, ser é expressão, é dela (a expressão) que surge o rosto ou a rostidade de Deus, resultante de agenciamentos, processos de subjetivação que envolvem e compõem o ser.

5.2 Entre os acontecimentos experimentados, uma rostidade

Para Deleuze e Guattari (2012c), um rosto pode ser entendido como “um muro ou tela”, que atende a um conjunto de referências, com o qual o indivíduo passa a se identificar, sem enxergar que fora subtraído da sua potência; apenas uma minoria de pessoas constitui a potência de um devir. A maioria dos estudantes desta pesquisa foi capturada, acredita em valores que ao longo da sua história foram se constituindo. Muro branco e buraco negro são metáforas analíticas, utilizadas pelos autores, cujo entendimento é de um “muro branco” para a significância ou muro das linguagens e a de “buraco negro” para a subjetivação ou capturas da linguagem. O primeiro se mostra como superfície lisa, onde se imprime o significado; o segundo é uma rua larga onde não existe organização e controle. No tempo em que um reflete as redundâncias de uma razão compartilhada, o outro seria a imersão no poço obscuro das paixões (Deleuze; Guattari, 2012c).

> É certo que o significante não constrói sozinho o muro que lhe é necessário; é certo que a subjetividade não escava sozinho seu buraco. Mas tampouco estão completamente prontos os rostos concretos que poderíamos nos atribuir. Os rostos concretos nascem de uma máquina abstrata de rostidade, que irá produzi-los ao mesmo tempo que der ao significante seu muro branco, à subjetividade seu buraco negro. O sistema buraco negro-muro branco não seria então já um rosto, seria máquina abstrata que o produz, segundo as combinações deformáveis de suas engrenagens (Deleuze; Guattari, 2012c, p. 37).

A máquina de rosto é a forma pela qual se compõe uma identidade individual. Para tanto, o rosto é apenas uma das formas possíveis dessa máquina abstrata se atualizar. É sempre uma conjunção entre o regime de signo – significante (muro branco); e o regime de signo-pós significante/subjetivação (buraco negro).

Podemos traduzir da obra Santa Ceia, imagem que abre este capítulo, os traços desse processo que não nasce com o Cristianismo, mas marca as intensidades, a subjetivação como interioridade. Com isso não estamos dizendo que foi nesse momento que surgiu o rosto, pois esses regimes já existiam e estiveram misturados, mas com o cristianismo, expressão religiosa que (de)marca as religiões dos estudantes desta pesquisa, a subjetividade vai ganhando proeminência a partir do momento em que o sujeito faz um contrato, desse sujeito que conversa com Deus, sem mediadores, sem a intervenção de um imperador, é que se pode produzir um rosto na articulação desses dois regimes (muro branco - buraco negro). Existe uma variação de como esses regimes se articularam, historicamente, assim a máquina de rosto

vai ser o resultado do capitalismo moderno, do Estado Moderno que, segundo Deleuze (2012c), é constituído por dois polos: o polo despótico – significado; e o polo autoritário – subjugação.

Nessa direção, temos como o rosto aquilo que vai identificar o indivíduo, vai marcar sua identidade, e especialmente irá selecionar as identidades que "são válidas e as que não são", o que "passa e o que não passa" como socialmente aceito, sendo o rosto do Cristo, última instância o rosto do homem branco, ainda que o Cristo histórico não fosse branco, entretanto, em toda ecografia cristã contemporânea Jesus vai ter o rosto branco, cabelos castanho-claros, olhos azuis. Traços tipicamente europeus, ou seja, o homem branco como perspectiva modeladora.

O regime significante está ligado a uma organização política imperial, em que os signos dominam, são imperiais, conquanto a subjetividade vem em segundo lugar. No regime pós-significante, as ligações são feitas com regimes estatais, especificamente democráticos, e começam a operar especialmente nos valores do estado.

Nessa direção, existe uma semiótica mista, em que pela organização desse sistema "muro branco-buraco negro" em uma dupla via de significação-subjetivação, surge um rosto que não segue estruturas anatômicas, rosto como desterritorialização da cabeça que está ligada ao extrato do organismo que acaba sendo muito mais inumano que humano, "um corpo sem órgãos, animado por diferentes movimentos intensivos que determinarão a natureza e o lugar dos órgãos em questão, que farão desse corpo um organismo, ou mesmo um sistema de estratos do qual o organismo não é senão uma parte" (Deleuze; Guattari, 2012c, p. 41).

Interessante observar que o rosto de Deus nesse circuito artístico devém de categorizações sociais e qualidades que compõem os enquadramentos de determinadas expressões religiosas. Não há uma fisionomia, há uma rostificação. Observemos essa rostificação de Deus nas palavras mapeadas nas apresentações das telas produzidas, costuradas e ratificadas com falas de outros encontros *grafoconfeiteiros*. Ao mesmo tempo, foi-nos possível observar como essa relação foi compondo esses estudantes e sua forma de estar no mundo.

Importante dizer que os títulos das obras produzidas pelos estudantes foram nomeados por mim, ressonâncias dos discursos e de suas intensidades provenientes da eloquência emocionante do momento experimentado.

a) *Deus invisível (Invisibidade de Deus – Deus se manifesta através da natureza e da criatura)*

> [...] Se olhar bem o céu, melhor, as nuvens, nós podemos ver aqui, o céu que
>
> está representando o amarelo, o céu azul para nós, está aqui. O sol está aqui também. Os pássaros estão aqui, as árvores, as plantas, capim, flores, tudo. Mas com a interpretação que referente a Deus, é que para ver Deus não é possível. **É impossível o ser humano conseguir, ou até um anjo ver Deus**, a não ser que Deus queira isso. Mas, isso porque a glória de **Deus é tão grande, que se uma pessoa olhar, já desaparece de uma vez, de tão poderosa que é a presença de Deus**. Por isso, **ninguém vê Deus, a não ser Jesus, o próprio Filho. Mas, de uma forma, nós podemos ver Deus, que é só olhar para a natureza** (Fubá, *Grafoconfeitaria rostidade*, grifos nossos).

Nessa obra, a invisibilidade de Deus foi materializada através do Seu poder estampado entre as cores da natureza e no discurso transcrito. Esse "poder" fortalece os discursos desse e de outros jovens. "Poder" que foi apossado quando o mesmo estudante expõe na roda de conversa, oriunda da *Cinegrafoconfeitaria*, que Deus não estaria em um terreiro de candomblé, pois terreiro, segundo ele (Fubá), não é um lugar para Deus. Percebemos a presença de uma superioridade e arrogância comum em discursos intolerantes.

b) Deus imensidão infinita

>
> [...] Nessa tela aqui, eu estava conversando com um amigo. Na verdade, ele não é um amigo. Ele é um garoto que tem depressão. E aí aconteceu que ele se mudou pra cá. Deus me deu um lugar pra estar com ele, e eu fui lá, achei que não tinha nada a ver com ele. Eu comecei a conversar com ele, pediu o nome dele e a gente começou a conversar. E aí eu perguntei assim pra ele como é que ele via Deus. Ele falou que tinha uma visão de Deus e que Deus era universal. Ai eu falei que eu tenho uma ideia parecida. **Pra mim Deus é grande… Mas, eu fico pensando, como um Deus tão grande pode saber de mim, pode saber o meu nome, sabe quem eu sou e sabe o que eu tô passando**. Quando eu estava vindo com Mel de Cacau, ela me contou algumas coisas, que me fez lembrar de muitas coisas que aconteceram comigo dois anos atrás, inclusive aconteceu recentemente, porque, **você tem que estar em sacrifício**, é uma história muito difícil de expressar. E aí ela

> falou sobre a culpa, né? - Sobre a gente não estar fazendo algo que é do agrado de Deus. **A gente não está sendo fiel, sabe? Ele ama tanto a gente, e a gente não retribui com nada** [...] (Sal Marinho, *Grafoconfeitaria terra*, grifos nossos).

c) Deus salvação

> [...] Desde pequena nunca deu certo eu ir, até porque eu passava bastante tempo no hospital, então eu já tinha visto o mar, principalmente em Salvador, que eu passei pertinho. E, eu sempre tive a vontade de ir, e era um certo sonho meu. Só que, além de eu perder muito tempo no hospital e não conseguir ir, trabalhar bastante, porque geralmente eu ficava fora por uns três meses, especialmente quando era coisa de perna, que é mais difícil, aí ficava mais parada, uns três, quatro meses por aí. E, além disso, tinha outros fatores que também não dava certo eu ir. E eu tava muito mal nesse dia e nessa época, e assim, ver o mar e essa paisagem aqui me ajudou bastante. E trabalhando com Mônica na oficina da Ciranda das Emoções, ela falou com a gente sobre as flores, e o azul ele remete à tranquilidade. Então, desde quando houve a proposta de pintar uma tela desenhando o rosto ou a forma de Deus, eu pensei nisso aqui, porque de certa forma eu vi ele refletido aqui [...] (Mel de cacau, *Grafoconfeitaria terra*).

> [...]Quando eu tava lá, apareceu uma irmã da igreja e ela me abraçou e meio que Deus falou comigo atrás dela, porque eu não conseguia falar com ele, então ele veio falar comigo. E ela falou... Na verdade, Deus falou. Ela disse a seguinte palavra: “Filha, eu estou com saudade de você. Quando precisar, saiba que eu sempre estarei aqui. Essa venda em você, só eu que posso te tirar”. [...] E a partir desse momento, meio que eu comecei a sentir paz. Ficar longe da igreja está sendo meio que difícil. Porque eu **sou meio que muito dependente** da igreja. **Mas eu gostaria de voltar, só que eu não me sinto apta a voltar. É justamente a questão da culpa** (Mel de cacau, *Grafoconfeitaria terra*, grifos nossos).

Na obra Deus Imensidão, a beleza que Sal Marinho imprime em sua tela e denomina como Deus é proporcional à culpa que estampa nas linhas e entrelinhas da sua explicação, imensa! Compreendemos essa culpa que a acompanha, assim como a culpa expressa também por Mel de Cacau, a partir das histórias de vida que vêm construindo os modos de estar no mundo. Sal Marinho é menina da igreja, Mel de Cacau já foi. A primeira foi abandonada pelo pai; a segunda, o pai nunca quis saber da sua existência. Ambas foram apresentadas a um

Deus que é tão grandioso que de onde estiver tem informações sobre elas. Corpos que foram produzidos, afetados pelo abandono que sofreram. Assim, podemos entender melhor a rostificação de Deus pintada por elas (para a primeira, Deus está na imensidão expressa através do universo; para a segunda, Deus é salvação traduzida na imensidão do mar que tanto a fascina). Já o Deus infinito, impresso na tela de Mel de Engenho, expressa a configuração de um Deus à imagem e semelhança do homem, contrariando a passagem bíblica em que somos "a imagem e semelhança de Deus". Observemos a sua explicação:

> [...] eu quis desenhar um universo. Eu acho que é bem claro aqui, e deixando claro que isso aqui não é um OVNI, tá? É como se fosse um planeta, só que é um planeta branco, porque, eu não sei. Mas, eu acho que o que representa Deus aqui é que **Deus é infinito**. Tem um filme chamado O País de Ser Invisível. Aí tem, no final do filme, tem uma mensagem que diz que **nós somos infinitos. E pra mim Deus é infinito também.** Eu não acredito só em Deus, assim, só no Deus cristão. Eu também acredito na reencarnação, que provavelmente é a vida espaçada, mas eu acredito. E eu me sinto muito bem acreditando nisso [...]. Eu não sei, eu me sinto bem. Pra mim é verdade, sabe? Na minha percepção é verdade. É só isso mesmo que é minha cultura [...] (Mel de engenho, *grafoconfeitaria rostidade*, grifos nossos).

Curioso, também, é perceber os sentidos que os acontecimentos foram produzindo em cada corpo que participa desta pesquisa. De falas atravessadas por dores, mágoas e ressentimentos surgiram a luz e o amor que advêm de um Deus. Nessa perspectiva, Deus fora a base para suportarem as experiências que Juá e Garapa provaram. A primeira, na iminência do abandono, ajoelha-se aos pés da mãe (conforme narrou), clamando para que não vá embora, não a abandone, tampouco abandone a seu irmão e a seu pai, como um religioso que se ajoelha aos pés dos seus santos de barro, em postura de clemência, e assiste à figura da mãe dissolver-se diante de si. A segunda, Garapa, fora violentada por inúmeras vezes na sua infância e adolescência, violência incestuosa, que quebrara o seu sagrado, a inocência. Com seus corpos machucados, maltratados, violados, buscam *entre* a dor, a luz e o amor de um Deus já anunciado.

d) Deus luz

Em meio a tantas coisas que eu já passei, eu vejo Ele como uma luz (Juá, *Grafoconfeitaria terra*).

[...] tem uma música que o nome da música é A luz que me traz paz, e Deus é a luz que me traz e me trouxe paz (Garapa, *Grafoconfeitaria rostidade*).

e) Deus amor

Essa tela se estendeu em um diálogo importante. Há um problema que emerge na exposição e os autores se movimentam numa problematização cheia de nuanças que não podem ser desprezadas. Segue:

[...] Aí eu tive na mente que eu ia fazer mais um formato de Deus e amor. Só que aí eu também quis trazer o pecado, porque muita gente diz que ele é justo. Mas, eu quis trazer o amor de Deus no pecado. Como você vê aqui, essa sombra preta é todo o pecado que há diante o mundo e aqui é Deus. Aqui é o amor dele, independente do pecado, e aqui dá pra ver que o pecado tá tentando entrar. Mas o amor sempre vai ser mais forte [...] (Garapa, *Grafoconfeitaria rostidade*).

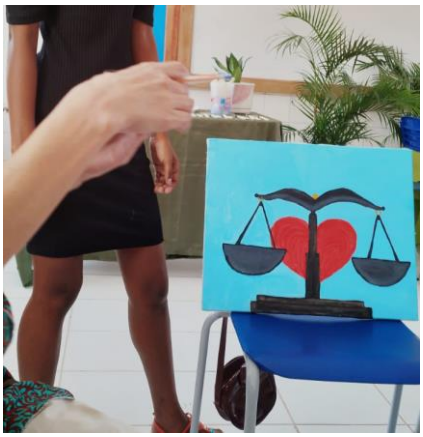
Por que o pecado foi preto? Não poderia ser de outra cor? (Garapa, *Grafoconfeitaria rostidade*).

Eu ia colocar azul. Eu não sei... acho que pelo povo, pelo olhar do povo, acho que eu não queria, mas pelo meu olhar, eu ia colocar azul. **Essas cores mais fortes estão sempre ligadas a uma coisa ruim.** Tipo, se colocar uma cor amarela, ninguém vai pensar que é ruim. Uma cor azul… Eu trouxe o preto pra vocês conseguirem entender. Por mim eu colocava rosa! (Garapa, *Grafoconfeitaria terra*, grifo nosso).

Podemos perceber, também, na tela de Garapa, a contaminação das posturas religiosas intolerantes, pois estampa a discriminação e o preconceito às religiões de matrizes africanas, assim, o amor expressado por Garapa encontra-se frágil, tanto quanto seu equilíbrio mental (diagnosticada com depressão e síndrome do pânico).

Nas duas últimas telas que seguem, analisando os discursos que as apresentam, identificamos uma rostificação com características antropomórficas. Ambos atribuem a Deus o sexo masculino (criador, juiz, Adão), o que podemos entender como reflexos dos arranjos sociais em que o homem ainda ocupa um papel centralizador (provedor, aquele que possui melhores remunerações no âmbito profissional etc.). Importante lembrar que vivemos uma rede que interliga os acontecimentos e produções de sentido dos indivíduos. Assim, a religiosidade que cada um apresenta e, consequentemente, imprime no espaço escolar, a maneira como foram se constituindo, suas concepções de mundo e formas de ver o mundo foram os substratos para fazerem aparecer um rosto.

f) Deus juiz



[...] Quando eu comecei a fazer a tela, eu tinha um significado enorme por trás, mas depois que eu terminei, isso tá na minha memória muito ruim, sabe? Eu não lembro mais tudo o que ela representava. Mas eu fiz uma balança, que é símbolo da justiça, e um coração, que é símbolo do amor. Eu tenho uma palavra que ele é **justo juiz**. Porque tem acontecimentos do meu dia que, eu acho que se não fosse Ele, se não fosse Ele sendo justo comigo, se ele não me amasse eu não conseguiria passar por aquilo (lágrimas e silêncio) (Castanha de caju, *grafoconfeitaria terra*, grifo nosso).

Muitas pessoas acham que Deus só fica lá no seu trono, julgando, sem nem saber o que é que acontece aqui. Mas pra mim, Deus é incrível, porque Deus julga com sabedoria. Ele julga com sabedoria e justiça. Mas sua justiça, não é justiça que a gente entende. Nós seres humanos, estamos elevados pela raiva (Sal Marinho, *grafoconfeitaria ar*).

g) Deus criador

[...] eu gostei muito dessa obra, mas antes eu tinha pensado na obra, me veio como uma mão, na minha mente. E aí eu trouxe a representação através dessa obra, que é a criação de Adão. **Dependendo do ponto de vista que nós defendemos do nome da obra, pode dar-se a entender que foi Adão, criado por Deus ou também Adão criando algo, assim a criação fica aberta para interpretações. Ou, quem sabe até ser Adão criando Deus**. E essa aqui é a mão de Deus. **É interessante como o seu dedo é reto, então se mostra assim o seu amor reto, a sua justiça, que o seu caráter não vai se abalar ou cair, por meio dos sentimentos humanos.** E aqui, tem a questão de ser a natureza caída. Mas eu quero dizer é que, se você acredita que Deus criou Adão, ele é o Criador. Mas, a gente pode interpretar também que pode ser Adão criando Deus, ou seja, o que é Deus para nós? E quando fala da mão, a mão toca, né? É o principal acesso que tem com o corpo da outra pessoa, é tocar. **E quando eu trago Deus como uma mão, é saber onde ele toca em nós.** Quero que ele nos toque, que ele nos acaricie, que ele me dê um braço forte. Ou, se não, também, que não faça nada, que a mão se distancie. [...] Então, **com a mão reta de Deus, Deus está sempre disposto a nos receber, mas com a mão caída do homem, que são os problemas, as dificuldades, as lutas, que nos impedem de chegar até Deus**. A soberania de Deus não interfere na vontade do homem. Assim eu acredito. Então, cabe a nós, escolhermos se nós queremos estender o dedo, a mão a ele (Açucar purgado, *Grafoconfeitaria rostidade*, grifos nossos).

Pra muitas pessoas, Deus é injusto (Açucar purgado, *cinegrafoconfeitaria*).

5.3 A composição de si e as rostificações *entre* os corredores do espaço-escolar

Na imanência, os fluxos e as forças do fora incidem na matéria e no território do ser. Afetam o corpo e o instigam para que reaja e aja, constituindo esquemas de ações, o hábito e a subjetividade (Hur, 2021, p. 50). Como visto, os estudantes reproduzem uma rostidade de Deus resultante dos atravessamentos das suas próprias religiões, em outras palavras, “dos agenciamentos dos territórios e de quem o ocupa” (Hur, 2021, p. 50).

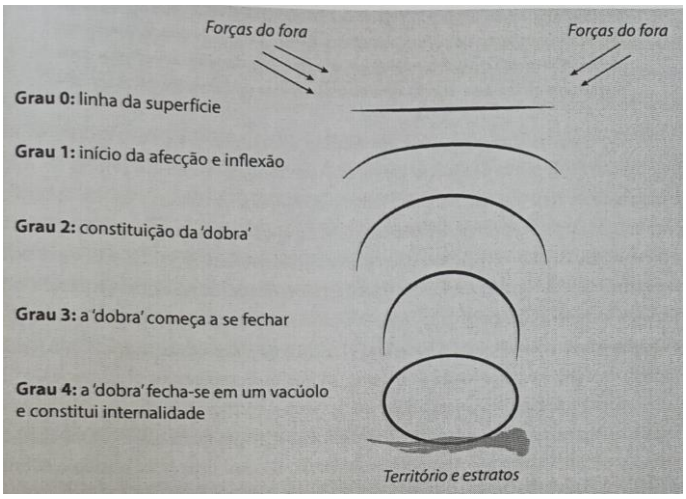
Viver na sociedade atual é ação perturbadora e complexa, pois é no presente que acontecemos, entre vontade, desejos e inquietações, fronteiras com o passado, o vivido, experimentado pelos lugares que de alguma forma e por algum tempo habitamos.

Assim, produzir uma rostidade de Deus é caminhar e driblar um corpo de sentidos, materializar o não visto, mas o ouvido e o sentido através de "palavras de ordens" dissolvidas na família, nos templos, nas ruas, na mídia, na canção, no cinema, na poesia da natureza, no movimento transeunte, da transcendência a imanência.

Uma rostidade estampada nos corredores e salas de aula, nos *entreespaços* da escola, das falas, da "grade disciplinar", no vazio curricular, nas práticas das professoralidades. Em uma das *grafoconfeitarias*, houve uma discussão sobre Deus ser seletivo ou não, quando *Rapadura* afirma: "no juízo final Deus vai escolher*"*. Açúcar purgado interpela-o dizendo: "Talvez é a nossa interpretação que é muito seletiva do que seja Deus".

Desse modo, entre essa rostidade mapeada nas telas produzidas do que seja Deus e do atravessamento da dimensão do sagrado no espaço escolar, cartografamos não só os refluxos maquínicos, mas também linhas de fugas, "resultantes da atividade da força de dobrar-se sobre si mesma. Então, há uma autoafecção que expressa o movimento de uma força que se dobra, que faz um arco, vai e volta, produzindo nova configuração que não se restringe às relações de poder" (Hur, 2021, p. 51).

Figura 18 - Constituição da dobra



Fonte: Hur (2021).

Guattari (2012) nos diz que "um artista plástico cria novas formas a partir da palheta de que dispõe" (Guattari, 2012, p. 17). Na direção desse pensamento, entendemos que a partir do rosto de Deus expresso por cada estudante em suas telas e na tradução que fizeram, especialmente do que emergiram das fissuras nesses *entreespaços* de cores e formas, há a produção de um modo de vida, uma maneira de viver. Deleuze (2002) afirma que Espinoza ao definir o corpo estabelece duas proposições:

> [...] de um lado, um corpo, por menor que seja, sempre comporta uma infinidade de partículas: são as relações de repouso e de movimento, de velocidade e lentidões entre partículas que define um corpo, a individualidade de um corpo. De outro lado, um corpo afeta outros corpos, ou é afetado por outros corpos: é este poder de afetar e de ser afetado que também define um corpo na sua individualidade. [...] A segunda proposição referente aos corpos nos remete ao poder de afetar e de ser afetado [...] os corpos e as almas não são para ele nem substâncias nem sujeitos, mas modos [...] (Deleuze, 2002, p. 128-129).

Os estudantes circulam e fazem circular no espaço escolar maneiras de ver, viver e se relacionar com o mundo a partir do modo como foram sendo afetados, seus corpos não estão separados de suas relações com o mundo, "a velocidade ou a lentidão dos metabolismos, das percepções, ações e reações entrelaçam-se para constituir tal indivíduo no mundo" (Deleuze, 2002, p. 130). Assim sendo, a composição de si é uma composição de encontros, pois é na imanência dos acontecimentos que nos fazemos, nos desfazemos e nos refazemos. Das palhetas de suas experiências os estudantes criam um modo de viver e agir no mundo. Rostos também em (des)construção, rostidades sendo pintadas entre suas próprias demolições. Nessa direção, esses estudantes apresentaram-se ao apresentar o rosto de Deus, resultante de suas práticas natural e ou/social do mundo que os circundam. Então, a rostificação que produziram de Deus é também uma denúncia dos modos de estar, atravessar, e ser atravessado no espaço escolar. Desse modo, nos compomos não apenas do que foi fabricado em nós, mas também do que ajudamos a produzir.

Água pro morro, Erbo Stenzel, (1944) [52]

Já se pode ver ao longe
A senhora com a lata na cabeça
Equilibrando a lata vesga
Mais do que o corpo dita
Que faz o equilíbrio cego
A lata não mostra
O corpo que entorta
Pra lata ficar reta
Pra cada braço uma força
De força não geme uma nota
A lata só cerca, não leva
A água na estrada morta
E a força que nunca seca
Pra água que é tão pouca

(Vanessa da Mata e Chico César)

[52] A reprodução da escultura "Água para o Morro" de Erbo Stenzel de 1944, está localizada na Praça José Borges de Macedo que fica na parte de trás do Paço da Liberdade em Curitiba, além das Arcadas do Pelourinho, onde vendem-se flores, revistas e café, inaugurada em 15 de maio de 1996. Foto disponível em: https://www.flickr.com/photos/eduardopa/15805639124. Acesso em: 27 jun. 2023.

UM APARTE, UM ATÉ LOGO!

De minha ansiedade escoam palavras...visões, (des)ilusões. Olho para trás na tentativa de mensurar o que me aconteceu, "vejo-me ao longe" entre uma "escrita estrábica" de "um corpo que entorta", racha. Em meio a "um equilíbrio turvo", busquei Deus no crente, no ateu, na rua, no lar, no templo, no verbo e no olhar, cheguei espaço escolar.

Quantos braços, mãos, bocas, olhos, ouvidos, pele e epidermes, emergiram grafando os traços dessa escrita rizomática, grafoconfeiteira, tensa, intensa "que cerca, mas não leva", pois não finda, só (re)começa. Saltei janela(s), caminhei estradas, pés descalços, estantes, tinta, papel, óculos, binóculos, coração, agi contra o tempo, no tempo!

Entrei, saí, pálida crisálida, transformações. Cantei, chorei, fui embora, voltei. Estando não era, sendo já não estava mais. Dissolução, absolvição, coragem, resistência, insegurança(s)... Linhas em fuga, molares (des)integração.

Se canto é porque vivo, se vivo é porque sobrevivo... plano de imanência, educação, religiosidade, expressão, criação, construção, multiplicidades, subjetividades, artistagens, estudantes, professoralidades, intensidades ... Quantos jogos e palavras me compõe? Sou? Sou... sons, sorrisos e lágrimas, "força que nunca seca".

Elisangela Lima Mascarenhas

Depois de tanto caminhar, surge o (des)caminho, conceptos novos. Percorri no *entre.* Deslizando *entre* labirintos semânticos, manobras... tantas dobras e (des)ordens. Raspei palavras limando a mim mesma. Atravessei veredas escorregadias, provisão de vozes, termos, sentidos, pausando (re)pousos, (pró)seguindo entre trilhas rizomáticas, teatro, vida real, drama, comédias humanas, escutas despedaçadas, quantas lágrimas, quantos sorrisos! **Entre pedaços vazou um aparte, que parte desse tempo final da escrita, explosão!**

Da menina que saiu da janela, ergueu-se a mulher "que o corpo (não)dita", fazendo do meu "equilíbrio cego" pontos para conexões, acontecimentos. "A ideia deleuziana de acontecimento implica a afirmação da conexão de heterogêneos, a necessidade do acaso, a surpresa dos devires" (Zourabichvili, 2016, p. 11). *Entre* esses circuitos ACONTECI juntamente com a pesquisa! **Não sou a mesma dos grafos iniciais, não estou no mesmo lugar de origem dessa escrita. Estou de passagem, continuarei (re)nascendo *entre* as pluralidades dos (des)encontros e a multiplicidade das despedidas, sou travessia.**

Inicialmente, narro as marcas da minha religiosidade atravessada por experimentações domésticas, nas lembranças me distraio, saio da estrada, vou para o acostamento, aprecio outras paisagens, retorno, fico à espreita. Nesse movimento alguma coisa me toca, dos (re)encontros na *entressala,* abro fissuras no instituído, e me posiciono para criação de novos possíveis. Zourabichvili (2016), diz que "é preciso que algo *force* o pensamento, abale-o e o

arraste numa busca; em vez de uma disposição natural, há uma incitação fortuita, contingente, que depende de um *encontro*" (p. 51). Assim, nos colocamos em conexão com novas forças, entre os grafos repartidos, e uma escrita rasgada, surgem as rachaduras e a *grafoconfeitaria*.

Nas rachaduras iniciais, traçamos a implicação com o tema e a aproximação com o campo de pesquisa. Das minhas andanças professorais, busquei em um território intervalar escavar sobre a seguinte questão: Quais as implicações do sectarismo religioso e os processos de subjetivação de jovens e quais suas ressonâncias nas práticas curriculares? Apoiada numa imagem-conceito emergente do rizoma pensado por Deleuze, busquei fazer uso do pensamento, dos encontros, instituindo uma necessidade de atenção à multiplicidade e suas conectividades. Compreendendo que mais importante do que o pensamento é o que nos força a pensar. Desse modo, me coloquei "*no meio, entre as coisas, inter-ser, no intermezzo*" (Deleuze; Guattari, 2011a, p. 48).

Seguindo *entre* as rachaduras, traçamos os caminhos metodológicos que nos possibilitaram a traçar uma rota que fora constituída no plano da imanência, ao nos lançar na pesquisa, na perspectiva da Filosofia da Diferença, a cartografia foi o método que nos tencionou e nos colocou nas desestabilizações do *entre*, assim, pude deixa-me afetar pelas intensidades.

Entre os estudantes e suas narrativas, *entre* dizeres e pensares, *entre* processos de subjetivação e atravessamentos religiosos, e considerando que "cada indivíduo é um exemplar que garante em si a sua univocidade" (Raic, 2020, p. 109), pensamos a religiosidade enquanto linguagem que comunica e produz modos de existência. Assim, os estudantes deixaram escapar, nos movimentos *grafoconfeiteiros*, histórias de vidas atravessadas pelas marcas religiosas, que se desdobram em comportamentos preconceituosos, excludentes, submissos a um Deus humanizado por líderes religiosos e uma política social que não valoriza a diversidade.

Assim, o horizonte que se apresentou no mapa dos nossos encontros esquizodramáticos, *grafoconfeiteiros*, expõe um espaço escolar cunhado em imagens dogmáticas de pensamento que compõe o conjunto de corpos que participam desse espaço. Conforme Tadeu, Corazza e Zordan (2004),

> O perigo das imagens de pensamento não se deve ao fato de serem encontradas na "boca do povo" ou servirem como estandartes para suas crenças. Não é a natureza das imagens, nem seus graus de incidências sobre territórios que estereotipam devires, transformando blocos de sensação em clichês representacionais, mas sim o tipo de uso a que se prestam. O problema dos clichês, imagens estratificadas, não são as formas-forças-

> conteúdos que estão em jogo nas imagens e sim sua serventia ao senso comum.

Pudemos perceber nos discursos dos estudantes (re)afirmações da hegemonia religiosa e tentativas de silenciamento de religiosidades *outras*, contrariando não só o princípio da laicidade preconizada pelo Estado, mas do próprio direito à diferença, a diversidade. O que observamos, ainda, é a prevalência da hegemonia das culturas cristãs, ratificando a ideia de que o espaço escolar ainda possui práticas universalistas em suas linhas e *entre*linhas. Isso fica explicitado quando os estudantes rechaçam a cena dos filmes que trazem expressões das culturas afrodescendentes.

Nessa direção, pudemos perceber como certos significados vão sendo agenciados maquinicamente, produzindo modos de existência modelares. Quando analisamos a construção do rosto de Deus, localizamos significados produzidos maquinicamente pelas instituições (família, templos, sociedade e suas tradições, e outras), corporificando, assim, modelos de "perfeição", valores morais, binarismos de gênero e religiosos, reforço ao sectarismo religioso vigente, ou seja, há nesse espaço uma subtração da diferença, tornando o pensamento totalmente representativo.

Esses binarismos são os mesmo que repartem a realidade entre certo e errado, bem e mal, permitido e proibido, e não propriamente o que passam a instituir estas oposições se deslocadas pela potência da criação. Contudo, nesse panorama também nos deparamos com aqueles estudantes que apresentam indignação com posturas intolerantes e excludentes. Essas composições impregnam o sentido do currículo. Como afirma Corazza (2010, p. 158), "o sentido de um currículo é a sua própria gênese, pressuposto desde que um Eu começa a falar ou escrever 'currículo'" (grifo do autor).

Desse modo, o currículo que vai se constituindo entre esses bordados, alinhavos, pinturas e ressonâncias é parte de representações que não nos oferecem possibilidades, senão comodidades. Emergindo nesse espaço incômodos de todas as direções (estudante-professores-gestão) a pensar o currículo não de forma categorizada, nem adaptativa, mas um currículo "aberto às possibilidades formativas dos sujeitos" (Raic, 2020, p. 132), "em devir, que não se chega a um estado, a uma estabilidade" (Raic, 2020, p. 135). Concordo com Raic (2020), quando diz:

> Currículo é constituído nas tensas relações que se estabelecem entre documentos oficiais, as histórias de vida de professores e alunos, em determinadas formações sociais, enfim, em todas essas multiplicidades que podem se conectar e conjugar desejos (Raic, 2020, p. 138).

Já caminhando para as linhas finais desta escrita, busco Guin (2019, p. 159), que no seu livro *A mão esquerda da escuridão* disse: “aprender quais perguntas são irrespondíveis e não respondê-las, ou não respondê-las completamente, porque nada está completo”. E que graça teria se as tivessem. O que moveria nossos corpos? O ato da pesquisa nos proporciona movimento (e como nos movimentamos?). E, quanta força produz o encontro *entre* os corpos, as travessias, composições de/em si(fonias)!

Atravessar as estradas da educação é esse caminhar com “lata na cabeça”, travessias (sem) direção, (des)equilíbrios, *entre*cruzamento de composições em força carregando *suasentremarcas* (processos de subjetivação). Corpos que se esparram e se misturam. Sagrados direcionando “equilíbrios cegos”, *entre* corpos *multi*lados, (des)potencializados, descaracterizados.

Que força é essa? Que estranha força essa, esse Deus! Para alguns, seleciona, julga. Rosto em contradita; rostificando “justiça/injustiça”, “imensidão, infinito/fim”, “luz/sombra”. Rosto rostificado – “*invisível-amor*, salvação!”. Estranha força carregam *meus*estudantes, linhas de fuga, “rompem a terra decidida” num “desejo de correr o mundo afora”, rosto *entre* rostidade e Criação!

Assim, desse *aparte* ao *até logo*, pois é chegada a hora de ir embora. Pego minha lata, ponho na cabeça e, *entre* flores e espinhos (pros)sigo... cantando...

Flor de ir embora
É uma flor que se alimenta do que a gente chora
Rompe a terra decidida
Flor do meu desejo de correr o mundo afora
Flor de sentimento
Amadurecendo aos poucos a minha partida
Quando a flor abrir inteira
Muda a minha vida
Esperei o tempo certo
E lá vou eu
E lá vou eu
Flor de ir embora, eu vou
(Painho) *agora esse mundo*(mestrado) *é* meu(**nosso)**

(Fátima Guedes)

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Verônica Domingues. **poli[AMOR]fia**: paisagens da docência. 2017. 217 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

AZEVEDO, Nisia Alejandra Rizzo de. O contra-frame como operador de análise de enquadramento. *In*: 19º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2021, Brasília. **Anais eletrônicos** [...]. Campinas: Galoá, 2021. Disponível em: https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2021/trabalhos/o-contra-frame-como-operador-de-analise-de-enquadramento?lang=pt-br. Acesso em: 18 jul. 2023.

BARROS, Manoel de. **O retrato do artista quando coisa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

BERGSON, H. **Matéria e memória:** ensaios sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução Paulo Neves. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

BERGSON, H. **Memória e vida**: textos escolhidos por Gilles Deleuze. Tradução Cláudia Berliner. Revisão de tradução Bento Prado Neto. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.

BRITO, Maria dos Remédios; GALLO, Sílvio (orgs.). **Filosofias da diferença e educação**. São Paulo: Livraria da Física, 2016.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento de Gutenberg a Diderot.** Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2003.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano:** 2 Morar, cozinhar. Tradução Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. 12. ed. Petropólis, RJ: Vozes, 2013.

CORAZZA, Sandra Mara. **O Que Quer um Currículo?** Pesquisas pós críticas em educação. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2001.

CORAZZA, S. M. Noologia do Currículo: vagamundo, o problemático, e assentado, o resolvido. **Educação & Realidade**, 27(2), p. 131-142, 2002. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25923. Acesso em: 23 jul. 2023.

CORAZZA, Sandra Mara. **Artistagens.** Filosofia da Diferença e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

CORAZZA, Sandra Mara. Os Sentidos do Currículo. **Revista Teias**, [S.l.], v. 11, n. 22, p. 16, ago. 2010. ISSN 1982-0305. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24120/17098. Acesso em: 18 jul. 2023.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa:** Filosofia Prática. Tradução Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2002.

DELEUZE, Gilles. **A Dobra**. Leibniz e o Barroco. Tradução Luiz B. L. Orlandi. 6. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. 1972-1990. Tradução Peter Pal Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. Tradução Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa e o Problema da Expressão**. Tradução GT Deleuze – 12, coordenação Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2017.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Tradução Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018a.

DELEUZE, Gilles. **Cinema 1** – A imagem-movimento. Tradução Stella Senra. São Paulo: Editora 34, 2018b.

DELEUZE, Gilles. **Cinema 2** – A imagem-tempo. Tradução Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora 34, 2018c.

DELEUZE, Gilles. **Empirismo e Subjetividade**. Tradução Claudia Sant'Anna Martins. Revisão da tradução Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Editora Brasiliense, 2019a.

DELEUZE, Gilles. **Foucault.** Tradução Claudia Sant'Anna Martins. Revisão da tradução Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Editora Brasiliense, 2019b.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os Signos**. Tradução Roberto Machado. São Paulo: Editora 34, 2022.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 1. Tradução Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 2. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Claudia Leão. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs**, vol. 3. Tradução Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lucia Cláudia e Suely Rolnik. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs**, vol. 4. Tradução Suely Rolnik. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2012b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs**, vol. 5. Tradução Peter Pál Pelbart e Janice Caila. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012c.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é Filosofia**. Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escura, 1998.

DERRIDA, Jacques; VATTINO, Gianni. **A Religião:** o seminário de Capri. 3. ed. São Paulo: Liberdade, 2018.

DUARTE, André; CÉSAR, Maria Rita de Assis. Hannah Arendt: pensar a crise da educação no mundo contemporâneo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 823-837, 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/ep/v36n3/v36n3a12.pdf. Acesso em: 30 out. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Anna Cristina Pegoraro de. **Espiritualidade e sentido de vida na velhice tardia**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação Strictu Senso em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** Nascimento da prisão. Tradução L. M. Pondé Vassallo. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 1996

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do sujeito**. Tradução Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Subjetividade e Verdade**. Tradução Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.

GALLO, Sílvio. **Currículo (entre) imagens e saberes.** Palestra proferida no V Congresso Internacional de Educação, São Leopoldo: Pedagogias (entre) lugares e saberes, 2007.

GALLO, Silvio. **Deleuze & a Educação.** 3. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.

GALLO, Silvio. **Subjetividade, ideologia e educação**. 2. ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2019.

GALVÃO, Joyce. **Ingredientes para uma Confeitaria Brasileira**: reflexões para uma nova confeitaria. São Paulo: Companhia de Mesa, 2021.

GALVES, Mariana de Castro Pareja; ELEUTÉRIO, Hélio. **Técnicas de confeitaria**. São Paulo: Érica, 2014.

GIOVANETTI, José Paulo. Psicologia e espiritualidade. *In*: AMATUZZI, Mauro Martins (org.). **Psicologia e espiritualidade**. São Paulo: Paulus, p. 129-145, 2005.

GUIN, Ursula K. Le. **A mão esquerda da escuridão**. Tradução Suzana L. de Alexandria. São Paulo: Aleph, 2019.

GUATTARI, Félix. **Caosmose:** um novo paradigma estético. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica:** cartografia do desejo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

HUR, Domenico Uhng. **Psicologia, Política e Esquizoánalise**. 3. ed. Campinas, SP: Alínea, 2021.

HUR, Domenico Uhng. **Esquizoanálise & Esquizodrama:** Clínica e Política. Campinas, SP: Alínea, 2022.

HUR, Domênico Uhng; VIANA, Douglas Alves. Práticas grupais na esquizoanálise: cartografia, oficina e esquizodrama. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 68, n. 1, p. 111-125, abr. 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672016000100010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 17 jul. 2023.

JAMES, Willian. **As variedades da experiência religiosa:** um estudo sobre a natureza humana. Tradução Octávio Mendes Cajado. 2. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2020.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G. H**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MACHADO, R. (Org.). **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979. (Edição com base em textos de Michel Foucault)

MASCARENHAS, Elisangela Lima *et al.* Currículo Entre a Subjetividade e a Religiosidade. *In:* V COLÓQUIO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE QUESTÕES CURRICULARES e VI (IN)FORMACCE - 2021. **Anais** [...]. Salvador-BA: FACED-UFBA (ONLINE), 2021. Disponível em: https//www.even3.com.br/anais/vcoloquiolusoafrobrasileirodecurriculo/421685-CURRICULO-ENTRE-A-SUBJETIVIDADE-E-A-RELIGIOSIDADE. Acesso em: 10 ago. 2022.

MEIRELLES, Cecília. **Obra Poética**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Aguilar Editora, 1967.

NERI, Anita Liberalesso (Org.). **Palavras-chave em gerontologia**. 2. ed. Campinas, SP: Alínea, 2005.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2020.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia (orgs.). **Pistas do método da cartografia:** a experiência da pesquisa e o plano comum. Porto Alegre: Sulina, 2016.

PESSOA, Fernando. **O Eu Profundo e os Outros Eus:** Seleção Poética. Nota editorial de Afrânio Coutinho. 4. ed. Rio de Janeiro: J. Aguilar, 1975.

PLATÃO. **A República.** Tradução Leonel Vallandro. Edição especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. p. 279-319.

POLLAN, Michael. **Cozinhar uma História Natural da Transformação.** Tradução Cláudio Figueiredo. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2014.

RAIC, Daniele Farias Freire. **Nas Tramas da Pedagogicidade**. A Emergência Do Pedagogo-Bricoleur. 2015. 164 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

RAIC, Daniele Farias Freire. **O Pedagogo-Bricoleur.** Diferenças nas Tramas da Pedagogicidade. Curitiba: Appris, 2020.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão:** veredas. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SACCONI, Luiz Antonio. **Nossa gramática completa:** teoria e prática. 31. ed. revista. São Paulo: Editora Nova Geração, 2011.

SOARES, Leonardo Barros; MIRANDA, Luciana Lobo. Produzir subjetividades: o que significa?. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 408-424, set. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812009000200010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23 jun. 2023.

TADEU, Tomaz; CORAZZA, Sandra; ZORDAN, Paula. **Linhas de Escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. Disponível em: file:///D:/Usuario/Downloads/Linhas_de_escrita_05082004_pdf. Acesso em: 28 jun. 2023.

VATTINO, Gianni. O Vestígio do Vestígio. *In*: DERRIDA, Jacques; VATTINO, Gianni. **A Religião:** o seminário de Capri. 3. ed. São Paulo: Liberdade, p. 91-107, 2018.

WILLIAMS, J. Pós-estruturalismo. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

ZOURABICHVIL, François. **Deleuze:** Uma Filosofia do Acontecimento. Tradução Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2016.